

ENFRENTANDO RACISMO E DESIGUALDADES DE GÊNERO

Guia de Metodologias



EXPEDIENTE

Instituto Promundo (Brasil)
SCN Quadra 01, Bloco E, Sala 202
CEP 70711-903, Brasília, DF
www.promundo.org.br
promundo@promundo.org.br

Miguel Fontes, PhD
Diretor Executivo

Luciano Ramos
Consultor Sênior de Programas

Produção de Conteúdo
Maria Corrêa e Castro
Ana Nery Correia Lima
Raquel Rodrigues de Oliveira
Luciano Ramos
Luiza Tanuri

Revisão de Texto
Bruna Martins
Sabrina Dias

Parceria
Kindernothilfe (KNH)
Comic Relief

Apoio
Alegria Ahoi

Projeto Gráfico
Beatriz Martins

AGOSTO 2020

SUMÁRIO

Capítulo 1 Construindo novas práticas!pg 8

- 1.1 Para compreender raça ...
- 1.2 Para compreender gênero ...
- 1.3 Para construir novas práticas...

Capítulo 2 Pra dentro e pra fora.....pg 30

Diagnóstico e construção do perfil do grupo
Monitoramento

Capítulo 3 Mão na massa.....pg 42

- Atividade 1: Construção coletiva do Código de convivência
- Atividade 2: Quem eu sou e como me identifico?
- Atividade 3: Nossos passos vêm de longe.
- Atividade 4: Ressignificando palavras e expressões
- Atividade 5: Construindo ambientes mais seguros
- Atividade 6: Roda de conversa: Meu cabelo é lindo!
- Atividade 7: As Histórias que não nos Foram Contadas
- Atividade 8: A bola da vez
- Atividade 9: Meu corpo no mundo
- Atividade 10: Será que eu posso contribuir?

Capítulo 4 Para saber mais.....pg 143

Capítulo 5 Glossário.....pg 162

Referênciaspg 198

APRESENTAÇÃO

Esse caderno faz parte de um conjunto de materiais pensado pelo Instituto Promundo em parceria com KNH Brasil, Comic Relief e Alegria Ahoi, que compõem uma coletânea pensada para apoiar o trabalho de educadoras e educadores junto a adolescentes e jovens na reflexão sobre as questões que envolvem gênero, raça, diversidade e cultura nos espaços formais e não formais de educação.

O Instituto Promundo, que historicamente, trabalha com ressignificação de masculinidades para o alcance da equidade de gênero, entende que abordar a temática do racismo em um caderno metodológico de atividades faz-se necessário, pois em muitos contextos as violências baseadas em gênero se associam à prática do racismo, por meio de uma leitura interseccional.

Este material pretende ainda, trazer ferramentas para profissionais nas mais diversas áreas que trabalham com educação para lidar com as questões raciais e de gênero que permeiam as relações e estruturas da nossa sociedade e que estão presentes na escola, nas comunidades e em outros espaços de atuação.

Objetivando criar espaços para reflexões sobre nossas ações cotidianas, sobre quem somos e de onde viemos, o caderno tem como principal função construir imagens afirmativas e verdadeiras da população negra e suas contribuições históricas e contínuas para a formação da sociedade brasileira. Importante salientar que o caderno pretende, ao abordar a temática, contribuir para o empoderamento de adolescentes e jovens pretos e pretas em suas convivências sociais bem como chamar para reflexão e debate adolescentes e jovens brancos e brancas - comunidades, famílias, grupos, relações entre pares - com base num processo de educação circular e horizontal em uma perspectiva de apropriação histórica, ressignificação de suas realidades e criação de novos panoramas futuros.

Importa também dizer que este caderno dialoga com as questões de gênero buscando refletir sobre formas de ser que são socialmente (re)produzidas por todas as pessoas na sociedade. Estas reproduções, ou seja, modos de agir, são aprendidos e interiorizados desde antes do nascimento e dependendo das marcas identitárias (como classe, raça, gênero, territorialidade, etc.) posições hierárquicas de poder com maior ou menor prestígio determinarão o exercício pleno de cidadania, acessos à direitos e até a violação ou não do direito à vida de determinadas pessoas.

Deste modo, para uma educação antirracista, inclusiva e que reconheça a diversidade é preciso que se leve em conta que essas questões de Gênero e Raça permeiam os espaços e processos de ensino e aprendizagem formais e informais, sendo estes lugares muito importantes para a formação de bases constituintes do processo e construção da cidadania. Logo, refletir sobre estas temáticas e propor ações para equiparação destas desigualdades torna-se fundamental para contribuição de uma sociedade menos racista, LGBTQIfóbica, sexista e machista. Neste sentido, este caderno apresenta conceitos básicos propondo uma reflexão sobre práticas educativas mais inclusivas e que reconheçam e afirmem as diversidades.

No primeiro capítulo “Construindo novas práticas” são apresentados conceitos fundamentais para a construção de práticas educativas mais inclusivas. No primeiro tópico são trazidos conceitos como raça, gênero, identidades, a fim de se balizarem juntamente com as atividades práticas propostas o fortalecimento das imagens de si e do outro a partir das percepções das marcações identitárias positivadas. Com isso esse capítulo tem como objetivo reforçar conhecimentos já existentes e propor novas possibilidades de aprendizado para que educadores, fa-

O segundo capítulo “Pra dentro e pra fora”, uma atividade de diagnóstico ajudará o facilitador a conhecer o grupo suas habilidades, desejos, sonhos e um pouco da vida e da realidade dos participantes. Essa etapa é primordial para auxiliar o planejamento das atividades que serão desenvolvidas ao longo do projeto. Pensando em uma forma de monitorar o desenvolvimento e a crescimento do grupo, encontramos também nesse capítulo o “Diário de Bordo”, um registro das impressões, discussões e conclusões dos participantes acerca do trabalho desenvolvido. Esse diário é construído em grupo durante cada atividade vivenciada.

No terceiro capítulo, “Mão na Massa” é apresentado um cardápio de atividades práticas que buscam desenvolver, com adolescentes e jovens, novas maneiras de se relacionar com os meios sociais onde vivem, circulam e constroem relações. O grupo será convidado a vivenciar experiências relacionadas aos temas gênero e raça a partir do diálogo com o que cada um traz de seu território e comunidade.

Na seção “Para saber mais” dicas de conteúdos para aprofundar os estudos sobre os temas do caderno e um Glossário com todos os verbetes necessários para a construção desse material.

capítulo 1

CONSTRUINDO NOVAS PRÁTICAS!

As variadas identificações que perpassam a constituição de sujeito carregam consigo diversas marcações, sejam elas de raça, etnia, classe, gênero, território, entre outras, o que permite caracterizar esse processo como um mosaico de formas e contornos diversificados e assimétricos, tendo em vista sua amplitude e heterogeneidade. Pensar as categorias destacando suas (de)marcações (gênero, raça, orientação afetivo-sexual, etariedade, etnia, etc.) consiste em um jogo duplo onde ao mesmo tempo essas identidades são produzidas e reproduzidas na tentativa de eliminar suas proposições engessadas. Quando se fala em gênero e raça, por exemplo, o tema da identidade é fundamental, já que codificar corpos atravessados por determinadas marcações perpassa uma questão importante em nossas práticas culturais.

O conceito de identidade é historicamente construído em meio a uma série de interseções que diferem dependendo da cultura. Os vários discursos em torno das representações sociais, também não abarcam nem oferecem respostas capazes de dar conta de explicar esses processos de construção identitária.

Pensar as identidades que atravessam gênero e raça, por exemplo, é também desafiar as constituições múltiplas que sujeitos reivindicam para si. A produção da autoidentificação racial ou de gênero perpassa não somente a categorização de si que se estabelece a partir da identificação com o outro, mas, também, pela construção e escolha que se faz da sua identidade, a partir da sua trajetória de vida e das suas subjetividades.

Juntamente com a raça, as marcações de gênero são importantes para compreensão dos lugares sociais ocupados na sociedade e sua relação com processos de poder, desigualdades e/ou discriminações. A forma como se constroem e reproduzem essas identidades, como as pessoas lidam com a percepção do outro e com práticas discriminatórias dependem também da forma como se compreendem essas marcações e como elas são acionadas em determinados contextos. Em determinadas situações, por exemplo, pessoas deixam de ser selecionadas em vagas de trabalho, porque estão fora de um padrão de beleza considerado aceitável pela sociedade, ou porque são imigrantes, ou por serem transexuais.

Marcações identitárias são um termo usado para definir modos de identificação que são atribuídos a pessoas ou grupos de pessoas, tais como gênero, orientação afetivo-sexual, raça, classe social, etc. Essas “marcas” ou demarcações sociais são vistas como categorias nas quais as pessoas são socialmente identificadas. A partir dessas, determinados grupos de pessoas sofrem mais processos discriminatórios, como LGBTQIA+¹, mulheres e homens negros, indígenas, etc.

1 A sigla se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Transexuais/Travestis, Queer (estrangeirismo que se refere aos chamados não binários, que transita entre os gêneros masculino e feminino), Intersexo e os Assexuais. O sinal de mais se refere às demais possibilidades de orientação sexual-afetiva e identidades de gênero. Explica-se mais detalhadamente no decorrer do texto.

Assim, além da marcação de raça, o marcador de gênero deve ser pensado como uma questão importante para compreensão de como meninos e meninas, homens e mulheres, adolescentes, jovens e adultos de um modo geral se constroem como sujeitos de direitos e criam estratégias para lidar com preconceitos e discriminações em determinados contextos.

A interseccionalidade pode ser pensada como um meio para se estudar os significados e as consequências de múltiplas categorias de pertença identitárias, como mencionado mais acima. Ocorre a partir da afirmação da coexistência de diferentes vulnerabilidades, violências e discriminações, também chamadas de eixos de subordinação, que acontecem de modo simultâneo na vida das pessoas. A percepção a partir da interseccionalidade ajuda a perceber como as demandas e agendas políticas de determinados segmentos, como no caso das mulheres negras, ainda se encontram escamoteadas e estigmatizadas por conta do racismo e do sexismo, que se apresenta como um problema estrutural na sociedade brasileira.

Para visualizar a interseccionalidade de forma mais prática, observe o poema da escritora Audre Lorde (1997, p.06):

1.1 PARA COMPREENDER RAÇA...

Para compreender os processos de racismo, tão perversos na sociedade, é preciso primeiro entender a origem do conceito de raça como uma tecnologia de classificação de seres vivos, a fim de separá-los por grupos a partir de suas semelhanças e diferenças.

A partir da expansão marítima europeia do século XVI e XVII, o ideário de uma cultura europeia como sendo única e modelo a ser seguido pelo mundo começou a ser disseminada e, com isso, o ideário do branqueamento passava a assumir uma função ideológica importante, transformando-se num discurso que conseguiria se espalhar por todo o mundo, inclusive, influenciando religiões e políticas.

O Colonialismo Europeu se valeu dessa tecnologia como forma de inferiorizar homens e mulheres negros e indígenas, justificando a escravização desses povos a partir de sua visão sobre o que seria Civilização. Este acontecimento é caracterizado pelo que chamamos de Etnocentrismo: crença em que o seu grupo originário é melhor e superior aos outros grupos, visto como o centro do mundo, origem de todo saber. A partir desta maneira de pensar, acredita-se que é de direito julgar, classificar, hierarquizar e negar o que for diferente da sua cultura, crenças e valores, instituindo, assim, uma relação de poder baseada em preconceitos e dominação cultural.



“Eu nasci negra e mulher. [...] Como **negra, lésbica, feminista, socialista, poeta, mãe** de dois filhos, incluindo um garoto, e membro de um **casal interracial**, eu normalmente me vejo enquanto parte de algum grupo no qual a maioria me define como desviante, difícil, inferior ou simplesmente “errada”. A partir da minha participação em todos esses grupos eu aprendi que a opressão e a intolerância em relação à diferença vem em todos os tamanhos e sexos e cores e sexualidades; e entre aqueles de nós que compartilham dos objetivos de liberação e um futuro viável para nossas crianças, não pode haver hierarquias de opressão”

Audre Lorde

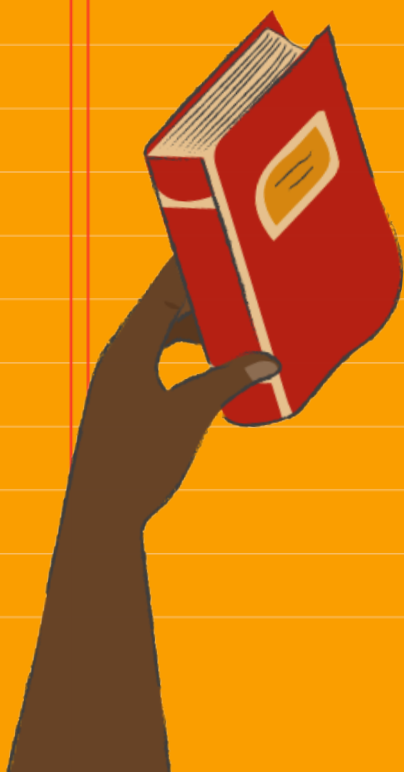
No poema, as palavras em negrito (grifo nosso), destacam as marcações a que a poeta se identifica. Assim, a interseccionalidade baliza a análise dos diferentes fatores que incidem sobre cada pessoa e/ou grupo, de modo a produzir as condições materiais, culturais e simbólicas em que vivem. Nesse sentido, as mulheres negras podem ser pensadas a partir desta análise, enquanto sujeitos que experimentam várias hierarquias de subordinação, como raça, classe, gênero, orientação sexual, territorialidade, entre outras.

Fundamentados no Etnocentrismo, apoiados por ciências como a Biologia, a Antropologia e a Geografia, e servindo de teorias como o determinismo biológico, que afirmava serem mulheres e homens negros, biologicamente inferiores aos brancos, o colonialismo europeu seguiu para novos territórios buscando pessoas que pudessem servir a seus propósitos políticos e econômicos.

Assim, podemos perceber que a categoria “raça” não é científica. As diferenças atribuíveis à “raça” numa mesma população são tão grandes quanto aquelas encontradas entre populações racialmente definidas. “Raça” é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão, ou seja, o racismo. Se nos apoiarmos ao pensamento do professor Kabenguele Munanga, da Universidade Estadual de São Paulo, vamos compreender que do ponto de vista científico não existem raças humanas; há apenas uma raça humana.

Mas se formos pensar do ponto de vista social e político é possível (e necessário) reconhecer a existência do racismo enquanto atitude. Por isso o professor Munanga

(2008) nos ensina que só há sentido em usar o termo raça em uma sociedade racializada, ou seja, que define a trajetória social dos indivíduos em razão da sua aparência. Por isso, o conceito de raça, como é empregado hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todos os conceitos de ideias, ele esconde algo não revelado objetivamente: a relação de poder e de dominação.



De outro modo, a forma como se compreende raça em algumas culturas é determinada pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco, mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso, o conteúdo dessas palavras é político-ideológico e não biológico.

No Brasil, esse processo de ideologia racial foi amparado fortemente nas chamadas teorias raciais, mais difundidas a partir do século XIX, quando tiveram extrema influência dos intelectuais europeus, o que pode ser comprovado pelas teorias do branqueamento, que foram demasiadamente disseminadas por intelectuais nacionais como Nina Rodrigues, Batista Lacerda, Monteiro Lobato, entre outros.

Segundo o filósofo Silvio Almeida, o conceito de raça opera a partir de duas características básicas de todo ser humano:



a característica biológica
a identidade racial é atribuída por algum traço físico como a cor da pele, cabelos e fenótipos.



a característica étnico-cultural
associada à origem geográfica, a religião, a língua ou outros costumes.

Refletir sobre a categoria raça é importante para compreender como determinados grupos de pessoas podem ser excluídas ou não da sociedade, e como esses grupos reagem a essas classificações, a partir de suas marcações identitárias e/ou dos seus posicionamentos políticos mediante determinados contextos. Utilizar dessa maneira o conceito de raça é importante para problematizar o modo como as pessoas são socialmente racializadas nas práticas sociais em que vivem, compreendendo que a marcação racial consiste num elemento fundamental na sociedade brasileira.

É coerente, ainda, ressaltar que, embora a “raça” a partir de uma explicação biológica não seja um fator consistente para explicar processos de exclusão, ainda assim esse evento não garante, automaticamente, relações sociais igualitárias. Nesse sentido, o estudioso Sergio Pena ressalta que independente dos clamores da genética moderna de que a cor do indivíduo é estabelecida por apenas um punhado de genes, totalmente desprovidos de influência sobre a inteligência, talento artístico ou habilidades sociais, os fenótipos e, principalmente, a pigmentação da pele, ainda parecem ser elementos predominantes na avaliação social de um indivíduo e, talvez, as principais fontes de preconceito.

Assim, embora as classificações raciais não encontrem parâmetros biológicos ou comprovações genéticas para se sustentarem, o processo histórico Ocidental de reificação construiu elementos para tornar a racialização dos indivíduos um dos fatores de determinação fundamentais para os processos de exclusão nas sociedades, como no caso do racismo.

Desde o mapeamento do genoma humano a teoria do determinismo biológico caiu por terra, viemos todos do mesmo lugar e biologicamente somos iguais, e a Antropologia demonstra que todas as culturas são únicas e valorosas entre si, não existem motivações que justifiquem a hierarquização entre as pessoas.

Por tudo isso, entendemos o racismo como um processo histórico e uma forma de discriminação, que tem como base a diferença racial e que se manifesta a partir de atitudes conscientes ou não, tendo como fim inequívoco a manutenção de privilégios de um grupo em detrimento de outro.



1.2 PARA COMPREENDER GÊNERO

As marcações de gênero são, em nossa sociedade, muito caras ao processo de construção de sujeitas e sujeitos. Juntamente com outras marcações, o recorte de gênero e suas relações devem ser incluídos em todos os debates, estudos e movimentações da contemporaneidade. É compreensível que as reflexões mais atuais sobre essas áreas, direcionadas para recortes raciais, de gênero, classe, entre outros, de forma interseccionada, conseguem alcançar compreensões e/ou resultados mais igualitários à realidade social. As movimentações geradas na sociedade pelos movimentos queer, LGBTQIA+ e feminismos negros em prol do bem viver, e as reflexões a partir dos movimentos decoloniais trouxeram outras percepções sobre grupos que sempre foram marginalizados na esfera social.

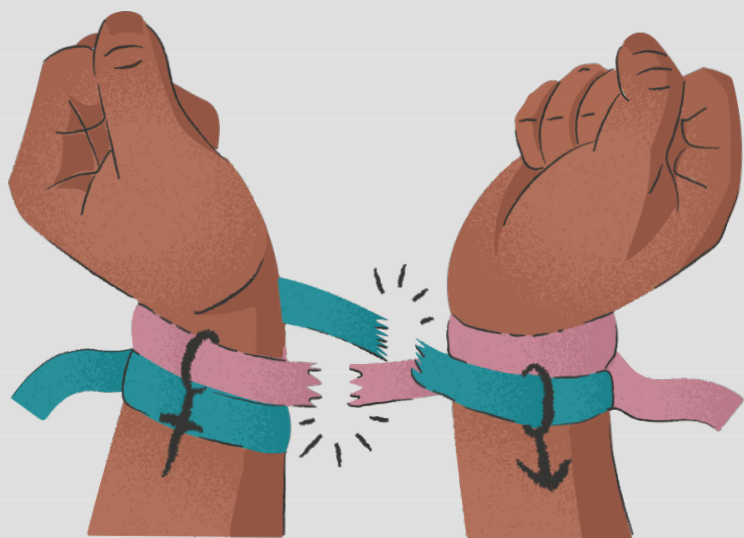
Essas movimentações têm trazido cada vez mais estratégias e proposições alternativas mais igualitárias, em oposição às opressões geradas pelas hierarquias de poder vinculadas a determinadas marcações identitárias.

Podemos considerar que gênero é um conceito que funciona também como uma categoria relacional no que diz respeito aos aprendizados e expectativas sociais do que é ser menino ou menina, homem ou mulher na sociedade. Todas as pessoas são atravessadas e construídas por esses aprendizados diários, mesmo sem se dar conta disso.

Como importante determinante social essa construção influencia o que devemos gostar (como cores, brinquedos e brincadeiras, vestuários), como devemos nos comportar, que profissões podemos e devemos seguir, por quem devemos nos sentir atraídos e atraídas afetiva e sexualmente, etc. Essas diferenças, quando associadas a outras formas de ver os marcadores sociais como crenças religiosas, políticas e determinados valores culturais são responsáveis também por atos discriminatórios.

Esses entendimentos sobre ser menino e menina, homem e mulher, embora pareçam naturais, não o são. Prova disso é a grande variedade de características de cada pessoa, que mudam de acordo com a cultura e história de cada sociedade. Isso acarreta uma supervalorização dos papéis de gênero na sociedade, uma vez que o mundo público tem maior valorização. Mulheres e meninas são responsáveis pelas tarefas domésticas como, por exemplo, o cuidado com a casa, enquanto os homens e meninos, ficam incumbidos daquilo que é externo, como o sustento da casa.

Esses padrões construídos que podem ser interpretados como estereótipos, e que muitas vezes fogem do real, na verdade, trazem consequências para homens e mulheres. As mulheres precisam estar dentro de um ideal estético e de conduta, reforçados por uma pressão social que se demonstra de forma bastante violenta. Os homens, por sua vez, devem se comportar de forma “viril”, não demonstrar os sentimentos (ou falar sobre eles), o que por si só também se configura como uma violência.



Importante dizer que tanto os estudos de gênero como o próprio conceito da palavra se limitaram durante muito tempo a uma conceituação reduzida, como definição de padrões binários de homem x mulher. Com o tempo, os próprios grupos e intelectuais, passaram a ter outras percepções a respeito do termo e foram ressignificando esse conceito.

Quando o assunto é sexualidade, têm-se múltiplos padrões de moralidade como “dois pesos e duas medidas” quando se trata de comportamento sexual, um para meninas e mulheres e outro para meninos e homens. Nesse contexto, familiares, cuidadores e cuidadoras e profissionais das mais variadas áreas que lidam com crianças e jovens, podem pensar que estão protegendo as meninas e mulheres seguindo esses padrões estabelecidos, como se elas não merecessem respeito, pelo simples fato de existirem! É importante ter em mente que a sexualidade diz respeito a

A sociedade, contudo, costuma associar a sexualidade à reprodução, por isso o padrão que foi construído socialmente para práticas sexuais, valoriza a heterossexualidade e desvaloriza outras formas de se relacionar afetivo-sexualmente.

Ao pensar, por exemplo, em desigualdades de gênero no Brasil, não se pode desconsiderar outras marcações de identidades como a racial e étnica da sociedade brasileira. Importa considerar que as atitudes, costumes, práticas e comportamentos validam hierarquicamente um grupo em detrimento do outro, e denunciam as profundas desigualdades de gênero nos mais variados espaços sociais do país, devido ao processo histórico brasileiro que designou condições diferenciadas para determinados grupos (as mulheres negras, a título de exemplo) obterem acesso à cidadania plena.

O sexismo, por exemplo, é uma violência quando associado às práticas naturalizadas pelo racismo e pelo etnocentrismo na sociedade, da mesma maneira em que a LGBTfobia e a transfobia também são. Essa combinação é extremamente nociva e vem afetando a vida de milhões de mulheres negras, indígenas e comunidades LGBTQIA+, entre outros grupos ditos minoritários, afetando a vigência de uma democracia e sociedades mais igualitárias. Por isso, no contexto dessas discussões e movimentações, um dos maiores desafios tem sido superar os padrões normativos e os estereótipos sexistas, racistas, machistas, etnocêntricos, entre outros que prevalecem no nosso cotidiano.

RESUMINDO

SEXO

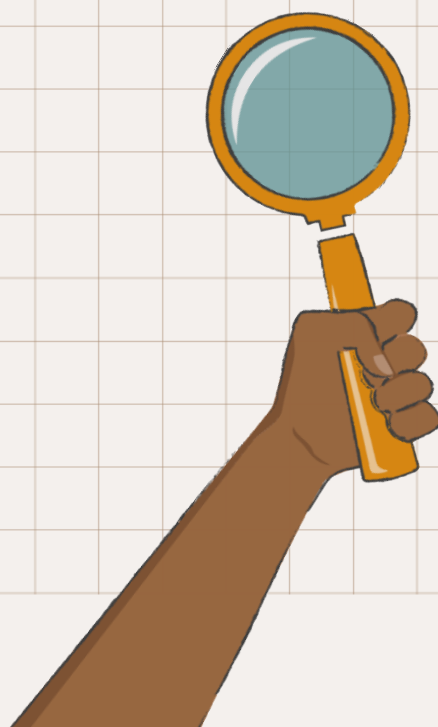
refere-se às características biológicas que identificam uma pessoa como mulher (vagina), homem (pênis) ou intersex (os dois sexos biológicos)

GÊNERO

refere-se à forma em que somos educadas e educados, ou seja, como nossas atitudes, comportamentos, jeitos acabam sendo determinados pelas expectativas que a sociedade tem sobre o que é ser menina ou menino, mulher ou homem

SEXUALIDADE

está ligada aos nossos sentimentos, emoções, sensações e desejos. Cada pessoa explora e vivencia sua sexualidade de um jeito diferente



IDENTIDADES AFETIVO-SEXUAIS

diz respeito à atração que se sente por outras pessoas. Sendo elas: Heterossexual (possuem afeto e/ou desejo sexual por pessoas do sexo biológico oposto); Homossexual (possuem afeto e/ou desejo sexual por pessoas do mesmo sexo biológico). A homossexualidade se subdivide em duas identidades: lésbicas (mulheres que se relacionam afetivo/sexualmente com outras mulheres) e gays (homens que se relacionam afetivo/sexualmente com outros homens); Bissexual (possuem afeto e/ou desejo sexual por pessoas de ambos os sexos biológicos); Assexual (não tem interesse pela atividade sexual. Assexuadas e assexuados podem ter interesse na formação de laços amorosos, mas não sexuais)

IDENTIDADES DE GÊNERO

é a forma como a pessoa se percebe em relação ao gênero que possui. Divide-se em três categorias, sendo Cisgênero (quando a pessoa se identifica, em todos os aspectos, com a identidade de gênero atribuída socialmente ao sexo biológico de nascimento), Transgênero (pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo biológico de nascimento – Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de submeterem-se às cirurgias para realizarem as adequações que julgam necessárias) e Não binária (pessoa que não se identifica com nenhum gênero. Não se define nem como homem, nem como mulher)



Cada letra da sigla LGBTQIA+ agrega um grupo de pessoas que se reconhece por uma orientação sexual ou uma identidade de gênero diversa daquelas que a sociedade convencionou como únicas (orientação heterossexual, gêneros masculino e feminino). Ela é a evolução de GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), de GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transexuais) e LGBT. Essas próprias mudanças na sigla - inserção de letra, retirada e reposicionamento - demonstram a evolução do movimento pela inclusão das pessoas em suas diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. L, G, B: o L diz respeito às lésbicas e o G aos gays, mulheres e homens, respectivamente, que sentem atração afetivo-sexual por pessoas do mesmo gênero que o seu; enquanto o B representa as pessoas bissexuais, que sentem atração afetivo-sexual por homens e mulheres. Até aqui, a sigla agrega grupos por orientações sexuais.



A partir do T, a sigla acolhe identidades de gênero dentro do amplo espectro de diversidade. Na primeira letra estão incluídos transgêneros, transexuais e travestis: pessoas que se identificam com um gênero diferente do que foi designado no nascimento. É o oposto da pessoa cisgênera (termo comumente usado na abreviação “cis”, que se refere as mulheres e aos homens que se reconhecem conforme seu gênero de nascimento). Uma pessoa trans-

Ela transgride os códigos sociais e culturais construídos e atribuídos a cada gênero, uma vez que transita entre eles.

A pessoa transexual tem uma expressa não conformidade com o gênero designado no nascimento, ao mesmo passo que se identifica com o oposto. Mulheres e homens transexuais empreendem mudanças no corpo para se sentirem no gênero adequado. Sobre travesti, há um entendimento de que seja o mesmo que transexual; sendo que o uso do termo seria anterior à difusão de informações sobre a transexualidade, que é recente. Devido à ignorância sobre o assunto, acabou surgindo uma marca social: “travesti”, sendo mais comum o seu uso, nas classes sociais mais baixas e marginalizadas.

Mas além dessa análise, há também a compreensão de que travesti é uma outra identidade de gênero, porque apesar de transitar pelo gênero oposto, a travesti não se sente, de fato, em não conformidade com o gênero masculino (como foi designado no nascimento), nem se sente, propriamente, do gênero feminino (como se traveste), diferentemente de mulheres trans.

Transgêneros, transexuais e travestis têm sido reunidos no termo transvestigênera.



Continuando a desvendar a sigla, o Q é de queer - quem transita entre os gêneros feminino e masculino, e mesmo em outros gêneros fora da binaridade masculino-feminino (o chamado não binário). A teoria queer afirma que a orientação sexual e a identidade de gênero são resultados de uma construção social e não de uma funcionalidade biológica.



A sigla I, que é mais recente, diz respeito ao intersexo - identidade de gênero de pessoas, cujo desenvolvimento sexual corporal (seja por hormônios, genitais, cromossomos ou outras características biológicas) é não binário, ou seja, não se encaixam na forma binária masculino-feminino.



A sigla A volta a se referir à orientação sexual. Agrega os assexuais aqueles que não sentem atração afetivo-sexual por outra pessoa, independente de orientação sexual e de identidade de gênero.



Por fim, o sinal de mais (+), que há uns anos foi incorporado à sigla, abriga outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero que existam. É o caso da pessoa que, do ponto de vista da orientação sexual, se define como pansexual, pessoa que sente atração afetivo-sexual independente da identidade de gênero da pessoa - seja mulher ou homem, cis ou trans, ou mesmo de outro gênero, como é o intersexo. É a orientação sexual mais fluida. A propósito, a sigla também já tem aparecido escrita com o P ao fim: LGBTQIAP+.

1.3 PARA CONSTRUIR NOVAS PRÁTICAS...

No Brasil, a população que se autodeclara negra corresponde a 56,10% da população total do país. Esse dado tem muito a revelar quando olhamos para o reflexo da sociedade nos espaços de poder e nas elites do país.

Potências em diversas áreas como ciência, tecnologia e artes, a herança cultural africana é parte fundadora e constituinte da nossa cultura. No entanto, é injustamente subjugada pelo racismo, que coloca grande parte dessa população à margem da sociedade.

Os dados sobre emprego e renda, violência e violação de direitos, e acesso a políticas públicas de qualidade apontam a população negra como a mais vulnerável na pirâmide social do país. Apesar de contar com a maior população negra fora da África, o Brasil tem muito a avançar na equiparação de direitos para essa população. Jovens negros residentes em periferias têm 2,7 mais chances de serem assassinados do que um jovem branco, morador de um bairro mais abastado dentro da mesma cidade. Mulheres brancas ganham 70% a mais que mulheres negras². Crianças negras são vítimas mais frequentes de violação de seus direitos, são as que mais sofrem com a exploração do trabalho infantil, são menos acarinhadas nas escolas de educação infantil, sofrem mais insucesso e evadem mais cedo da escola, estão em sua maioria vivendo nos bolsões de pobreza das grandes cidades.

2 <https://midia4p.cartacapital.com.br/mulheres-brancas-ganham-70-a-mais-que-as-negras-diz-ibge/>

Todas essas violências e violações estão fundamentadas no racismo e na violência de gênero, presentes na nossa sociedade e perpetuados por comportamentos institucionalizados e tidos como naturais. O que aprendemos nas aulas de História, Geografia, Artes, Biologia, etc. é pautado nos conhecimentos chamados eurocentrados, ou seja, que pautam o centro do saber no mundo a partir dos conhecimentos Europeus, que possuem na figura do homem branco, heterossexual e cristão seu maior representante. Por isso, pouco ouvimos falar em personalidades como: Kwame Nkrumah, Angela Davis, Maria Firmina dos Reis, Luis Gama, Abdias do Nascimento, Jesse Owens, Milton Santos³, Achille Mbembe, Otis Boykin Phillip Emeagwali, Katherine G. Johnson⁴, Bell Hooks, Bendito José Tobias⁵, Wilson Tibério, Lélia Gozalez, Frantz Fanon, Neil de Grasse Tyson, Virginia Bicudo, além de outros intelectuais e personalidades negras.

Todas essas personalidades figuram em diversas áreas como artes, esportes, filosofia, ciência, literatura, da mesma forma que outras pessoas brancas, as quais estamos mais acostumadas a ouvir e ler nos livros de história, revistas e até em programas de TV. Para uma educação antirracista e pautada na equidade de gênero é preciso que nosso olhar esteja atento às representações que temos como referência desde a infância.

3 https://www.ebiografia.com/biografia_personalidades_negras_importantes_historia/

4 <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/os-10-maiores-inventores-e-cientistas-negros-da-historia/>

5 <https://www.geledes.org.br/pintores-negros-contribuicao-negra-a-arte-brasileira/>

Pensar em pessoas negras como potência e como pessoas que são descendentes de uma linhagem com uma história positivada é fundamental para a construção e o reforço do processo de aceitação e afirmação da nossa identidade. Reconhecer as heranças familiares e ancestrais conhecendo a história real e não a que nos é apresentada, na maioria das vezes, de forma pejorativa, é muito importante para a autoestima.

Enquanto educadores é preciso concentrar o olhar e a atenção para essa perspectiva, que deve ser construída a partir de elementos que positivam essa história, além de referências para que as crianças, adolescentes e jovens se construam como indivíduos e cidadãos mais confiantes e conscientes de sua história e ancestralidade.

Estar com o olhar atento para essas questões não significa, no entanto, se desconectar da realidade que crianças, adolescentes e jovens negros enfrentam no dia a dia, mas diz respeito a eles estarem com a autoestima fortalecida e preparados para enfrentarem algumas situações.

Racismo e violências de gênero precisam ser combatidas com políticas sociais de qualidade, com adesão da mídia e da sociedade em geral, mas precisamos também trabalhar as questões de igualdade de gênero e raça desde a infância para que as (re)produções de violência sejam minadas na sociedade.

É preciso considerar o maior número de esforços possíveis para uma sociedade livre de machismo, racismo, LGBTQIfobia, demais preconceitos e discriminações e, sem dúvida, o papel dos educadores nesse caminho é fundamental para a construção de novas práticas.

CAPÍTULO 2

PRA DENTRO E PRA FORA!

PARA DENTRO

Conhecer o grupo com o qual estamos trabalhando, pode municiar o facilitador de ideias para montar seu planejamento com atividades que respondam às expectativas e necessidades do grupo, mas principalmente pode ajudar na criação de vínculo, aspecto muito importante quando falamos em processos educativos. Sem vínculo não há educação! Conhecer e ouvir verdadeiramente cada participante, se mostrar aberto para estar com esse grupo e considerar cada pessoa, como única e importante para o processo que está iniciando, pode ajudar na construção do caminho que queremos trilhar com esse projeto.

DIAGNÓSTICO E CONSTRUÇÃO DO PERFIL DO GRUPO

Pensar em atividades que possam contribuir para mudanças de comportamento nas questões raciais e de gênero, que estão presentes nos espaços onde circulam e na vida de adolescentes e jovens, requer conhecer e reconhecer suas histórias de vida, seus desejos para o futuro, as dificuldades que enfrentam, além da maneira com que veem e participam do mundo que os cerca.

Propomos aqui uma atividade de diagnóstico que pode servir como uma ferramenta para que esses jovens se apresentem para o grupo e para o facilitador da atividade, mostrando um pouco do que trazem consigo e identificando pares e potências dentro do grupo.

Cabe ao facilitador, junto com os participantes, desenhar um perfil dessa turma que possa servir de base para o planejamento e escolha de atividades, que dialoguem e atendam as necessidades desse grupo.

OBJETIVOS



- >> Construir um breve perfil do grupo a partir da apresentação de cada um;
- >> Ouvir e conhecer um pouco dos sonhos e desejos dos jovens;
- >> Compreender a forma como eles se identificam nas relações raciais e de gênero;



ATIVIDADE



DURAÇÃO

entre 1h30 e 2h

Ao som de uma música (a escolha do mediador) o grupo deverá caminhar pela sala. Toda vez que a música parar, os jovens deverão formar grupos. Na primeira parada, um grupo de 10 pessoas, na segunda de 5 pessoas, em seguida de 4, 3 pessoas e, por fim, deverão formar uma dupla. Formadas as duplas, cada jovem receberá um cartão com um roteiro de perguntas que deverá usar para entrevistar seu parceiro. Ambos serão entrevistadores e entrevistados, e deverão apresentar a sua dupla para o restante do grupo.

Sugestão de Perguntas:

Caso o facilitador identifique alguma questão relevante para a comunidade onde a atividade está sendo realizada, pode e deve inserir, alterar ou substituir outras questões.

O mediador deverá apresentar o questionário para a turma e tirar dúvidas sobre o que significa cada pergunta.

ANEXO 1



Questionário:

- 1) Qual o seu nome?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Qual a sua cor?
- 4) Com qual gênero você se identifica?
(O mediador pode ajudar os alunos a compreenderem o que é identidade de gênero nesse momento da atividade.)
- 5) Você estuda? Onde? Em que ano / série?
- 6) Você trabalha? Em caso afirmativo, em quê ou com o quê?
- 7) Você é religioso? Em caso afirmativo, qual religião você pratica?
- 8) Onde você mora?
- 9) Quem mora com você?
- 10) Como você se vê, quando completar 18 anos?
- 11) Conta para a gente um momento muito importante da sua vida.
- 12) Se eu dissesse que vou te levar agora para uma ilha deserta, quem ou o que você precisaria levar com você?
- 13) Quem ou o que você deixaria nessa ilha?
- 14) Você tem um sonho para o futuro? Qual?
- 15) Gostaria de acrescentar alguma coisa importante para você e que ainda não tenha sido perguntado?

Conforme as apresentações forem sendo feitas, o mediador pode registrar em uma tabela as respostas dadas para traçar o perfil da turma (modelo de tabela em anexo). Nas perguntas mais lúdicas não há necessidade de registro.

Finalizadas as entrevistas e apresentações, o mediador deverá pedir para cada jovem registrar em uma tarjeta o seu sonho para o futuro, depois, juntos deverão montar um “mural ou varal dos sonhos”, para que fiquem registrados no espaço onde as oficinas deverão acontecer.

Regularmente o grupo poderá retornar ao mural para relembrar seus registros ou até mesmo, quem sabe, modificar seus desejos e sonhos para o futuro.

“Sonho que se sonha só / É só um sonho que se sonha só / Mas sonho que se sonha junto é realidade”
(SEIXAS, Raul. Prelúdio. 1974).

MATERIAIS



- >> Aparelho sonoro para executar uma música no início da atividade
- >> Tarjetas
- >> Questionário impresso
- >> Tabela para registrar as questões de 1 a 6
- >> Mural ou Varal para colocar os sonhos
- >> Fita adesiva e pregadores
- >> Lápis ou canetas para os jovens



ANEXO 1.1



MODELO DE TABELA

Qual a sua idade?	RESPOSTA LIVRE					
Qual a sua cor?	BRANCO	PRETO	PARDO	INDÍGENA	AMARELO	
Com qual gênero você se identifica?	MASCULINO	FEMININO	OUTROS	NÃO QUERO FALAR		
Você estuda? Onde? Em que ano/série?	SIM	NÃO	SÉRIE ANO			
Você trabalha? Em caso afirmativo, em quê ou com o quê?	SIM	NÃO	COM O QUÊ?			
Você é religioso? Em caso afirmativo, qual religião você pratica?	SIM	NÃO	CATÓLICO	PROTESTANTE	RELIGIÃO MATRIZ AFRICANA	OUTRA QUAL?

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE



Site IBGE Educa Professores



<https://educa.ibge.gov.br/professores>

Site IBGE Educa Jovem



<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20590-introducao.html>

Site Geledés



<https://www.geledes.org.br/professora-a-educacao-antirracista-esta-entre-as-suas-tarefas-historicas/>

MONITORAMENTO



PARA FORA

O monitoramento das ações desenvolvidas nos ajuda a avaliar o processo de implementação do projeto, a fim de fazer pequenas correções no percurso que está sendo construído.

É importante acompanhar as impressões, a compreensão e os conceitos que o grupo está assimilando, além de como esse conhecimento poderá transbordar para fora do espaço do projeto. Existem várias formas de monitorar, que vão desde conversas informais a aplicação de questionários. Sugerimos a construção de um diário de bordo coletivo, feito pelos participantes divididos em grupos, onde será registrado de forma criativa, cada dia de atividade. O diário poderá ser feito utilizando diversos materiais como figuras, recortes de revistas, fotografias, materiais de artes e artesanato, trechos de músicas, poesias, etc. Além disso, ainda poderão trazer para as páginas desse diário, a criação de uma playlist, colocando músicas, cantores e bandas que são curtidas pelo grupo. O(A) facilitador(a) pode criar junto com o grupo a playlist que, inclusive, pode ser compartilhada e tocada na sala durante as atividades.

DIÁRIO DE BORDO



OBJETIVOS

- >> Criar um registro das vivências do grupo de forma artística e criativa.
- >> Municar o facilitador com as impressões, descobertas, dúvidas e inquietações do grupo durante o processo.
- >> Proporcionar a criação de vínculo entre os participantes e os facilitadores, a partir do compartilhamento de gostos e registros (músicas, textos, criação) durante a escrita no diário.

DURAÇÃO



1 hora

ATIVIDADE



Com o grupo organizado em círculo, o facilitador pede que cada participante pegue uma folha de papel e escreva um trecho de uma música que goste muito ou que esteja ouvindo bastante ultimamente e que não sai de sua cabeça, por algum motivo.



O trecho deve ser escrito com letras grandes para que todos possam enxergar de longe. Também pode ser uma frase que o tenha marcado, trecho de um texto ou poesia que ele tenha lido em algum lugar.

De volta ao círculo cada um vai apresentar e explicar para o grupo, o porquê da escolha desse trecho. Pode apresentar cantando, dançando ou recitando, o restante do grupo pode ajudar cantando junto. Todos os trechos de músicas devem ser colados em um mural ou folha de papel kraft para que fiquem à mostra na sala, como forma de guardar essa atividade na memória.

O facilitador chama atenção de todos para o compartilhamento que eles acabaram de fazer, pontua o que o grupo tem em comum e também as diferenças, relacionadas aos gostos musicais e as formas de apresentarem, além disso, sinaliza o quanto é positivo poder olhar para o que eles acabaram de fazer. Mostrando o quanto é importante contarmos com a colaboração de todos e como é bom poder guardar na memória esses momentos vivenciados em grupo.

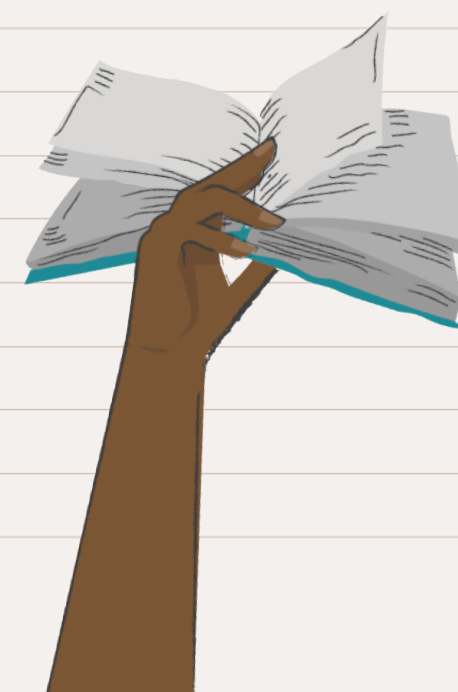
O facilitador apresenta a ideia do diário de Bordo, como uma forma de registrar essas vivências, e para realizar esse registro será necessária a participação de todos. Para isso, divide a turma em grupos de três, e entrega para o primeiro trio um caderno que vai ser o diário de bordo da turma. Cada trio será responsável por registrar no diário as atividades de um dos encontros.

O facilitador apresenta as diferentes formas e os diversos materiais que eles poderão usar para fazer esse registro, como trechos das músicas, fotografias, bilhetes, qualquer material que possa compor o diário é bem-vindo! É aconselhável fazer uma escala, para que cada trio saiba o dia em que ficará responsável pelo registro. O diário é comunitário, por isso é importante que todos façam os registros, além disso, ele ficará disponível para que todos leiam quando desejarem.

MATERIAIS



- >> Cadernos brochura tamanho universitário (quantidade suficiente para distribuir 1 para cada trio ou dupla)
- >> Materiais de artesanato para construção dos diários (tinta, cola, tesoura, enfeites, ilustrações, adesivos coloridos, botões, fotos, etc.)
- >> Revistas para recorte e colagem
- >> Lápis, canetas, lápis de cor, hidrocor, etc.



ATIVIDADE 1



CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CÓDIGO DE CONVIVÊNCIA

CONVIVER BEM É PRECISO!

O código de convivência é uma ferramenta importante no trabalho em grupo, através de sua elaboração serão feitos combinados que nortearão os comportamentos do grupo durante as atividades, com a participação e concordância de todos. Para que essa construção seja efetiva é importante que o mediador trabalhe alguns conceitos importantes com o grupo antes da formulação do código:

A) A importância da construção coletiva do Código: é preciso considerar as nossas necessidades, mas também as necessidades do outro quando pensamos em viver em comunidade, todos precisam ser ouvidos, todos precisam ser respeitados, estaremos assim praticando a empatia e o respeito.



B) Corresponsabilidade pelo coletivo: todos somos responsáveis pelo bem-estar do grupo, todos podemos contribuir para que nossa convivência seja boa e agradável.

C) A comunicação não violenta: cuidar da forma como nos relacionamos com o outro implica em falar sem machucar, ouvir de verdade e sem se ofender. Quando vivemos situações de conflito, podemos sempre buscar formas de resolvê-los, sem precisar partir para ações violentas.



OBJETIVOS

>> Construir coletivamente um código que ajude o grupo a se relacionar de maneira saudável com os outros e com o ambiente.

DURAÇÃO



entre 1h30 e 2h



O facilitador apresenta ao grupo a definição de:

>> Provérbios: frase curta, geralmente de origem popular, com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade, ou uma regra social ou moral.

>> Os provérbios são expressões da sabedoria popular, que apresentam algum ensinamento ou reflexão importante, tanto para quem escuta como para quem conta. Nas culturas em que a tradição oral tem o espaço merecido, como, por exemplo, o continente africano, os provérbios ganham um espaço de representatividade muito grande, tornando-se, muitas vezes, uma fonte de orientação para a sociedade (Editora do Brasil – adaptado).

Em seguida entrega a cada jovem um cartão com um provérbio africano que deverá ser lido individualmente. Na sequência todos deverão procurar pelo grupo que recebeu o mesmo cartão. Em grupo, todos deverão discutir sobre o significado do provérbio recebido. O mediador poderá ajudar na leitura e compreensão dos provérbios.

Formando uma roda, cada grupo apresentará para os colegas o provérbio recebido, logo após todos deverão falar sobre seu entendimento da mensagem.

Ao final da apresentação, o Mediador retomará a discussão sobre como conviver de forma saudável e se os provérbios trazem alguma lição importante para o grupo.

Em seguida os convida a escreverem as regras e acordos que eles consideram importantes, para uma convivência saudável no espaço que estão construindo no projeto.



Ex.: Cuidados com espaço, cuidados com o outro, como se relacionam, cuidado com o próprio corpo e com o do outro.

Cada grupo recebe uma folha de papel kraft para registrar o seu Código de Convivência. Formando uma roda, o mediador fará um compilado das regras sugeridas por todos, aprovando com o grupo a versão final do código.

OBS.: O mediador poderá auxiliar o grupo, lembrando regras que podem ser próprias do espaço que ocupam para o desenvolvimento do projeto (horários, vestuário, uso de celulares, uso de banheiros, etc.) ou ainda relativas ao relacionamento interpessoal.

Ao final da atividade o Código deverá ficar afixado em um mural ou varal na sala, de forma que fique visível para todos durante os encontros do grupo.

MATERIAIS



- >> Hidrocor
- >> Papel kraft
- >> Fita adesiva
- >> Pregadores
- >> Varal ou Mural
- >> Cartões com provérbios africanos

ANEXO 2



Provérbios Africanos

As montanhas não se encontram, os homens sim.

Se não sabe aonde vai, deve saber, pelo menos, de onde vem.

O amargo e o doce caminham juntos.

Quando o tolo fala, o sábio permanece em silêncio.

Não abandone os remos antes da canoa ancorar.

Quem viaja vê mais coisas do que aqueles que sobem em árvores.

Um trono grande não faz um rei.

É necessária uma comunidade inteira para educar uma criança.

O fel e a calúnia são amargos.

A amizade é um caminho na areia, mas desaparece se não se pisa constantemente nele.

Não importa o quão longa seja a noite, o dia certamente virá.

Quando a lua não está cheia, as estrelas ficam mais brilhantes.

Quando as teias de aranha se juntam, elas podem amarrar um leão.

As lágrimas que descem pelo seu rosto não tiram a sua visão.

Cólera de mãe não ultrapassa a noite.

Se sua língua transformar-se em uma faca, cortará a sua boca.

É melhor passar a noite com a cólera da ofensa, do que com o arrependimento da vingança.

Se você danificar o caráter de outro, você danifica o seu próprio.

Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador.

Ninguém testa a profundidade de um rio com os pés.

A água sempre descobre um meio.

Não há nenhum remédio para curar o ódio.

Numa luta entre elefantes, o prejudicado é o capim.

É a água calma e silenciosa que afoga um homem.

Amor é como um bebê: precisa ser tratado com ternura.

Quando alguém está mordendo a sua mão, você não deve bater em sua cabeça.

O que você dá aos outros, você dá a si mesmo.

O vento não quebra uma árvore que se dobra.

O conhecimento não é a coisa principal, mas ações.

Uma mentira estraga mil verdades.

A união do rebanho obriga o leão a dormir com fome.

(Fonte: Projeto A Cor da Cultura)

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE



Livro: Orelha vai à escola todos os dias
de Rogério Andrade Barbosa.



https://www.youtube.com/watch?v=Hj7R0kT8_o0

Site do Geledés



<https://www.geledes.org.br/proverbios-africanos/>

<https://www.geledes.org.br/proverbios-africanos-2/>

Artigo de Alan Santos (Sankofa: A Circulação dos Provérbios africanos – oralidade, escrita, imagens e imaginários.)



https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20735/1/2016_AlvanSantosOliveira.pdf

Projeto A Cor da Cultura



<http://www.acordacultura.org.br>

Temas que podem ser trabalhados nessa atividade:

- >> A comunicação como mecanismo de perpetuação de práticas ofensivas, tais como: racismo, sexismo e homofobia;
- >> Conceito de ancestralidade e seus fundamentos;
- >> Trabalhar os tipos de comunicação e a proposta da comunicação não violenta;
- >> Evidenciar imagens atuais da África e seu desenvolvimento tecnológico, grandes cidades, universidades, etc.;
- >> Desconstrução da imagem do homem negro vinculado aos estereótipos de violência;
- >> O papel de homens negros para disseminação de valores e saberes africanos (griots);
- >> Intolerância religiosa;
- >> Comunitarismo (irmandades africanas);
- >> Permanências / resistência: heranças africanas no Brasil – elementos dos modos de vida africanos e diaspóricos, presentes no nosso cotidiano;
- >> Refletir sobre afrocentrismo, eurocentrismo e etnocentrismo.



ATIVIDADE 2



QUEM EU SOU E COMO ME IDENTIFICO?

Nossa identidade é composta de muitas marcas: as que trazemos no corpo, as de nossa família e até mesmo de nossa comunidade. Essas marcas são parte de nós e de nossas origens, são o que nos definem como as pessoas que somos. Reconhecer as marcas que compõem a nossa história e assumir seu valor nos faz mais fortes e potentes para enfrentar os obstáculos que podemos encontrar em nosso caminho.

Crianças e jovens negros e negras, muitas vezes, têm o direito de reconhecimento de suas identidades negados e apagados pelo racismo e pelo não reconhecimento. Essa atividade busca recuperar as histórias pessoais de cada participante, a fim de construir um momento de compartilhamento e de valorização das histórias pessoais, a partir dos relatos dos colegas.

OBJETIVOS



- >> Reconhecer o valor da escuta e do respeito ao outro;
- >> Construir laços de empatia e amizade com o grupo, a partir das semelhanças e diferenças;
- >> Reconhecer a diversidade como um valor agregador;
- >> Refletir de forma afirmativa sobre a diversidade de cor de pele, de gênero, cultural, religiosa, etc.;
- >> Compreender a diferença entre igualdade e equidade.



DURAÇÃO

entre 1h30 e 2h

O facilitador deverá pedir com antecedência aos participantes para que pensem e escolham em casa um trecho de uma música, uma fotografia, uma imagem, um objeto, algo que os represente e com o qual eles se identifiquem.

Ao chegar ao local da atividade, os participantes se organizam em círculo e cada um apresenta seu objeto, trecho de música (que poderá ser cantada ou falada, ou mesmo tocada pelo celular), imagem ou qualquer outro material similar trazido de casa, justificando sua escolha e explicando as relações com sua vida pessoal, escolar, amorosa, familiar, etc.

O facilitador observa com o grupo o quanto os objetos e falas trazidos seriam vazios de significado se não estivessem conectados à história pessoal de cada um. O que eram simples palavras ou objetos ganham um novo sentido, quando são compartilhados e valorizados por todos.

Após a apresentação todos são convidados a observarem as diferenças e igualdades entre seus relatos, e a refletir se essas diferenças e semelhanças também estão presentes fora da sala. Onde mais podemos ver essa diversidade? Em nossa comunidade? Em nossa cidade?

O facilitador canta um número para cada jovem, sempre contando de 1 a 5 e reiniciando a contagem. Pede que eles se separem em 5 grupos. Cada grupo vai, agora, criar um produto que apresente a sua comunidade, o seu território com toda a diversidade que eles conhecem.

GRUPO 1
VERSO OU POEMA

O grupo deverá criar uma rima ou um poema que traga a realidade da sua comunidade.

GRUPO 2
MÚSICA

O grupo deverá criar ou trazer um trecho de uma música que mostre o que de melhor eles encontram na comunidade.

GRUPO 3
IMAGEM
(DESENHO, FOTOGRAFIA)

O grupo deverá produzir uma imagem que retrata o cotidiano da comunidade.

O grupo deverá apresentar uma cena rápida que retrata o cotidiano da comunidade.

GRUPO 4
DRAMATIZAÇÃO

O grupo deverá pensar em uma notícia que eles gostariam de publicar sobre a sua comunidade.

GRUPO 5
NOTÍCIA DE JORNAL
(PODE SER ESCRITO OU APRESENTAÇÃO DE UM TELEJORNAL)

Ao final cada grupo deverá apresentar na plenária a sua forma de mostrar/representar seu território.



MATERIAIS

- >> Quadro, flipchart ou folha de papel kraft
- >> Hidrocor
- >> Objetos trazidos pelos alunos (trecho de música, poesia, imagem, fotografia, etc.)

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE

Vamos ficar bem: um vídeo sobre autoestima



<https://www.youtube.com/watch?v=SQ7qTeDJCe0&t=163s>

Nátaly Nery – canal Afro e Afins – MULHERES NEGRAS E AUTOESTIMA



<https://www.youtube.com/watch?v=PrtZRYHgsKU>

Vídeo: Arrasa, manx – canal Futura



<https://www.youtube.com/watch?v=b9jY3xoL850>

Tag: masculinidade do homem negro



https://www.geledes.org.br/tag/masculinidade/?gclid=CjwKCA-jw34n5BRA9EiwA2u9k32RJsqgNhsJsft1aLMNsCVm25Rua0-2qLggA-N3Z-qWmhTeYXfSHpPhoCUCYQAvD_BwE

Sugestões de temas que podem ser trabalhados a partir desta atividade:

- >> Estética e padrões de beleza;
- >> Estereótipos de gênero e raça;
- >> Identidade, Alteridade, Igualdade, Diversidade,
- >> Equidade e Austeridade;
- >> Corporeidade negra – corpo da mulher negra, corpo do homem negro, corpo dos idosos negros, corpo da criança negra;
- >> Genocídio da população negra;
- >> Saúde da população negra.

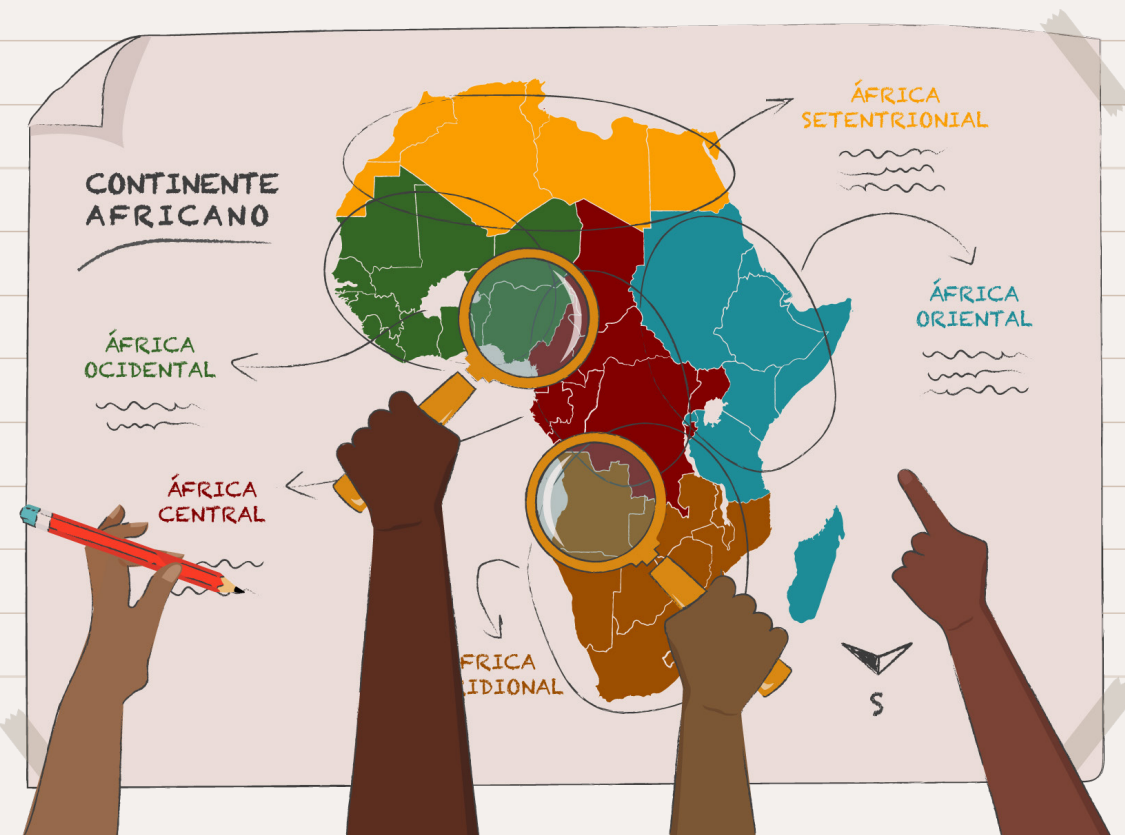
VIDAS NEGRAS IMPORTAM

ATIVIDADE 3



NOSSOS PASSOS VEM DE LONGE

A história e a cultura africana e afro-brasileira se manifestam em nosso cotidiano de várias formas: na comida em diversas partes do Brasil, nas palavras usadas, nos trançados dos cabelos, no jogo da capoeira, na música que consumimos, na forma como nos relacionamos com a comunidade. Essa herança que foi deixada para todos nós por nossos ancestrais e que nos constitui, se deve aos milhares de africanos dos mais diversos países da África, que chegaram aos portos brasileiros durante o período do tráfico atlântico. Revisitar a África e compreender que esse continente está em nós, entender e reconhecer as contribuições desses povos para a formação e o desenvolvimento da sociedade brasileira, pode nos ajudar a combater o racismo e a discriminação racial.



OBJETIVOS



- >> Compreender o período do tráfico atlântico e suas consequências para os afrodescendentes;
- >> Construir uma imagem positiva do continente africano e de seus povos;
- >> Conhecer as regiões da África e seus países;
- >> Reconhecer elementos da cultura e história africana e afro-brasileira como palavras, estética, comidas, religiões originárias da África e suas matrizes e usos no Brasil;
- >> Reconhecer África como um continente formado por 54 países;
- >> Reconhecer a diversidade do continente africano.

DURAÇÃO



1h20m

Pedir ao grupo para caminhar em volta de uma grande folha de papel kraft no chão, bem no centro da sala, ou de um flipchart ao som da música Diáspora, do rapper Tiago Elniño. Quem conhecer a música pode cantar junto e continuar a caminhada. Cada um com um hidrocor na mão deverá registrar as palavras que mais chamaram a sua atenção na letra da música. Ao final da música, pedir a todos para contemplarem a folha e o registro dos colegas. O facilitador poderá perguntar ao grupo se precisam de ajuda, para compreender alguma das palavras registradas no papel.

Exemplos: raiz / identidade / pretinho / branco / covarde / ancestralidade / tambores / noite / dia / Omulu / cura / melodia / Iansã / gira / prosperidade / moleque / cidade / irmão / vingança / justiça / Kalakuta⁶ / Palmares / esquina / Orixás / fúria / céu / chão.

⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%BAblica_Kalakuta

ANEXO 3

Omolu

1. Omolu (do yorubá Omulu, filho do senhor) é um orixá com poderes sobre a cura da varíola e doenças contagiosas, assim como Obaluaiyê e Xapanã, com quem costuma amplamente ser confundido, apesar de serem diferentes divindades. É ligado simbolicamente ao mundo dos mortos. Senhor da cura sobre doenças, especialmente as epidêmicas.

2. Omolú é a Terra! Essa afirmação resume perfeitamente o perfil deste orixá, que combate a varíola e todas as doenças contagiosas, o poderoso “Rei Dono da Terra”.

Fonte: ocandomble.com

Iansã

1. Orixá feminino da tradição iorubana. O mesmo que Oyá.

Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 2486-2487). Selo Negro Edições. Edição do Kindle

Gira

1. Gira ou Jira (no idioma quimbundo nijra, significa caminho).

2. Reunião de algumas religiões de matrizes africanas.

Kalakuta

1. A República Kalakuta foi uma comuna criada nos arredores de Lagos pelo ativista político e músico Fela Kuti. Formado por um conjunto de casas pintadas de amarelo cercadas por arame farpado, Kalakuta foi fundada no início da década de 1970 pelo instrumentista nigeriano, após ele voltar dos Estados Unidos. O local abrigava um estúdio musical, sua família e membros de sua banda, a Africa 70. Kuti chegou a declarar a independência da comuna em relação a Nigéria, o que enfureceu o regime militar

Orixás

1. Na tradição iorubana, cada uma das entidades sobrenaturais, forças da natureza emanadas de Olorum ou Olofin, que guiam a consciência dos seres vivos e protegem as atividades de manutenção da comunidade. Algumas vezes representando ancestrais divinizados, os orixás manifestam-se por intermédio do que se reconhece como “qualidades” ou aspectos. Assim, Oxum Pandá e Oxum Abalô são “qualidades” do orixá Oxum, indicando essas especificações uma passagem da mitologia do orixá em que determinada característica se revelou ou fazendo referência a um local onde ele teria vivido ou por onde tivesse passado. Esse tipo de distinção é visto, também, em santos católicos, como a Mãe de Jesus, invocada como Nossa Senhora da Apresentação, da Conceição, do Desterro etc.

Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 3995-4000). Selo Negro Edições. Edição do Kindle.

Palmares

1. Comunidade de escravos fugidos formada na serra da Barriga, capitania de Pernambuco, entre o cabo Santo Agostinho e o rio São Francisco, a partir do fim do século 16. Por volta de 1630, Palmares, reunindo vários aldeamentos, já teria cerca de três mil aquilombados, desenvolvendo uma agricultura avançada para os padrões locais e da época, plantando cana-de-açúcar, milho, feijão, mandioca, batata e legumes; fabricando artefatos de palha, manteiga e vinho; criando galinhas e porcos; e desenvolvendo uma organizada atividade metalúrgica, necessária à sua subsistência e defesa. A chegada dos holandeses a Pernambuco, naquele mesmo ano, e as guerras que essa presença motivou, facilitaram a fuga de mais pessoas para Palmares. Em consequência, a comunidade foi se fortalecendo e se transformando em uma ameaça real e perigosa ao poder colonial. Em face dessa situação, a repressão tomou corpo. De 1596 a 1716, ano da destruição da resistência quilombola na região, os palmarinos suportaram investidas de 66 expedições coloniais, tanto de portugueses como de holandeses, e em 31 vezes tomaram a iniciativa do ataque. Durante sua longa existência, Palmares teve vários chefes, sendo Ganga Zumba e Zumbi os mais importantes e conhecidos. Em 1677, depois de sérias perdas suportadas pelos palmarinos, Ganga Zumba, então o principal dirigente, negocia a paz com as autoridades coloniais e abandona a serra com seus seguidores, provocando uma séria dissidência e o início da liderança de Zumbi.

Em 1680, no arraial de Cucaú, próximo ao litoral onde se estabelecera, Ganga Zumba morre envenenado. E a repressão a Palmares, cada vez mais cruenta, conta com a participação de milhares de soldados, de milícias patrocinadas pelos senhores de terras e até mesmo de combatentes mercenários. Quinze anos mais tarde, o líder Zumbi - após 17 anos de combate, em que se destacou como um dos maiores generais da história -, atraído por um de seus comandados, morre durante a expedição repressora de Domingos Jorge Velho. Após Zumbi, caem seus sucessores Camuanga (desaparecido em 1699) e Mouza do Palmar (1716). Mas em 1725 ainda há tropas militares na serra da Barriga, antecipando a ocupação oficial do território, que se dá, afinal, em 1736. A experiência palmarina foi a maior e mais longa contestação à ordem escravista em todo mundo e em todos os tempos. Por extensão - e mesmo por ter sido Palmares um reduto que abrigava negros, índios e brancos pobres -, a saga de Zumbi constitui um rico episódio da luta contra o racismo. Por esse motivo, o dia de seu martírio, 20 de novembro, foi escolhido como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 4114-4132). Selo Negro Edições. Edição do Kindle

Discutir com o grupo o conceito de “Diáspora” e seu significado, perguntar de quem o autor fala, quem é esse povo e que história ele está contando.

Questões importantes para pontuar:

- >> Cerca de 4,9 milhões de africanos escravizados desembarcaram nos portos brasileiros para trabalhar sem remuneração.
- >> Esse povo foi sequestrado e vinham de vários pontos diferentes do continente africano, de países diferentes, falando línguas diferentes, com hábitos, religiosidades e costumes diferentes.
- >> Recebiam nomes católicos (e de origem portuguesa) e eram despojados de suas identidades, separados de suas famílias e tinham suas referências apagadas para que não se organizassem e pudessem pensar em fugir.
- >> O povo escravizado resistiu e conseguiu manter suas tradições, cultura e religiosidade, formar famílias e se reunir mesmo sob o jugo da escravidão.
- >> Mulheres e homens trazidos da África se organizaram e foram responsáveis pelos movimentos abolicionistas e pela libertação de milhares de escravizados, através de seus trabalhos com vendas de alimentos, na imprensa, como advogados e professores.

Ao final da discussão, o facilitador pede ao grupo que em uma nova folha de papel kraft os participantes registrem novas palavras que remetam, agora, aos significados que eles descobriram sobre a música e sobre os povos de quem ela fala. Esses registros devem ficar expostos na sala, para que o grupo possa rememorar essa história ao longo do desenvolvimento do projeto.

ANEXO 4



Thiago Elniño
Diáspora
(Prod. Nave)

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz

Ou morra pela raiz

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz

Ou morra pela raiz

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz

Ou morra pela raiz

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz (ou
morra pela raiz)

Foi por falta de identidade que eu vacilei, ramelei⁷, não vi.

⁷ Fazer algo errado, ser desatento.

Que eu era bem diferente dos cara que tava ali. Na MTV, quando que passava não era yo. Esse pretinho quer ser branco ó, cala a boca, jhow

Que é hora do show de quem acordou mesmo que tarde. Mas nunca é tarde, cedo tá é pra ser covarde. Sinto-me parte de algo que é bem maior que eu. Que o contato com minha ancestralidade concedeu

Meus tambores tocarão até que a noite encontre o dia. Omulu trás cura em forma de melodia. Que Iansã nos faça gira da prosperidade. Pra cada moleque preto nos canto dessa cidade

Irmão, não é por vingança, eu tô falando de justiça. Cês vão ter uma Kalakuta e um Palmares em cada esquina.

Orixás descerão e aí vocês verão. O dia que nossa fúria fez o céu se enterrar no chão.

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz (ou morra pela raiz)

Certeiro como a flecha de

Oxóssi, eu vim pela posse

Do povo preto, de tudo aquilo

que é seu. Sentiu que o céu

estremeceu. Trovão, macha-

do de Xangô (a justiça che-

gou). E pra vocês, a lâmina

de Ogum, e aos pretos, um por

um. Conforto ao colo de Oxum

e respeito comum. E que bus-

quemos a paz de Oxalá pela

rota de Iemanjá.

Retorno ao que nos foi toma-

do. E que Nanã⁸ nos receba de

volta no solo sagrado. Quem é

tá ligado, quem não tá, de-

veria. Porque fazer os preto

sentir medo de si mesmo. É o

que os Nazi queria. Meu povo

faz magia, das folhas tira

energia. Pra espalhar amor na

terra que já foi dos índios

um dia

Ok ok, cabôco? Dá força pra

nós trabalhar. Que nossa fé

seja semente pra fruto bom não

faltar. Porque nós não vamos

falhar, nós, o que é do povo

preto. E na bandeja, a cabeça

de quem faltar com o respeito.

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz

Ou morra pela raiz

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz, vai

Busca sua raiz

Ou morra pela raiz

Irmão, me diz qual é o receio

De saber de onde tu veio

De saber quem você é

Irmão, fizeram tu achar feio

Você vir de onde tu veio

Destruíram sua fé.

Irmão, me diz qual é o receio

De saber de onde tu veio

De saber quem você é

Irmão, fizeram tu achar feio

Você vir de onde tu veio

Destruíram sua fé

Fonte: Musixmatch

Compositores: Thiago Elniño

“Nanã Buruquê, também chamada de mãe ou avó, é uma Orixá presente desde a criação da humanidade. Ela é a memória do povo, pois vivenciou toda a magia da concepção do Universo. Rainha da lama, da qual se originou todo ser humano, esta Orixá é uma das mais respeitadas e também uma das mais temidas. Nanã é responsável pelo portal entre a vida e a morte, pois ela limpa a mente dos espíritos desencarnados para que eles possam se livrar do peso que sofreram em sua jornada, reencarnando sem os rastros da vida anterior.”

Fonte: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/um-banda-candomble/tudo-sobre-nana/>

MATERIAIS



>> Hidrocor

>> Papel kraft ou flipchart



PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE



Site do Geledés: Um breve resumo do tráfico de escravos partes 1 e 2



<https://www.geledes.org.br/um-breve-resumo-do-traffic-transatlantico-de-escravos/#ixzz4DLwAJS0p>

<https://www.geledes.org.br/escravizacao-de-africanos/>

<https://www.geledes.org.br/agencia-e-resistencia-africanas/>

Jogo de Mapa



<https://online.seterra.com/pt/vgp/3450>

Site Slave voyager



<https://www.slavevoyages.org/>

Site BBC Brasil: Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados



<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235#:~:text=Al%C3%A9m%20disso%20independentemente%20de%20quem,Estados%20Unidos%20foram%20389%20mil.>

Série Heróis de todo mundo, do Projeto A cor da Cultura



https://www.youtube.com/playlist?list=PL20upv2JBXS1z-vt-jikbNEJ8heqqD_wrE

Série #Éporquilo: Comidas que explicam o Brasil



<https://www.youtube.com/watch?v=2Jfmfgjkl3k>

Sugestões de temas que podem ser trabalhados a partir desta atividade:

- >> Pensar a partir da perspectiva da diáspora (como chegamos aqui?);
- >> Conceito de ancestralidade (árvore genealógica – até onde sabemos sobre nossos ancestrais);
- >> História da África a partir dos grandes reinos africanos e suas inovações tecnológicas da época (medicina, metalurgia, agricultura, etc. – transferência de tecnologia para o Brasil por africanos escravizados); Evidenciar imagens atuais da África e seu desenvolvimento tecnológico, grandes cidades, universidades, etc.;
- >> Mostrar o papel de protagonismo das mulheres na África e aqui, nos dias de hoje e na época da escravização – Aqualtune, Luiza Mahin, Dandara, Tia Ciata, etc.;
- >> Evidenciar a importância do homem negro como exemplo para disseminação de valores e saberes africanos (griots);
- >> Intolerância religiosa;
- >> Comunitarismo (irmandades africanas);
- >> Permanências / resistência: heranças africanas no Brasil – elementos dos modos de vida africanos e diaspóricos presentes no nosso cotidiano.

ATIVIDADE 4



RESSIGNIFICANDO PALAVRAS E EXPRESSÕES

Muitas vezes repetimos palavras e expressões porque ouvimos alguém falar, sem, ao menos, refletir sobre o real significado delas. Algumas palavras são usadas para ofender, para diminuir o outro. Mas será que é isso mesmo? O que o significado delas tem a ver com o seu uso?

Outras palavras e expressões usadas de forma rotineira e regular são realmente a melhor forma de expressar o nosso pensamento. Qual a carga que elas realmente trazem em si?

Através de um jogo de emparelhamento de palavras e expressões com seus significados o mediador pode construir com o grupo compreensão, críticas e novos hábitos de linguagem, a fim de buscar comunicar seu pensamento de forma não violenta ou não preconceituosa.



OBJETIVOS



- >> Reconhecer palavras de cunho racista, preconceituoso, homofóbico, etc.;
- >> Construir com o grupo um vocabulário rico de sentidos e significados;
- >> Refletir sobre os preconceitos e os conceitos que envolvem os significados de cada palavra utilizada na dinâmica;
- >> Repactuar o uso de palavras que usamos e ouvimos, cotidianamente, atribuindo sentidos afirmativos e positivos a elas.



DURAÇÃO

entre 1h30 e 2h

Ao chegar ao local da atividade cada participante recebe um cartão com uma palavra. No meio da sala arrumada em formato de círculo, ficam espalhados no chão, os cartões com os significados.

Ao som de uma música tranquila, cada participante procura nos cartões que estão no chão, aquilo que acredita ser o significado da sua palavra. Para ajudar nessa procura, as palavras e significados terão cores similares. Os colegas podem ajudar nessa descoberta.

Depois de encontrados os significados, pedir que pensem, entre eles, como poderiam agrupar essas palavras. Nessa hora, mais uma vez, as cores podem ajudar a montar esses grupos, mas a escolha será dos participantes. Agrupados eles devem conversar sobre suas palavras e significados, tentando responder às seguintes perguntas:

- >> Vocês já conheciam essa palavra?
- >> Já tinham falado essa palavra antes?
- >> Sabiam o significado dela ou conheciam, mas não sabiam o que significava?
- >> Achavam que significava outra coisa?
- >> Já ouviram outra pessoa usar essa palavra para ofender ou falar uma coisa negativa para alguém ou de alguém?
- >> Você seria capaz de pensar em frases positivas com pelo menos duas palavras no seu grupo?

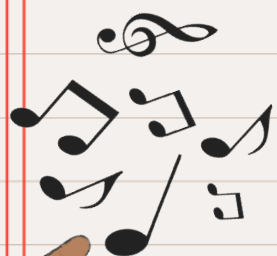
Pedir aos grupos que registrem as frases pensadas em uma folha de papel retangular e comprida, que usem a criatividade para enfeitar a sua frase usando papel picado, hidrocor, lápis, giz de cera e outros materiais disponíveis.

Escolham um espaço para expor ao grupo as frases formadas, deixando um tempo para a leitura de todos!

MATERIAIS



- >> Som para executar música
- >> Cartões com as palavras (divididos por cores)
- >> Cartões com os significados
- >> Hidrocor
- >> Lápis cera
- >> Papel picado, cola, lã colorida, purpurina e outros materiais de artesanato



ANEXO 5

PALAVRA

SIGNIFICADO

PRECONCEITO

Atitude desfavorável para com um grupo ou indivíduos que nele se inserem, baseada não em seus atributos reais, mas em ideias preconcebidas. O preconceito racial é uma das molas propulsoras do racismo.
Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (posição 4366-4367). Selo Negro Edições.

PALAVRA

SIGNIFICADO

DISCRIMINAÇÃO

Termo tradicionalmente usado para definir o tratamento desfavorável, dispensado de modo arbitrário, a certas categorias de seres humanos. Modernamente, usa-se a expressão “discriminação positiva” para as políticas de promoção das populações afrodescendentes. A discriminação racial tem sua forma mais radical na segregação.
Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 1639-1640). Selo Negro Edições

RACISMO

O racismo é uma forma sistemática de discriminação, que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas, conscientes ou inconscientes, que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.
Fonte: ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. Feminismos Plurais, p. 23. Pólen Livros.
Edição do Kindle

<u>PALAVRA</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
BULLYING	Ato agressivo sistemático, envolvendo ameaça, intimidação ou coeção, praticado contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Ocorre geralmente em escolas, porém pode ser praticado em qualquer outro local. Trata-se de ação verbal que pode, em situações extremas, evoluir para agressão física. Fonte: http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bullying
ANTIRRACISMO	Opinião, movimento ou manifestação que se opõe ao racismo. Fonte: http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=antirracismo
NEGRO	Denominação genérica do indivíduo de pele escura e cabelo encarapinhado e, em especial, dos habitantes da África profunda e seus descendentes; descendente de africano, em qualquer grau de mestiçagem, desde que essa origem possa ser identificada pela aparência ou assumida pelo próprio indivíduo. Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 3841-3843). Selo Negro Edições. Edição do Kindle

<u>PALAVRA</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
EQUIDADE	1. Consideração em relação ao direito de cada um independentemente da lei positiva, levando em conta o que se considera justo. 2. Integridade quanto ao proceder, opinar, julgar; equanimidade, igualdade, imparcialidade, justiça, retidão. 3. Disposição para reconhecer imparcialmente o direito de cada um. Fonte: http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=equidade
FUNK	Estilo musical oriundo de comunidades negras americanas e difundido internacionalmente, a partir do trabalho de músicos como James Brown e Sly and The Family Stone. Caracteriza-se pelo diálogo, num clima extremamente dançante, entre baixo e bateria, com uma dinâmica seção de metais pontuando, em contraponto, a melodia principal. No Brasil, particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, o fenômeno funk, surgido na década de 1970, ganhou grande importância. Mais tarde, por intermédio do hip-hop, transformou-se num dos principais veículos da cultura popular urbana,

<u>PALAVRA</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
FUNK	aglutinando a grande maioria dos jovens negros das cidades. A partir da década de 1990, popularizava-se a modalidade conhecida como “funk carioca”, desvinculada da cultura hip-hop. Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 2187-2193). Selo Negro Edições. Edição do Kindle
RAP	Estilo musical em que um texto é declamado rapidamente, sem melodia, sobre uma base rítmica e harmônica obtida por instrumentos eletrônicos. Nascido na década de 1970, em festas comunitárias de bairros negros da cidade de Nova York, dentro do contexto do funk e dando origem ao hip-hop, disseminou-se por todo mundo, chegando até o Brasil. Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 4549-4552). Selo Negro Edições. Edição do Kindle

<u>PALAVRA</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
AÇÃO AFIRMATIVA	Política pública voltada à promoção da mobilidade ascendente de membros de um grupo social historicamente discriminado. Em relação aos afrodescendentes, expressa-se, por exemplo, na destinação de cotas de vagas em universidades ou em empresas, bem como de bolsas de estudo, como compensação pelas dificuldades encontradas em um contexto social notoriamente adverso. Também chamada de AÇÃO COMPENSATÓRIA. Na Índia, essa prática assegura, por meio da Constituição, vagas no Parlamento e nas casas legislativas estaduais, assim como no serviço público, para as castas e tribos em desvantagem histórica. Nos Estados Unidos, seus princípios passaram a ser implantados em 1964. No Brasil, em 2010, depois de inúmeras protelações e sob forte oposição, era aprovado pelo Congresso Nacional, em uma versão muito aquém dos dispositivos inicialmente propostos, o Estatuto da Igualdade Racial. Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 205-211). Selo Negro Edições. Edição do Kindle.

<u>PALAVRA</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
COTA RACIAL	Uma das definições da palavra “cota” é a de “parcela determinada de um todo”. Assim, uma forma de ação afirmativa (veja o verbete) é a de reserva de cotas para afrodescendentes, em alguns ambientes nos quais seu acesso é dificultado, como nas universidades. Esse é um dos objetivos do Estatuto da Igualdade Racial, focalizado em outro verbete deste Dicionário. Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 1462-1464). Selo Negro Edições. Edição do Kindle.
QUILOMBO	Aldeamento de escravos fugidos. Em 1740, o governo colonial português definia como quilombo todo núcleo reunindo mais de cinco escravos fugidos, mesmo sem nenhum tipo de edificação. A partir dessa definição, constata-se que o Brasil colonial e imperial conheceu quilombos em praticamente todo o seu território. A existência desses núcleos comprova-se na Amazônia, inclusive em Macapá e na ilha de Marajó; em Mato Grosso, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

<u>PALAVRA</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
QUILOMBO	De variadas dimensões e estruturados em razão do número de seus habitantes, os quilombos se constituíam de simples agrupamentos armados, até verdadeiras cidades com população de dez mil a 20 mil habitantes. Em princípio organizados basicamente para defesa, em muitas ocasiões, entretanto, premidos por necessidades vitais, seus componentes organizavam expedições de ataque a vilas e povoados vizinhos. Os quilombos que constituíam a comunidade de Palmares recebiam, em geral, o nome de seus líderes, da mesma forma que as aldeias de Angola, à época da dominação portuguesa. LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 4427-4435). Selo Negro Edições. Edição do Kindle.
QUEER	1. Ativistas que orgulhosamente reivindicaram sua identidade gay e questionam as estruturas sociais e performativas de gênero. 2. Teorias Queer de estudos sobre performatividades de gênero.

<u>PALAVRA</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
TRANSEXUAL	É a pessoa que não se identifica com a identidade de gênero designada no seu nascimento (inadequação de gênero).
BISEXUAL	1. Pessoa que se relaciona com outras de diferentes sexos ou gêneros de maneiras diferentes. 2. A pessoa bissexual pode se sentir atraída por diferentes sexos ou gêneros em alguns momentos da vida e não em outros. Fonte: https://bi.org/
HOMOSSEXUAL	Pessoa que se sente atraída ou se relaciona com outra da mesma identidade de gênero.
LÉSBICA	Pessoa de identidade de gênero feminino que se sente atraída ou se relaciona com outra pessoa da mesma identidade de gênero.
HETEROSSEXUAL	Pessoa que se sente atraída ou se relaciona com outra de outra identidade de gênero.

<u>PALAVRA</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
CISGÊNERO	Pessoa que se reconhece e se identifica com as características da identidade de gênero designada em seu nascimento.
HETERONORMATIVO	1. Refere-se à heteronormatividade, ao conceito de que apenas os relacionamentos entre pessoas de sexos opostos ou heterossexuais são normais ou corretos. 2. Que enxerga a heterossexualidade como a norma numa sociedade. 3. [Por Extensão] Que marginaliza as orientações sexuais que se diferem da heterossexual. Fonte: https://www.dicio.com.br/
HOMOFOBIA	1. Medo patológico em relação à homossexualidade e aos homossexuais, a quem se sente sexual e afetivamente atraído por pessoas do mesmo sexo. 2. Ódio direcionado aos homossexuais, geralmente demonstrado através de violência física ou verbal. 3. Preconceito contra homossexuais ou contra pessoas que não se identificam como heterossexuais. Fonte: https://www.dicio.com.br/

<u>PALAVRA</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
MERCADO NEGRO	Expressão de cunho racista que emprega a palavra negro à prática ilícita. O mercado negro é aquele que promove ações ilegais. Mais uma vez a palavra negra sendo sinônimo de ilícito.
MAGIA NEGRA	Expressão de cunho racista para se referir às religiões de matriz africana com intuito de chamamento desses cultos milenares de feitiçaria ou de bruxaria de forma pejorativa.
CABELO RUIM	Fios “rebelde”, “cabelo duro”, “carapinha”, “mafuá”, “piaçava” e outros tantos derivados depreciam o cabelo afro. Por vários séculos, causaram a negação do próprio corpo e a baixa autoestima entre as mulheres negras sem o “desejado” cabelo liso. Nem é preciso dizer o quanto as indústrias de cosméticos, muitas originárias de países europeus, se beneficiaram do padrão de beleza que excluía os negros. Fonte: https://www.geledes.org.br/18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/

<u>PALAVRA</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
PRETO DE ALMA BRANCA	A suposta benesse de ser visto como um “negro de alma branca” deveria ser almejada, como se, apesar da presumida desventura de ter nascido negro, fosse possível, para além da mestiçagem, obter alguma branquitude. Então, a alguns negros ditos mais valorosos, cabia a constatação de haver neles uma “alma branca”. Ou seja, além de reconhecer que esses indivíduos agora possuíam alma, esta, ainda por cima, poderia ser equiparada à de um branco. Isso porque precisava haver uma explicação, além do alcance dos olhos, para o fato daquele negro ser minimamente tolerável para o branco racista. Fonte: https://www.geledes.org.br/a-presuncao-de-inocencia-e-o-negro-de-alma-branca/
COR DO PECADO	A expressão é usada erroneamente como elogio, principalmente por pessoas brancas. O termo propaga a ideia da época da escravidão de que o corpo negro é sensual e sexualizado, e atribui essa cor de pele a algo pecaminoso. Fonte: https://www.geledes.org.br/13-palavras-e-expressoes-da-lingua-portuguesa-para-nao-usar-mais/

PALAVRA	SIGNIFICADO
MULATO	O substantivo vem de “mula”, animal derivado do cruzamento de um burro com uma égua. Era como as filhas bastardas de homens brancos, geralmente Senhores do Engenho, com mulheres negras, geralmente escravas, eram chamadas. Sobretudo, é um termo racista.
MULATA	Fonte: https://www.geledes.org.br/13-palavras-e-expressoes-da-linha-portuguesa-para-nao-usar-mais/
CRIADO	O termo usado para nomear o móvel que fica ao lado da cama surgiu de uma das tarefas que os escravos eram obrigados a realizar: segurar objetos para os seus senhores. Por serem proibidos de falar e conversar, eram chamados de mudos. Substitua, urgentemente, por mesinha de cabeceira.
MUDO	Fonte: https://www.geledes.org.br/13-palavras-e-expressoes-da-linha-portuguesa-para-nao-usar-mais/

PALAVRA	SIGNIFICADO
COR	Aprende-se desde criança que “cor de pele” é aquele lápis meio rosado, meio bege. Mas é evidente que o tom não representa a pele de todas as pessoas, principalmente em um país como o Brasil. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014, realizada pelo IBGE, 53% dos brasileiros se declararam pardos ou negros.
DA	
PELE	
DENEGRIR	Sinônimo de difamar, possui na raiz o significado de “tornar negro”, como algo maldoso e ofensivo, “manchando” uma reputação antes “limpa”. Fonte: https://www.geledes.org.br/18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE



Glossário do caderno

Matéria do site Geledés



<https://www.geledes.org.br/18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/>

Matéria do site do MTST



<https://mtst.org/noticias/entenda-18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/>

Matéria do site Nova Escola



<https://novaescola.org.br/conteudo/8790/na-boca-do-povo-a-coisa-esta-preta>

Vídeo: Dez expressões racistas que você fala sem perceber



https://www.youtube.com/watch?v=E_BjYP0E3ag

Programa do Instituto Palavra Aberta com apoio do Google.org criado para capacitar professores e organizações de ensino, e engajar a sociedade no processo de educação midiática dos jovens.



<https://educamidia.org.br/>

Sugestões de temas que podem ser trabalhados a partir desta atividade:

- >> Comunicação e Relações de Poder; Epistemicídios;
- >> A importância da comunicação na perpetuação de práticas racistas, machistas, LGBTQIfóbicas e violentas;
- >> Comunicação não violenta e positiva;
- >> Violências baseadas em gênero;
- >> Mídia e comunicação;
- >> Redes sociais e comunicação;
- >> Diferentes formas de comunicar através dos tempos;
- >> Valores africanos nas relações contemporâneas (oralidade).

ATIVIDADE 5



CONSTRUINDO AMBIENTES MAIS SEGUROS

Pensar as violências e violações que sofremos e praticamos no dia a dia é importante para perceber que podemos evitar processos de discriminação e preconceitos que estão presentes nessas relações. Todos os dias vemos em jornais, na TV e nos diversos meios de comunicação exemplos de violência policial, violações de direitos humanos, conflitos de interesses em países e por aí vai. Mas é importante também pensar nas pequenas violências que nós praticamos contra o outro e que podem ser evitadas com uma maior percepção de nós mesmos no cotidiano. Questões como: será que eu também violo o direito do outro? Será que eu também estou sendo racista quando um(a) amigo(a) reproduz uma fala, gesto?

Será que na escola ou rolê com os(as) amigos e amigas eu posso evitar certos comentários homofóbicos, lesbofóbicos, gordofóbicos, machistas e racistas? Aquele comentário sutil que a gente ouve e sorri no jogo de futebol, na roda de conversa, ou que a gente mesmo faz quando está chateado com alguma pessoa. Essas simples práticas podem ser evitadas com atenção e um pouco de autopercepção. De outro modo, pensar e reconhecer que a gente também sofre essas violações cotidianamente é importante para que tomemos consciência e encontremos formas de nos defender ou de buscar apoio para garantia desses direitos.



OBJETIVOS

- >> Conhecer os conceitos de violência, violação e conflito
- >> Autoconhecimento
- >> Percepção sobre si mesmo e com a gente que sofre e reproduz as violências

DURAÇÃO



até 1h30min

Ao chegarem ao espaço da atividade, cada participante receberá uma folha de papel sulfite e será convidado a sentar em círculo.

O facilitador pede, então, para que cada um pense em algo ou alguém que é muito importante, muito significativo em sua vida e desenhe na folha de sulfite. Feito isso, cada participante é convidado a passar seu desenho para a pessoa que está sentada ao seu lado direito e recebe o da pessoa que está ao lado esquerdo. Cada um deve contemplar a arte que recebeu e observá-la por algum tempo.

Em seguida o facilitador pede aos participantes que amassem o papel desenhado, aquele que está em suas mãos (a arte da pessoa ao lado). Em seguida, pede que tentem desamassá-lo e devolvam o desenho para a pessoa que o fez. Quando todos estiverem com suas ilustrações novamente em mãos (agora amassados), o facilitador pede que cada um apresente o que colocou no papel.

O facilitador inicia uma discussão com o grupo lançando as seguintes questões:

- >> Como você se sentiu amassando o que é mais importante para o(a) outro(a)?
- >> Como se sentiu quando amassaram o seu desenho?

E por fim, deve fazer junto com os participantes a reflexão com a questão abaixo:

>> Fazendo um paralelo com nossas relações interpessoais – quantos “papéis” amassamos sem nos darmos conta? E quantas vezes amassam os nossos papéis?

Em seguida, propor ao grupo que responda individualmente ou em duplas as perguntas abaixo, que podem ser escritas em um quadro ou em um flipchart, e compartilhem na roda:

1. Você acredita que tem atitudes violentas? De que forma você é violento?
2. Você já presenciou comportamentos violentos, praticados por seus amigos ou familiares? Conte como foi?
3. Que efeitos esses comportamentos violentos têm em sua vida?
4. Normalmente, como você interpreta e explica seus comportamentos violentos?

O facilitador deverá sistematizar as respostas do grupo em uma folha de papel craft ou flipchart e, nesse momento, poderá chamar atenção para as formas sutis de violência de gênero e raça, que cometemos e sofremos no dia a dia. Ações como rir de uma piada racista que alguém faz com algum(a) amigo(a); ou quando ficamos calados diante de um colega que compartilha um nude de uma menina em grupos de WhatsApp, ao invés de repreender ou alertar para o quanto isso é errado e perverso; ou ainda quando o colega que vai mal no futebol é xingado de “viado”. Nessa dinâmica o facilitador pode ainda usar como exemplos, comportamentos que tenha observado dentro do grupo, no relacionamento entre os participantes e que possam causar dor e constrangimento.

Após essa reflexão o facilitador deverá dividir os participantes em 3 grupos. Cada grupo vai discutir e tentar criar uma definição dos seguintes conceitos:

Grupo 1 - Violação

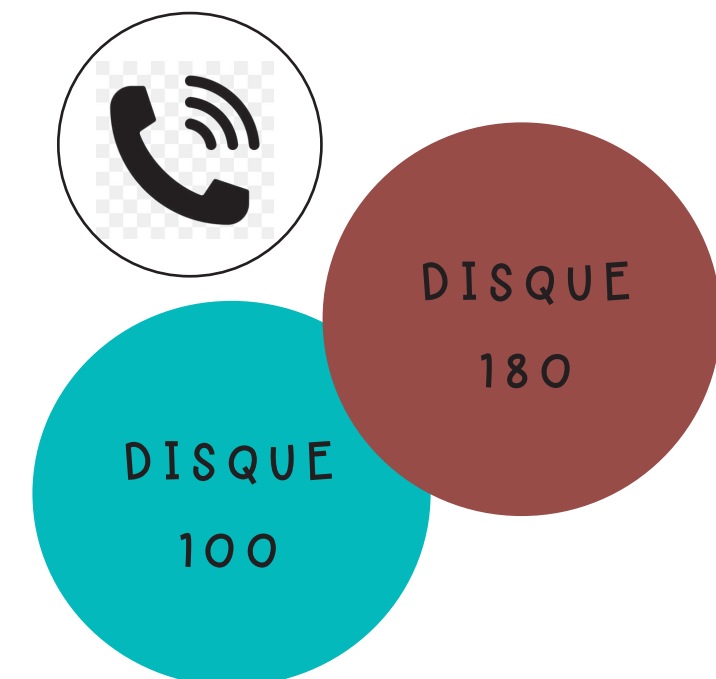
Grupo 2 - Violência

Grupo 3 - Agressão

O facilitador pode ajudar os grupos a diferenciar os conceitos, utilizando as definições disponibilizadas no quadro Anexo 6. Após a conceituação, o grupo deverá, também, dar exemplos para cada conceito aprendido. Ao final da atividade, os grupos deverão apresentar suas conclusões, os conceitos e exemplos que criaram para o restante do grupo.

O facilitador deverá finalizar a atividade discutindo sobre esses conceitos e chamando atenção para a necessidade de fortalecimento do grupo, além da necessidade de estarmos conscientes, não só dos nossos direitos, mas também dos outros. Da necessidade de estarmos atentos para que não tenhamos atitudes violentas, agressivas ou violadoras.

Esse é o momento propício para divulgar os canais de denúncia que temos disponíveis para delatar essas práticas como Disque 100 e Disque 180.



MATERIAIS



- >> Cartolina
- >> flipchart ou papel kraft
- >> Hidrocor
- >> folha de papel sulfite
- >> lápis de cor

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE



O que é violência – Christian Dunker



https://www.youtube.com/watch?v=kGCp9IjB_PQ

Racismo, coisa de branco – Tempero drag



<https://www.youtube.com/watch?v=eBfw2WqNDj0>

Preconceito, estereótipo e discriminação – minutos psí-



<https://www.youtube.com/watch?v=7m-yuzFljpc>

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE



Reportagem: Justiça reforça divulgação de canais para denunciar violência doméstica



<https://www.conjur.com.br/2020-abr-11/justica-reforca-canais-denunciar-violencia-domestica#:~:text=Os%20casos%20de%20viol%C3%Aancia%20ou,que%20tenha%20conhecimento%20do%20fato.>

Disque 100



<https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/dis-que-100-1>

Não precisa ser Amélia – Bia Ferreira



<https://www.lettras.mus.br/bia-ferreira/nao-precisa-ser-a-melia/#album:igreja-lesbiteriana-um-chamado-2019>

Pânico na Zona Sul – Racionais Mc's



<https://www.youtube.com/watch?v=7VORiKdVKoo>

Bixa preta – Linn da Quebrada



<https://www.lettras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-preta/>

CONCEITOS	EXEMPLOS ⁹
<u>Violação</u> - Ocorre quando o apresentador ou outro profissional de comunicação afirma que determinado indivíduo ou grupo cometeu um crime, com base apenas em boletim de ocorrência e depoimentos policiais. Isto é: a pessoa não é tratada como suspeita, mas como culpada. Há, com isso, o desrespeito ao preceito constitucional de presunção de inocência. Segundo a Constituição Federal, uma pessoa só é considerada culpada após ter sido julgada e condenada.	Violação de direitos humanos como trabalho análogo à escravidão, chacinas, violações ao direito à diferença, intolerância religiosa, tortura física ou psicológica, etc.

⁹ <http://crianca.mppr.mp.br/pagina-2148.html>

CONCEITOS	EXEMPLOS
<u>Violências</u>¹⁰ - Qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações, dirigida a outrem, que cause prejuízos, danos físicos, sociais, psicológicos e/ou espirituais. Ou ainda: Dispositivo de controle aberto e contínuo, ou seja, a relação social caracterizada pelo uso real ou virtual da coerção, que impede o reconhecimento do outro, como pessoa, classe, gênero ou raça, mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea. Para a OMS a violência: É definida como o uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Geralmente as situações de violência carregam um ou mais tipos de violações e todas elas são também uma forma de violência.	Abuso sexual, negligência ou abandono, violência intrafamiliar, violência entre parceiros íntimos, violência psicológica, violência simbólica (como Bullying e Cyberbullying), exposição de nudez sem consentimento (sexting), abuso financeiro e econômico, violência patrimonial, aliciamento sexual infantil on-line, pornografia infantil, violência psicológica, etc.

¹⁰ <http://crianca.mppr.mp.br/pagina-2148.html>

CONCEITOS	EXEMPLOS
<u>Agressão</u> - A agressão é vista como um comportamento que se orienta de modo intencional para causar mal ou danos a outrem.	Agressão física, verbal, autoagressão,
<u>Conflito</u> - é inerente às relações humanas, faz parte da convivência e de todas as relações interpessoais. Esse é um termo bem genérico que pode significar tanto divergências entre dois ou mais indivíduos, como uma guerra internacional entre diversos países, e engloba tudo que houver entre esses dois extremos. Já para a Sociologia, o conceito de conflito é fonte de grandes temas de pesquisa e considerações teóricas. Para o sociólogo Georg Simmel, por exemplo, conflito é uma forma de associação humana em que as pessoas são colocadas em contato entre si e por meio da qual se pode alcançar a união.	Uma discussão sem que haja violação entre os acordos e regras de convivência entre as partes. Conflitos internos ou intrapessoal, conflito intragrupal, interorganizacional, etc.
continua na prox. página >	

< continuação >

A ideia de Simmel é um importante ponto para não pensarmos nesse conceito como algo ruim, e isso ajuda a evitar a ideia de que o conflito é o término das relações e interações. O argumento de Simmel é de que o conflito obriga as partes a reconhecerem umas às outras ainda que a relação seja antagonista. E isso é importante para esclarecer que podemos ter divergências e discordâncias mútuas e, ainda assim, respeitar o outro.

Sugestões de temas que podem ser trabalhados a partir desta atividade:

- >> Autoconhecimento;
- >> Percepção sobre si mesmo e com o agente que sofre e reproduz as violências;
- >> Redes de enfrentamento às violências;
- >> Identificação das violências presentes no cotidiano;
- >> Violências e relações de poder;
 - Relacionamentos abusivos, violência doméstica e feminicídio;
- >> Tipos de violência presentes na Lei Maria da Penha;
 - Epistemicídio e genocídio da população negra e indígena;
- >> Necropolítica;
- >> Masculinidade Negra e estereótipos de violência.

ATIVIDADE 6



RODA DE CONVERSA: MEU CABELO É LINDO!

Nossa história muitas vezes é contada pelo nosso corpo físico e as marcas que carregamos nele, mas nosso corpo psicológico também traz histórias que precisam de ajuda para serem contadas e até mesmo superadas. Crianças e adolescentes negras e negros têm seus direitos violados e violentados todos os dias nos ambientes escolares, na mídia, na vizinhança, e é essa violência que, por vezes, é tida como uma brincadeira ou um simples comentário para o bem, que deixa cicatrizes difíceis de curar.

O discurso que valoriza o corpo branco como modelo e os padrões de beleza que nos são empurrados todos os dias são compostos por exemplos de pessoas de pele clara, de cabelos lisos, de olhos claros, nariz afilado, etc., e a estética negra é associada sempre a imagens negativas, onde é vista como inaceitável para certos ambientes (no corporativo, na escola, na publicidade, na TV). Quando pessoas negras são retratadas na publicidade, em filmes, novelas ou até mesmo em programas de TV, são representadas ocupando posições subalternas ou ainda suas histórias são incompletas, sem composição de família e referenciais de sucesso ou aprovação.

O fenótipo da população negra (traços, cabelos, cor de pele, formato do corpo) ou é considerado feio ou a sua beleza é reconhecida, mas corre o risco de ser hipersexualizada ou considerada exótica, como é o exemplo das “mulatas” e do estereótipo do homem, que também é visto como uma fantasia sexual e não como pessoas normais, com sentimentos e emoções, buscando seu espaço no mundo do trabalho, na educação, etc.

O cabelo é uma questão que pode parecer pouco significativa, já que na atualidade vemos um movimento de valorização dos cabelos crespos e cacheados, e a indústria da beleza dispõe de uma gama de produtos para cabelos étnicos disponíveis no mercado, mas essa mudança não aconteceu de forma natural, foi necessário muita luta e empenho de mulheres negras e afroempreendedoras, que investiram pesado na valorização dos cabelos naturais como uma forma de libertação da ditadura dos cabelos lisos (alisados artificialmente).



E esse movimento remonta o movimento Black Power com referências nos anos 20, 40 e 60. Apesar de toda essa luta por afirmação da estética negra e de sua beleza natural, ainda hoje, cabelos crespos e cacheados permanecem sendo vistos como “desarrumados”, “exagerados”, “sujos”, e não aceitáveis para determinados ambientes.

A mídia ao se dar conta de que 54% da população brasileira (dados do IBGE - Fonte Censo 2014) é composta de negros e negras e com a necessidade de pensar em atender a essa parcela da população, passou a adotar em algumas campanhas publicitárias a presença de pessoas negras, porém pesquisas apontam que essa presença corresponde a menos de 12% do que é produzido em publicidade no Brasil.

Essa discussão precisa ser feita, esse estereótipo precisa ser quebrado, esse paradigma precisa ser revisto. Discutir com os jovens esse padrões que lhes são impostos e as possíveis formas de superação desses paradigmas, podem contribuir para o fortalecimento de suas identidades e para o entendimento e transformação de comportamentos, que reproduzem atitudes racistas, homofóbicas, machistas, etc.

OBJETIVOS



Assistir ao filme;

- >> Identificar no filme: atitudes agressivas, incômodos, atitudes racistas, sentimentos positivos e negativos presentes na história, formas usadas pelas personagens para superação de problemas e dores;
- >> Estabelecer relações com os fatos observados no filme e a própria vida, através da atividade de leitura de imagem;
- >> Refletir sobre as próprias atitudes e ações para com os colegas e pessoas próximas; Observar relação de superação com os vídeos do PGM Afronta.
- >> Construir com o grupo, através do diálogo, imagens positivadas da estética negra e reconhecer as possibilidades diversas de empreendedorismo e realização pessoal profissional.



DURAÇÃO

entre 1h30 e 2h

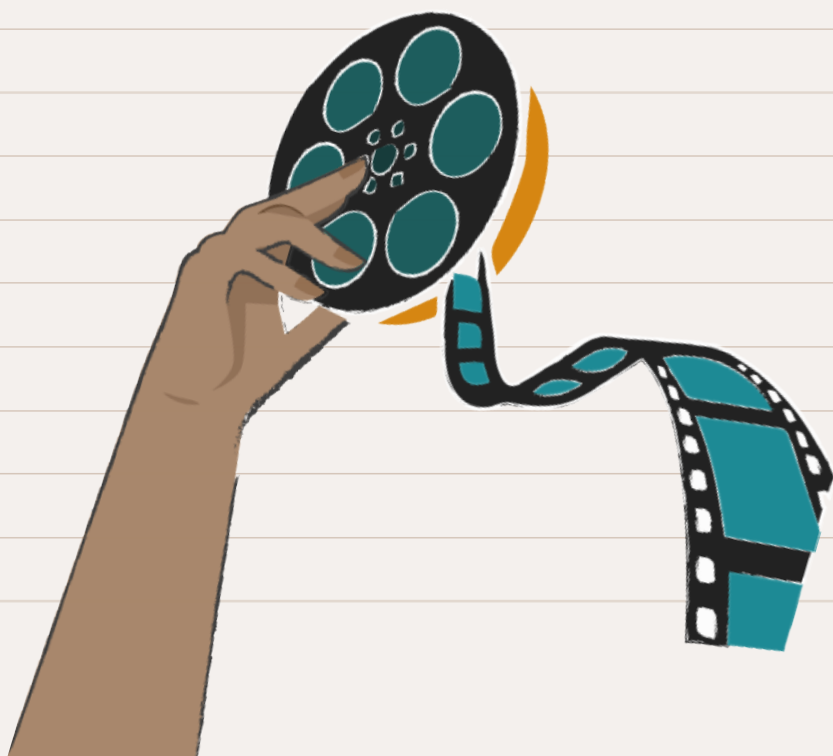
0 mediador recebe o grupo em um ambiente preparado para exibição de um filme.

Exibição do filme: PODE ME CHAMAR DE NADIA

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=HNmizIrjQKU>



Após a exibição do filme, o mediador propõe que o grupo faça uma “leitura de imagens” sobre o filme e põe as seguintes perguntas em um quadro, ou flipchart, ou folha de papel kraft:

[illegible]

Perguntas para guiar a leitura de imagens:

O que você viu?

Nesse momento eles devem falar das imagens que viram no filme, descrever cenas, objetos que chamaram a sua atenção, expressões faciais, etc.

O que você ouviu?

Aqui o grupo deverá registrar os sons que ouviu durante o filme, as falas que mais chamaram a sua atenção, músicas, vozes, etc.

O que você sentiu?

Aqui o grupo é convidado a falar de seu entendimento, seus sentimentos em relação aos acontecimentos do filme e o que isso desperta neles. Aqui cada um pode também trazer as suas memórias e suas sensações.

Após os registros, refazer o caminho da história com a turma. Essa dinâmica ajuda a recontar a história do filme, através da sua ótica e a recuperar algum momento da história que alguém do grupo possa ter perdido.

Reforçar com o grupo os seguintes pontos:

- >> Quem era Nadi?
- >> Onde ela estava?
- >> O que ela tinha nas mãos no início do filme?
- >> O que acontece com ela?
- >> Do que os colegas da escola a chamam?
- >> Você já presenciou alguém sendo ofendido por causa do seu cabelo ou da sua cor de pele?
- >> Você já se sentiu ofendido ou discriminado por causa da sua cor de pele, seu cabelo, seu modo de vestir ou sua condição social?
- >> Como se sentiria se isso acontecesse com você?

Exibir para o grupo um episódio a ser escolhido, da Série Afronta, para finalizar a discussão com imagens positivas de pessoas negras empreendedoras de sucesso, que enfrentaram e superaram problemas como o racismo ao longo de sua vida. O episódio pode e deve ser escolhido a partir do perfil da turma, entre os empreendedores de diferentes áreas apresentados pela série.

Link para acessar os vídeos da série Afronta:

<https://globosatplay.globo.com/assistir/futura/afronta>



Para finalizar a atividade convide a turma pra dançar e cantar a musica da MC Sofia, “Raízes”.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=a-xqAuyzxcY>



MATERIAIS

- >> Equipamento para exibição dos vídeos (com som), internet wifi, etc.
- >> Quadro para registro da leitura de imagens feito em papel kraft, flipchart ou quadro negro
- >> Hidrocor

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE



Episódio: Karol com K



<https://globosatplay.globo.com/assistir/futura/afronta/v/6599960>

Episódio: Raquel Virginia



<https://globosatplay.globo.com/assistir/futura/afronta/v/6599914>

Vídeo: Balança o meu black



<https://www.youtube.com/watch?v=NLyF204K5Yg>

Matéria Geledés



https://www.geledes.org.br/a-invisibilidade-da-estetica-negra-a-dor-do-racismo-sobre-nossos-cabelos/?gclid=Cj0KCQjw0rr4BRC-tARIsAB0_48MLIWwMMCxMpiRD3exTpMRPBYOsLKbpUzpLGNjUXMBKgnB6A8TXf-GIaAm2oEALw_wcB

Vídeo Estética Negra:

Hair Love - "Amor pelo Cabelo (Hair Love)" é um curta metragem que foi indicado ao Oscar 2020. Ele conta a história de uma menina afro-americana chamada Zuri e seu pai, aprendendo pela primeira vez a cuidar do seu cabelo. Uma abordagem tocante sobre representatividade e afetividade.



<https://www.youtube.com/watch?v=srKdoOEbjeg> : A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA E AUTOESTIMA NEGRA: Geração Tombamento é Política?

Matéria da Revista Época



<https://epoca.globo.com/apesar-de-evolucao-publicidade-ainda-reforca-estereotipos-sobre-populacao-negra-aponta-estudo-23353739>

Publicidade Antirracista. Capítulo 6



https://www.youtube.com/watch?v=F58fP8q_i6c&list=PLNM2T4DNzm-q41ZyqQwEsF_e9HrCIMJyco

Podcast Braincast - Episódio Publicidade Antirracista



<https://www.b9.com.br/shows/braincast/publicidade-antirracista/>

Sugestões de temas que podem ser trabalhados a partir desta atividade:

- >> Estética Negra;
- >> Padrões de beleza;
- >> Imagem corporal (estereótipos);
- >> Autocuidado;
- >> Redes sociais, racismo, homofobia, assédio, violência sexual e crimes de internet;
- >> Bem-estar emocional, abordar sobre depressão, automutilação, silenciamento de pessoas negras, solidão de mulheres e LGBTQIA+s negros e negras.

ATIVIDADE 7



AS HISTÓRIAS QUE NÃO NOS FORAM CONTADAS

Os territórios e comunidades onde vivemos, estudamos, moramos, trabalhamos, muitas vezes são retratados pela mídia como violentos e essa é a única história contada sobre esses territórios. Entendemos que esses lugares têm também muitas outras histórias para contar e nessa atividade poderemos construir, junto com o grupo, imagens positivas do território e de seus moradores, a partir da criação de uma narrativa, que parte das experiências vividas pelo grupo desde o início do projeto.

Faz parte desse momento, refletir com o grupo sobre a necessidade de uma leitura mais crítica ao consumir uma história ou uma notícia, seja ela na mídia impressa, na mídia digital, pela internet ou pela TV, para que possamos distinguir aquilo que corresponde à realidade e o que não é verdade.



OBJETIVOS



- >> Compreender a estrutura de uma narrativa.
- >> Construir uma narrativa com coesão e coerência, a partir de provocação do facilitador.
- >> Refletir sobre mensagem e contexto para criação de uma narrativa.
- >> Refletir sobre resolução de problemas em grupo.
- >> Criar diferentes formas de comunicar um assunto.
- >> Desenvolver um olhar crítico na interpretação de mensagens.
- >> Reconhecer as diferentes formas de leitura de uma mensagem.



DURAÇÃO

entre 1h30 e 2h

Previamente, o facilitador deverá fazer uma seleção de palavras que dialoguem com o grupo, com o território de origem, com o entorno e com a realidade deles. O facilitador deverá escolher também algumas palavras aleatórias ou engraçadas, que possam dar leveza a história que será composta.

A escolha das palavras deverá prever a criação de uma história, que fortaleça a identidade da comunidade local, que possa trazer exemplos de superação, de dificuldades, exemplos positivos, ou mensagens relativas às questões de gênero e raça, trabalhadas nas atividades anteriores. Todas as palavras devem estar escritas em tarjetas de 5 cores diferentes.

Ao entrar na sala ou no espaço da oficina, cada participante receberá uma tarjeta com uma palavra.

O facilitador deve explicar para a turma a estrutura para construção de uma narrativa:

Apresentação: é parte introdutória, em que as principais características do contexto são apresentadas, tais como as personagens, o lugar e o período de tempo.

Desenvolvimento: é a parte que apresenta a sucessão de acontecimentos.

Clímax: é a parte mais emocionante, em virtude de ser o momento em que algo é revelado.

Desfecho: é parte conclusiva, a partir de quando são tomados os rumos finais da narração.

Importante trabalhar com a turma as diferentes formas de se contar uma história, a depender do tipo de narrativa que estamos criando. Um filme, por exemplo, pode começar pelo fim, ou pode não ter um final tradicional. Uma notícia conta uma história de forma completamente diferente de um romance.

Com o grupo organizado em círculo, vamos criar uma história que obedeça aos seguintes critérios:

A. A história tem que ter todas as etapas para a construção de uma narrativa: apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho;

B. Todos precisam usar a palavra que receberam, ao entrar na sala, na história que vão contar;

C. Cada participante vai criar a sua parte da história e a pessoa que estará a sua direita deverá dar continuidade e, assim, sucessivamente, até chegar ao último participante.

Após a construção da história na roda, o facilitador deverá analisar com o grupo quais foram os personagens que apareceram na história, quais os conflitos que eles identificam, qual o clímax e o desfecho da história criada pela turma.

Recuperada a história, o facilitador deve pedir ao grupo para que se separem, de acordo com as cores dos cartões recebidos ao entrar na sala. Serão 5 grupos e cada um receberá uma tarefa.

ANEXO 7



Cartelas com as tarefas

Grupo 1:

Deverá criar uma reportagem para o noticiário da TV, contando a história criada para o público. A notícia deve ser dada, de uma forma que deixe o público impressionado.

Grupo 2:

O grupo deverá escolher uma das personagens que deverá contar o que viveu na história. O texto deverá ser contado em primeira pessoa.

Grupo 3:

Esse grupo deverá criar uma manchete de jornal para contar essa história, de uma forma que o público se interesse por ler a matéria inteira. A notícia deverá ser chocante para quem lê!

Grupo 4:

O grupo deverá dramatizar a história, encenar para os outros participantes, a história criada.

Grupo 5:

O grupo deverá contar a história, criando uma música ou uma poesia.

De volta à roda, cada um dos grupos apresentará sua produção para o restante da turma.

Ao final das apresentações o facilitador deverá discutir com os grupos, sobre as impressões e as várias formas de se contar uma mesma história. Deverá chamar atenção para:

- >> A intencionalidade de cada um dos grupos;
- >> As diferentes formas de se contar e de se ler uma história: uma notícia de jornal, o noticiário da TV, em primeira pessoa, etc.;
- >> Como as pessoas e os territórios são retratados;
- >> Como os fatos são apresentados e com quais objetivos;
- >> As diferentes versões de uma mesma história, a depender de quem está contando;
- >> A importância do olhar crítico e atento para compreender o contexto e a situação antes de qualquer julgamento.

Materiais



- >> Tarjetas de 5 cores diferentes com palavras escolhidas pelo facilitador, a partir do território e do grupo
- >> Hidrocor
- >> Papel kraft
- >> Cartelas com as tarefas dos 5 grupos

ANEXO 7.1



Exemplos de palavras para tarjetas

Casa	Tranças	Lenço
Beco	Corpo	Esquina
Menino	Vestido	Polícia
Mulher	Cachorro	Dinheiro
Kombi	Idoso	Cozinha
Rua	Menina	Moto
Mangueira	Dança	Creme
Comida	Pele	Blusinha
Tênis	Currículo	Portaria
Homem	Bolsa	Shopping
Mochila	Turbante	Barbeiro
Salão	Roupa branca	

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE



Vídeo 0 que é Favela?



<https://www.youtube.com/watch?v=1p2QX06Z4sg>

Mandombe, uma ciência africana | Mwana Afrika Oficina Cultural



<https://www.youtube.com/watch?v=4uhpxZUQMS0>

Variedade linguística em África | Mwana Afrika Oficina Cultural



<https://www.youtube.com/watch?v=-x0sR93sLqk>

Thioossane Afrika - Simbologia Adinkra: História e Legado do Povo Akan [SABEDORIA AFRICANA] Thioossane Afrika



<https://www.youtube.com/watch?v=GunB3gWC7gM>

Casa do Saber - NEUROCIÊNCIA E COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA | Diálogo com Flavia Feitosa e Claudia Feitosa-Santana



<https://www.youtube.com/watch?v=CmE1vUS-Tk4>

Dez expressões racistas que você fala sem perceber



https://www.youtube.com/watch?v=E_BjYPOE3ag

Sugestões de temas que podem ser trabalhados a partir desta atividade:

- >> Comunicação;
- >> Linguagens africanas;
- >> Diferentes formas de comunicação;
- >> Expressão corporal;
- >> A interferência da linguagem corporal na forma de comunicar;
- >> A importância da comunicação na perpetuação de práticas racistas, machistas, LGBTQIfóbicas e violentas;
- >> Estímulo ao uso das palavras como elogio, encorajamento e incentivo;
- >> Reconhecimento da herança africana na linguagem;
- >> Territorialidade, mobilidade urbana e direito à cidade;
- >> Estimular a escrita criativa (uso da linguagem para expressar sentimento);
- >> Trabalhar questão da escrita e oralidade na cultura africana e afro-brasileira (adinkras, hieróglifos);
- >> Quem sou eu - identificar habilidades e saber falar de si (autoconhecimento);
- >> Formas de comunicação e corporalidade negra - interferência da forma de comunicar;
- >> Reconhecimento da influência africana na expressão não lingual
- >> Palavras afirmativas em relação ao outro - falar na terceira pessoa - “falam que eu sou..”.

ATIVIDADE 8



A BOLA DA VEZ!

Em sociedade as pessoas têm muitas identidades e o processo de construção de cada uma delas é social, como vimos nos primeiros capítulos. Isso tem ligação com a forma como estamos posicionados na estrutura da nossa sociedade, com a relação que mantemos com diversos outros grupos sociais, quais características possuímos, se temos maior ou menor poder em determinadas relações, etc. Na sociedade, algumas “classificações” e estereótipos acabam “produzindo” as identidades de alguns grupos, que podem ou não ser adotadas e legitimadas por certas instituições.

Pensando sobre esses estereótipos, e por questões políticas alguns grupos sociais adotam uma identidade comum para lutar por seus direitos, como uma estratégia de chamar atenção às suas necessidades específicas, como é o caso das pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexual, Queer, Intersexual, Assexual, Mais), juventude negra ou mulheres negras. As pessoas reunidas em torno deste projeto, por exemplo, adolescentes e educadores, têm identidades de gênero e/ou orientações afetivas e sexuais diversas da “identidade cisgênero” e/ou da “heterossexualidade”, mas cada uma dessas siglas – LGBTQIA+ – representa um grupo que possui questões, necessidades e demandas específicas.

Ainda nesse contexto DIFERENÇA e DESIGUALDADE são dois conceitos muito distintos. A diferença pode se manifestar naturalmente ou por escolha, mas não há motivo para afetar o status ou os direitos das pessoas. Em outro ponto, a desigualdade é o resultado do tratamento desigual por conta de identidades de certos grupos, ou por causa dos grupos a que algumas pessoas estão associadas.

Diferença e desigualdade não são a mesma coisa, por isso é um equívoco usar os dois termos de forma equivalente. Compreender essa distinção é importante para entendermos por que as diferenças entre mulheres e homens ou meninas e meninos não são o problema. De igual modo, não existe um problema se as pessoas não se identificarem com uma identidade de gênero “cis” ou com uma orientação sexual não heterossexual. Todas as pessoas têm o direito a viver e expressar sua identidade de gênero e sua orientação sexual, livre de qualquer tipo de violência, violação e/ou discriminação. Isso é, inclusive, um direito sexual, assegurado por muitos marcos legais.



>> Sexo e Sexualidade são aspectos essenciais da vida humana e estão presentes em vários espaços, gerando discussões, questionamentos, restrições, polêmicas, dúvidas.

>> Embora cada pessoa tenha uma opinião sobre o assunto, é necessário abordá-lo sob uma perspectiva de direitos, a fim de construir, coletivamente, novos modos de relacionamento consigo própria(o) e com as outras pessoas.

>> A sexualidade é, portanto, uma construção sociocultural que sofre influências dos valores e das regras de uma determinada cultura, do tempo e do espaço em que vivemos.

>> Consenso de Montevideo sobre População e Desenvolvimento (2013) - Este é o primeiro acordo histórico no mundo a reconhecer os direitos sexuais como direitos humanos.

>> Na adolescência, a sexualidade tem uma dimensão especial, que é o aparecimento da capacidade reprodutiva no ser humano, que acontece ao mesmo tempo em que estão ocorrendo profundas transformações biológicas, psicológicas e sociais.

>> A capacidade de abstração e o pensamento crítico se desenvolvem, juntamente com um maior senso de independência emocional e de autoconhecimento. Formula-se, gradualmente, o código pessoal de valores éticos e morais.

>> Adolescentes e jovens são pessoas livres e autônomas, que têm direito a receber educação sexual e reprodutiva e a ter acesso às ações e serviços de saúde, que os auxiliem a lidar com a sexualidade, de forma positiva e responsável, e os incentive a adotar comportamentos de prevenção e de cuidado pessoal.

>> Desde crianças e até antes mesmo de nascermos já somos “classificados” – meninas gostam de rosa e de brincar de boneca, meninos gostam de azul e de brincar de carrinho. Embora pareçam simples essas definições e classificações, elas vão moldando quem somos ou quem devemos ser ao longo da vida, e somadas a algumas questões ideológicas, como algumas denominações religiosas, se transformam em determinações, às vezes, rígidas sobre quem somos na sociedade.

O que se espera de meninos e meninas, homens e mulheres acaba por limitar muito as possibilidades de ser. É importante a discussão sobre os estereótipos de gênero, pois eles nos ajudam a ultrapassar essas classificações rígidas das identidades de cada pessoa. Atribuir a homens e mulheres, meninas e meninos quais profissões devem seguir, quais pessoas devem gostar, que tipo de gostos devem ter, é limitar a própria existência de uma individualidade de ser de cada um(a).

Para o Alto Comissariado das Nações Unidas e para os Direitos Humanos (ACNUDH), um estereótipo de gênero “é uma opinião ou um preconceito generalizado sobre atributos ou características que homens e mulheres possuem ou deveriam possuir, ou das funções sociais que ambos desempenham ou deveriam desempenhar”. Assim, estereótipos de gênero são nocivos ao limitar a capacidade de meninos e meninas, homens e mulheres, para desenvolverem suas aptidões pessoais, terem uma carreira profissional, decidirem sobre suas orientações afetivo-sexuais e tomarem decisões sobre suas vidas e projetos pessoais.

É preciso ultrapassar essas barreiras para que tenhamos uma sociedade menos preconceituosa e para que conceitos mais próximos da realidade, sejam disseminados e colocados em prática, desde o ponto de vista de garantia de direitos.



OBJETIVOS

- >> Discutir os papéis sociais de homens e mulheres, e como os estereótipos de gênero moldam as expectativas para cada um;
- >> Desenvolvimento da atividade:

DURAÇÃO



1h 20min

O facilitador reúne a turma em círculo e escolhe um participante para ser o redator. O redator fica fora do círculo e anota em tarjetas ou post-its, as respostas dos participantes às perguntas que serão feitas durante o jogo. Todas as respostas deverão ser coladas em um quadro ou flipchart para que todos possam ver.

O facilitador se posiciona no meio do círculo com uma bola na mão. A bola será lançada para cada participante que deverá pegá-la, responder a um questionamento e lançá-la de volta para o facilitador. O movimento deverá se repetir até que todos tenham dado respostas. Cada participante ao receber a bola deverá completar as seguintes frases:

Os homens são... / As mulheres são...
Os homens gostam... / As mulheres gostam...
Os homens sentem... / As mulheres sentem...
Os homens vestem... / As mulheres vestem...

O facilitador pode mudar ou acrescentar perguntas ao jogo. Pode também fazer mais de uma pergunta ao mesmo participante, a fim de garantir que o quadro esteja repleto de registros. Ao final, todos são convidados para refletir sobre suas respostas e sobre os papéis, adjetivos e emoções que estão atribuídos para homens e mulheres no quadro. Nesse momento é importante que o facilitador faça uma reflexão com o grupo, sobre o resultado e se poderia ter sido diferente, se o que foi atribuído aos homens poderia ser também atribuído às mulheres e vice e versa.

Reconstruir o quadro procurando entender junto com o grupo o que poderia ser interseção, o que é comum a todos, e as possíveis mudanças que podemos fazer em nosso modo de ver a identidade de gênero e a orientação sexual. Discutir com o grupo, nesse momento, as questões relativas à sexualização de alguns corpos mais do que outros, por exemplo, os corpos de homens e mulheres negras.



Questões norteadoras:

>> Observando o quadro, vocês conseguem ver alguma ação que poderia mudar de lugar? Ou estar tanto do lado masculino quanto do feminino?

Vocês observam ações ou sentimentos que sejam comuns aos dois?

>> Algumas pessoas são vistas como mais sedutoras que outras, o que vocês acham disso?

>> Outras pessoas são julgadas como mais comportadas que outras, o que vocês acham disso?

>> Será que podemos afirmar, ao olhar para uma pessoa, quem ou o que ela é, e como se comporta? Dê exemplos?

>> O facilitador pode ampliar o número e o tema dos questionamentos, a partir das respostas no quadro.

Reorganizar o quadro, junto com o grupo, de uma forma que seja possível equalizar as qualidades, sentimentos e comportamentos citados, pensando na renovação dos papéis sociais de homens e mulheres.

MATERIAIS



>> Bola

>> Hidrocor

>> Flipchart, papel kraft ou quadro para anotações.

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE



Matéria Nova Escola



<https://novaescola.org.br/conteudo/16418/garanta-o-direito-de-todos-os-alunos-ao-promover-igualdade-de-genero#>

Matéria Mulheres na Pandemia



<http://www.generonumero.media/metade-mulheres-passou-cuidar-pandemia/>

Pesquisa Mulheres na Pandemia SOf



<http://mulheresnapandemia.sof.org.br/>

GÊNERO: O QUE É (E O QUE NÃO É) | Thaís Lima #05



https://www.youtube.com/watch?v=x_WkMLkdl6M

Thaís Lima - “Infelizmente, grande parte das discussões que envolvem o termo #gênero estão cercadas de muita polêmica. Mas, pior do que isso, elas estão fundamentadas em muita desinformação. Neste vídeo, eu queria fazer uma pequena introdução sobre o que é gênero e o que são os #EstudosdeGênero, apresentando alguns livros e algumas autoras fundamentais para compreender o tema.”



https://www.youtube.com/channel/UCA0KKIqq_xQf9s9fhDXSVgg

Canal Philos - "Ser mulher com todo respeito e merecimento, só isso que a gente quer. Agora, que a luta é grande, é." (Elza Soares)



<https://www.youtube.com/watch?v=yWqEAfMDDII>

Movimento feminista negro no Brasil | Núbia Moreira



<https://www.youtube.com/watch?v=TQa0La1YlFw>

Superinteressante : 2 minutos para entender - Cultura do Estupro



<https://www.youtube.com/watch?v=7a2uY64IwXY>

“Quantas mulheres você conhece que já foram assediadas na rua? Uma pesquisa divulgada no mês passado, mostrou que 86% das brasileiras já receberam algum tipo de cantada e 44% tiveram seus corpos tocados. Esse dado é maior do que na Índia, país famoso pela violência sexual contra a mulher. Pode parecer que esses dados não têm nada a ver com o silenciamento da violência sexual. Mas têm. Além disso, a novela que você vê, a música que você ouve e a forma como vivemos constroem esse comportamento.”



Para saber mais, acesse: <http://abr.ai/1TXLc>

Masculinidade tóxica, violência doméstica e machismo | Quebrando o Tabu



<https://www.youtube.com/watch?v=uiFjHFeqsM0>

“O que é IDENTIDADE DE GÊNERO? - Canal Preto



<https://www.youtube.com/watch?v=meFvv0QwRDw>

Vidas TRANS IMPORTAM! - Canal Preto



<https://www.youtube.com/watch?v=gJUjGq8kONI>

"A masculinidade branca desumanizou o homem preto"
Guia Negro Entrevista

<https://www.youtube.com/watch?v=7s5GwdMUZaI>

Sugestão de temas possíveis para trabalhar a partir desta atividade:

- >> Estereótipos de gênero e raça;
- >> Diferença de sexo, gênero, sexualidade e identidade de gênero, e como isso vai moldando nossa percepção sobre o outro;
- >> Trabalhar corpo, emoções e sexualidade - como as relações de gênero influenciam homens e mulheres no momento de vivenciar e experimentar suas sexualidades;
- >> Trabalhar identidade de gênero e orientação sexual;
- >> Refletir sobre o corpo negro dentro da lógica da sexualização;
- >> Gênero e trabalho (quais são os papéis destinados a homens e mulheres no mercado de trabalho e no âmbito doméstico);
- >> Raça, gênero e trabalho: refletir quais são os lugares que a população negra ocupa nas relações de trabalho;
- >> Tipos de violência;
- >> Relações de poder e suas assimetrias;



ATIVIDADE 9

MEU CORPO NO MUNDO

A empatia é uma habilidade fundamental quando pensamos na vida em sociedade. Habilidade essa, que nos ajuda a acessar percepções e sentimentos do outro, a partir do seu ponto de vista. Ao sermos empáticos nos disponibilizamos a tentar perceber como afetamos e somos afetados pelo relacionamento com o nosso semelhante.

Acolher o outro lidando com as diferenças de forma respeitosa, pode contribuir para a construção de relações mais saudáveis. Responsabilizar-se pelo bem-estar de outra pessoa nos leva a refletir sobre nosso papel na construção de uma sociedade mais solidária e mais fraterna, que não admita o racismo, o sexismo e a violência de gênero como uma constante.

OBJETIVOS



- >> Reconhecer o corpo do outro como diferente;
- >> Trabalhar com sentimentos de empatia, solidariedade, acolhimento e o respeito ao outro e as suas limitações.



DURAÇÃO

entre 1h30 e 2h

Os participantes entram na sala ao som de uma música calma e relaxante, são orientados a formarem grupos de 5 pessoas para fazerem o “Jogo da confiança”. Deverão se organizar em formato de cruz, uns de frente para os outros e com uma pessoa ao centro. O jovem do centro deve estar com os olhos vendados e relaxado. Os colegas deverão movimentar seu corpo lentamente, fazendo com que ele se mova de um lado para o outro, para frente e para trás. O jovem do centro deve manter o corpo relaxado e ser movimentado conforme o desejo dos colegas, sem resistir. Ao final do exercício todos os participantes deverão ter ficado no centro.



Depois que todos passaram pela experiência, abrir uma roda de conversa usando as questões norteadoras:

- >> Como se sentiram na experiência?
 - >> É fácil confiar o seu bem-estar à outra pessoa?
 - >> Qual a nossa responsabilidade ao movimentarmos o corpo do outro?
 - >> É fácil ser responsável pelo bem-estar do outro?
 - >> Qual a sensação?
 - >> Qual a necessidade e o motivo de confiarmos no outro aqui no jogo? E na nossa vida lá fora?
 - >> Por que nos sentimos mais seguros com algumas pessoas e menos com outras?
 - >> Na realidade atual, predomina mais a confiança ou a desconfiança entre as pessoas? Por quê?
- Como conquistar a confiança do outro?

Retomando a organização dos grupos, pedir aos participantes que discutam no seu grupo quais as diferenças que eles encontram, entre seus pares, na comunidade onde vivem, ou em seu território: diferenças religiosas, físicas, de cores de pele, tipos de cabelo, diferentes origens, línguas, diferenças de sexo e de identidade de gênero, etc.

Proponha ao grupo que registre através de diferentes linguagens (música, desenhos, poesia, dança, usando o corpo, etc.) como poderiam acolher aqueles que são vistos como diferentes por eles, e como poderiam espalhar essa prática para a comunidade.

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE

Texto



https://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2017/03/Importancia_Empatia_Educacao_Escolas_Transformadoras.pdf

Vídeo: Ética Ubuntu | Mwana Afrika Oficina Cultural



<https://www.youtube.com/watch?v=Mq8jMJDFNkg>

Webpalestra - Pensando a saúde da população negra



<https://www.youtube.com/watch?v=Y4xpqyYa5Vc>

Canal Saúde Oficial - Saúde Mental da População Negra e Psicologia Preta - Sala de Convidados: “Saúde Mental da População Negra e Psicologia Preta: o racismo faz mal à saúde mental da população negra e, apesar do Sistema Único de Saúde (SUS) contar com a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, o atendimento às

vítimas nem sempre é feito da maneira adequada, muitas vezes por falta de conhecimento ou especialização do profissional de saúde.”



<https://www.youtube.com/watch?v=rXiiIm1UqVM>

Racismo Religioso - Katúscia Ribeiro e Pastor Henrique Vieira



<https://www.youtube.com/watch?v=k2r4nRIukF8>

Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pabllo Vittar



<https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>

Sugestões de possíveis temas para trabalhar a partir desta atividade:

- >> Identidade e Coletividade;
- >> Emoções, gênero e sexualidade;
- >> Saúde mental;
- >> Autoconfiança;
- >> Autoestima e autoconhecimento;
- >> Confiança;

ATIVIDADE 10



SERÁ QUE EU POSSO CONTRIBUIR?

Cada um de nós é responsável por novos modos de lidar e conviver com as diferenças, e todos podemos contribuir para transformar realidades que violam direitos. Construir com os jovens um caminho para atitudes de respeito e de enfrentamento ao racismo e a violência de Gênero, buscando mudanças a partir de suas vivências cotidianas e de ações concretas, é uma forma de engajá-los nesse processo transformador. Para que essas ações sejam efetivas, os jovens não devem estar sozinhos, eles podem e devem contar com a comunidade e com as instituições públicas e privadas, além das organizações sociais presentes no território. Precisam conhecê-las, entender suas funções e ações e como se organizam. Precisam saber que podem acessá-las e tê-las como parceiras no seu dia a dia. O primeiro passo é o mapeamento desses espaços para que no futuro eles possam se apropriar do diálogo com essas instituições.

- >> Identificar e mapear as instituições públicas e privadas e organizações da sociedade civil presentes no território;
- >> Identificar e mapear os atores do Sistema de Garantia de Direitos no território;
- >> Compreender as funções de cada órgão e como cada um pode contribuir para o enfrentamento das questões relacionadas às violações de direitos;
- >> Reconhecer como cada um pode contribuir para o enfrentamento das violências raciais e de gênero, através de suas ações cotidianas nos espaços que frequentam.

O facilitador deverá preparar previamente o desenho do esqueleto de uma árvore grande (papel kraft) com raiz, tronco e folhas. Deverá também fazer um mapeamento prévio de organizações e instituições presentes na comunidade, território e suas funções, para que possa orientar os alunos.

Os participantes devem se organizar em volta do desenho da árvore no centro da sala. Cada um receberá uma tarjeta onde deverão colocar seu nome.

O facilitador explica que a turma vai construir uma árvore diferente, a “árvore da contribuição”. Uma parte muito importante dessa árvore é a raiz, é a parte que sustenta e alimenta essa planta, dela depende a vida dessa árvore. Cada um colocará seu nome na raiz.

O tronco dessa árvore é composto pelas instituições que servem de suporte para que ela se mantenha de pé, e serão as instituições presentes no bairro, comunidade, território onde vivem e que podem oferecer apoio, informação, saúde, segurança ao grupo. Algumas delas fazem parte do SGDCA (explicar o que é o sistema de garantia de direitos¹¹).

O grupo deverá selecionar e discutir entre eles, quais as instituições existentes no seu território e a função de cada uma delas. O facilitador entrega ao grupo tarjetas com os nomes de possíveis instituições e tarjetas em branco, para que eles preencham caso precisem.

11 <https://www.chegadetrabalhoinfantil.org.br/como-combate-lo/sgdca/>

Exemplos de tarjetas

- >> Escola
- >> Igreja
- >> Associação de moradores
- >> Centro Espírita
- >> Posto de saúde - Unidade Básica de Saúde
- >> UPA - Unidade de Pronto Atendimento
- >> Clínica da família
- >> ONGS
- >> CRAS
- >> CREAS
- >> Conselho tutelar
- >> Universidade
- >> Casa de Candomblé
- >> Casa de Umbanda
- >> CMDCA
- >> Fóruns
- >> Promotoria
- >> Delegacias
- >> Etc.

As folhas dessa árvore também são muito importantes, pois são a parte que ficam à mostra, onde todos podem ver o quanto ela é bonita e saudável. Nas folhas, os participantes deverão colocar ações que eles podem realizar para o enfrentamento das violências de gênero e raciais. Essa discussão pode ser feita em grupos ou de forma individual, cada um pode pensar em uma atitude pessoal que possa ajudar no enfrentamento dessas violências. Todos são convidados a verbalizar suas ações e a colar suas folhas nessa árvore.

É importante, nesse momento, frisar que o grupo não está sozinho nessa tarefa, que toda comunidade é responsável e que eles podem encontrar apoio e proteção, na rede de organizações e instituições que estão presentes no seu entorno.

PARA SE PREPARAR PARA A ATIVIDADE



Matéria sobre Sistema de Garantia de Direitos (SGD) e os órgãos que o compõem:



<https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/como-combate-lo/sgdca/>

<https://educacaointegral.org.br/glossario/sistema-de-garantia-de-direitos/>

<http://crianca.mppr.mp.br/pagina-235.html>

Estatuto da Criança e do adolescente:



<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>

Estatuto da Juventude:



<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/estatutodajuventude.pdf>

O que são os Direitos Humanos?



<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>

Três razões simples para a defesa das ações afirmativas



<https://www.geledes.org.br/tres-razoes-simples-para-a-defesa-das-acoes-afirmativas/>

<https://www.geledes.org.br/tag/acoes-afirmativas/>

Sugestões de temas para trabalhar a partir desta atividade:

- >> Ampliação de repertório sobre redes e serviços (formas de resistir em meio à escassez de oportunidade);
- >> Identificação e mapeamento de redes;
- >> Identificação e mapeamento de problemas;
- >> Ampliação do conhecimento sobre Cidadania;
- >> Estímulo ao protagonismo juvenil;
- >> Construção de redes;
- >> Noções de construção de projetos sociocomunitários;
- >> Lidando com conflitos;
- >> Estatutos da Criança e do Adolescente;
- >> Estatuto da Juventude;
- >> Ações afirmativas / política de cotas raciais e sociais.



capítulo 4

Para saber mais

Indicação de textos para leitura e aprofundamento teórico do educador, vídeos, músicas e outros instrumentos, que podem contribuir para o entendimento das questões trabalhadas e ajudar no desenvolvimento das atividades junto ao grupo.

Músicas:

“Olha o menino” - Negra Li:



<https://www.youtube.com/watch?v=qbP41wNg5TE>

“A vida é desafio” - Racionais Mc's:



https://www.youtube.com/watch?v=52NT9cSWC_8

“Negro drama” - Racionais Mc's:



<https://www.youtube.com/watch?v=3pTzAo-FnMQ>

“PAGU” - Rita Lee:



<https://www.youtube.com/watch?v=UGxTDdFP9yA>

“Menina pretinha” - Mc Sofia:



<https://www.youtube.com/watch?v=i6M4LaEuIEk>

“Mulheres negras” - Yzalú:



<https://www.youtube.com/watch?v=122kwdWN-v0>

“1 de julho” - Cássia Eller:



<https://www.youtube.com/watch?v=ywMJEu8dddA>

Diáspora - Thiago Elniño:



<https://www.youtube.com/watch?v=L6q2EkkQLLs>

Emicida - Levanta e Anda -



https://www.youtube.com/watch?v=Hfe24uHY_wQ

Negra Li - Nossos Sonhos:



<https://www.youtube.com/watch?v=RW7zg-iU9Dw>

Máscara - Pitty:



<https://www.youtube.com/watch?v=W4-G-itMgjI>

Aparências - Márcio Greik:



<https://www.youtube.com/watch?v=V2YWqmsY0qU>

Elegância - Rincon Sapiência:



https://www.youtube.com/watch?v=3Iosg-_xFGA



Arte na pele - Calibre 12:



<https://www.youtube.com/watch?v=WHNz9dmyw20>

Peso na mente - Sara Donato:



<https://www.youtube.com/watch?v=oAWGwu3F5aQ>

Me revelar - Zélia Ducan:



<https://www.youtube.com/watch?v=gURaGuWggBI>

“Comida” - Titãs:



<https://www.youtube.com/watch?v=Dcb8pZgysHM>

“Quando o pai se vai” - Gog:



<https://www.youtube.com/watch?v=qXMY3hwwHNo>

“Obrigada mãe, obrigado pai” - Invasor DMS:



<https://www.youtube.com/watch?v=kEmXEWLoHJI>

“Pais e filhos” - Legião Urbana:



<https://www.youtube.com/watch?v=sfixHYBWaiU>

“Menino Mimado - Criolo:



<https://www.youtube.com/watch?v=f28vdAn5TBU>

“Brasil Corrupção”:



<https://www.youtube.com/watch?v=nfUhl-bvpYU>

“Pacato Cidadão” - Skank:



<https://www.youtube.com/watch?v=Qq1VkRQ4sgc>

“Negro drama” - Racionais Mc's:



<https://www.youtube.com/watch?v=3pTzAo-FnMQ>

TEXTOS

Feminismo para homens, um curso rápido - Alex Castro:



<https://papodehomem.com.br/feminismo/>

Corpos - do que são feitas as mulheres, o que é ser mulher? - Blogueiras feministas:



<http://blogueirasfeministas.com/2013/06/corpos-do-que-sao-feitas-as-mulheres-o-que-e-ser-mulher/>

Mulheres com deficiência e a dupla vulnerabilidade:



<http://blogueirasfeministas.com/2018/03/mulheres-com-deficiencia-e-a-dupla-vulnerabilidade/>

Não é cuidado, é machismo e racismo - Blog Palavra de preta:



<https://palavradepreta.wordpress.com/2017/06/19/nao-e-cuidado-e-machismo-e-racismo/>

Desabafo - não quero ser a “mulher” - Blogueiras feministas:



<http://blogueirasfeministas.com/2013/10/desabafo-nao-querio-ser-a-mulher/>

APROPRIAÇÃO CULTURAL

I woke up like this: os mecanismos do racismo na música



<http://www.geledes.org.br/tag/apropriacao-cultural/>

<http://azmina.com.br/2016/04/apropriacao-cultural-e-um-problema-do-sistema-nao-de-individuos/>

<http://blogueirasnegras.org/2013/11/27/tirem-maos-simbolos-luta/>

<http://ovelhamag.com/apropriacao-cultural/>

RACISMO INSTITUCIONAL



<http://racismoinstitucional.geledes.org.br/>

<http://www.leiaja.com/carreiras/2014/03/12/racismo-institucional-preconceito-que-desmotiva/>

RACISMO ESTRUTURAL



<http://www.geledes.org.br/tag/racismo-estrutural/#gs.i5604wE>

<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,racismo-e-estrutural-e-institucionalizado-no-brasil-diz-a-onu,1559036>

<http://blogueirasnegras.org/tag/racismo-estrutural/>

PAN-AFRICANISMO



<http://panafricanismodeba.wixsite.com/ufabc/pan-africanistas>



<http://brasilescola.uol.com.br/geografia/panafricanismo.htm>



<http://www.educacional.com.br/reportagens/africa/parte-04.asp>

AFROCENTRICIDADE



<http://www.asante.net/articles/1/afrocentricity/>



<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>

http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_02.pdf

<https://pt.scribd.com/doc/157587462/Introducao-a-afrocentricidade>



DIVERSOS

Aspectos legais do atendimento ao adolescente - em busca da saúde integral



http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/mulher/aspectos_legais.pdf

Direitos sexuais e direitos reprodutivos: vivendo a adolescência



<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/direitos-sexuais-e-reprodutivos>

Como funcionam as leis sobre aborto no Brasil e no mundo



<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2017/11/18/como-funcionam-as-leis-sobre-aborto-no-brasil-e-no-mundo.htm>

O que é aborto



<http://blogueirasfeministas.com/2014/09/o-que-e-aborto/>

Tudo o que você precisa saber sobre o aborto no Brasil



<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-aborto-no-brasil/>

Orientações básicas de atenção integral à saúde de adolescentes nas escolas e unidades básicas de saúde



http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/orientacao_basica_saude_adolescente.pdf

Orientações para o atendimento à saúde de adolescentes



http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/orientacoes_atendimento_adolescente_menina.pdf

Quanto custa



https://plan.org.br/sites/files/plan/field/field_publication_files/cartilha_digital_v1.pdf

“Um corpo negro” - Blogueiras negras



<http://blogueirasnegras.org/2013/11/12/corpo-negro/>

Doenças de combinação crônicas e IST's:



<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/previna-se>

“E se o aborto fosse legalizado no Brasil” - Blogueiras feministas:



<http://blogueirasfeministas.com/2017/09/e-se-o-aborto-fosse-legalizado-no-brasil/>

Gravidez na adolescência e nossas escolhas - Blogueiras feministas:



<http://blogueirasfeministas.com/2017/05/gravidez-na-adolescencia-e-nossas-escolhas/>

Jogos do fastfood da política



<http://fastfooddapolitica.com.br/jogos/>

Descubra e aprenda sobre participação política



<https://www.infojovem.org.br/infopedia/descubra-e-aprenda/participacao/participacao-politica/>

Como desenhar uma estratégia de incidência apolítica em 4 passos



<https://www.youtube.com/watch?v=mcnXdlfTA0o>

VÍDEOS

Canal no site Vimeo que traz diversos vídeos sobre o tema do feminismo e da desigualdade de gênero: “TV FEMINISTA”



www.vimeo.com/channels/105987



<http://blogueirasnegras.org/2014VÍdeos:>

INTOLERÂNCIA DE GÊNERO E SEXUALIDADE



<https://www.youtube.com/watch?v=o-xBauNn-V0>

Identidade de gênero - não complica



<https://www.youtube.com/watch?v=dxfyiWfvqrQ>

Dois minutos para entender desigualdade racial no Brasil



<https://www.youtube.com/watch?v=ufbZkexu7E0>

Transfobia



<https://www.cidadaniatrans.com/transfobia>

Por e como não ser transfóbico



<https://catracalivre.com.br/videos/por-que-e-como-nao-ser-transfobico/>

Direitos sexuais e direitos reprodutivos. Você sabe o que é?



<https://www.youtube.com/watch?v=Iv3Phkn4FdM>

Campanha ANA - Diretos sexuais e reprodutivos. Você sabe o que é?



<https://www.youtube.com/watch?v=Iv3Phkn4FdM>

Direitos sexuais e direitos reprodutivos de mulheres negras



https://www.youtube.com/watch?v=AoXLo-s_xU8

Web série: Saúde no Rolê - do Programa Adolescente Saudável
episódio sobre gravidez na adolescência



<https://www.youtube.com/watch?v=lpRuk96GF6Y&t=22s>

Mães solteiras - filme documentário



<https://www.youtube.com/watch?v=RreeREWgPm8>

Aborto e gravidez na adolescência



<https://www.youtube.com/watch?v=Ndhw1IOyeSE>

Vida Maria, de Márcio Ramos, 2004



www.youtube.com/watch?v=bXZr-4m-3sY

Minha vida de João - Instituto Promundo



www.youtube.com/watch?v=C16E6u45p90

Medo de quê? Instituto Promundo



<https://www.youtube.com/watch?v=S2qisJyKm0g>

Precisamos falar com os homens?



<https://www.youtube.com/watch?v=jyKxmACaS5Q>

Mulheres também transam



<https://www.youtube.com/watch?v=r9nScgxSntI>

O conceito de GÊNERO e a Antropologia - Antropológica



<https://www.youtube.com/watch?v=kZOPRKVQuAw>

Quem é você? Identidade



<https://www.youtube.com/watch?v=0GuXn3dDQ6A>

Poema Eu, etiqueta - Carlos Drummond de Andrade:



<https://www.bing.com/videos/search?q=poema+eu+etiqueta+%e2%80%93+carlos+drummond+de+andrade&&view=detail&mid=F4C3B42A8D1473249B8FF-4C3B42A8D1473249B8F&&FORM=VRDGAR>

Cultura - Identidade cultural



https://www.youtube.com/watch?v=cRj5PImx_sI

#TodoJovemTemDireito ao Desporto e ao Lazer



https://www.youtube.com/watch?v=s00Nf_8iOUw

Mulherismo Africana: Katúscia Ribeiro e Aza Njeri

Programa Ciência & Letras:



https://www.youtube.com/watch?v=wFKi_GrZXak

Katiúscia Ribeiro - “Dentro da perspectiva da luta autônoma Africana, na busca pelas próprias narrativas espistemológicas, o Mulherismo Africana apresenta-se a nós, povo Preto, não somente como combate à desigualdade de gênero, mas também como forma de resgate filosófico e cultural da grandeza ancestral Africana.”

Mulheres negras e o feminismo - Leitura Obrigatória



<https://www.youtube.com/watch?v=lnJ4izof3mE>

Autocuidado da mulher preta



<https://www.youtube.com/watch?v=iTrY0vbAV64>

FILMES/ SÉRIES/ PROGRAMAS DE TV

Eu tenho Nome



[goo.gl/GxZuSi](https://www.youtube.com/watch?v=rBXLpg7nj-Y)

Teste da Boneca



[goo.gl/zJdvpn](https://www.youtube.com/watch?v=DXy9Ih9KDyM)

Discurso de Viola Davis



[goo.gl/SGbkH4](https://www.youtube.com/watch?v=FKQSSfJZQ4o)

Cores e Botas



[goo.gl/nyK5We](https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM)

Medo de Quê?



[goo.gl/xJ81H9](https://www.youtube.com/watch?v=Qg8Dz0assnQ)

Pequena Miss Sunshine



<https://www.youtube.com/watch?v=4gg7AyCtnLk>

Entre os muros da escola



<https://www.youtube.com/watch?v=rBXLpg7nj-Y>

Maria sem Graça



<https://www.youtube.com/watch?v=DXy9Ih9KDyM>

Hoje eu quero voltar sozinho



<https://www.youtube.com/watch?v=FKQSSfJZQ4o>

Vista a minha pele



<https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>

Gravidez a maternidade na adolescência - profissão repórter



<https://www.youtube.com/watch?v=Qg8Dz0assnQ>

Filhos das filhas - Projeto Mídia Jovem



<https://www.youtube.com/watch?v=BEQVAwvzuYI>

Pai: muito além da ajuda



<https://www.youtube.com/watch?v=MMg00SIvzqU>

O que faz um vereador?



<https://www.youtube.com/watch?v=p0iThRY2xKM>

Quem é Malala?



https://www.youtube.com/watch?v=iS_mNOjQGvA

A história da não violência



<https://www.youtube.com/watch?v=K8HtKMKpISU>

12 filmes que retratam a juventude



<https://www.cartacapital.com.br/educacaoreportagens/12-filmes-que-retratam-juventude/>

PÁGINAS E CANAIS

No site do Promundo, ONG cuja missão é promover masculinidades não violentas e relações de gênero equitativas, é possível encontrar diversas cartilhas e apostilas sobre estes temas



www.promundo.org.br/manuais-para-trabalhar-com-jovens-e-adultos

Projeto Educação popular em Direitos Humanos - Identidades



<http://pepdh.blogspot.com.br/2011/09/oficina-identidade-no-pases.html>

Biblioteca Virtual dos Direitos Humanos



portal.mj.gov.br/sedh/documentos/CartilhaZiraldo.pdf

Cartilha sobre Direitos Humanos para crianças



www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf

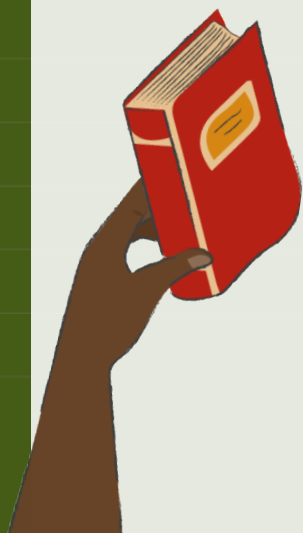
CAPÍTULO 5

GLOSSÁRIO

Abuso - Ato ou efeito de exceder, ir além do limite; incorreto ou ilegítimo; excesso, ou aquilo que se opõe aos bons usos e costumes. Tem ainda como significado qualquer ato que atenta contra o pudor, os bons usos e costumes, a liberdade sexual. Abuso de autoridade; abuso de confiança; abuso de incapaz; abuso de poder; abuso de direito praticado por autoridade pública.

Abuso sexual - O abuso sexual pode acontecer dentro e fora do núcleo familiar, sendo conhecido como intrafamiliar e extrafamiliar, respectivamente, e pode se expressar de diversas maneiras. Abuso sexual sem contato físico corresponde a práticas sexuais que não envolvem o toque, podendo ocorrer de várias formas, e abuso sexual com contato físico, corresponde a práticas com os órgãos genitais, tentativas de relações sexuais, masturbação, sexo oral, penetração vaginal e anal. Existe também uma compreensão mais ampla de abuso sexual com contato físico que inclui contatos “forçados”, como beijos e toques em outras zonas erógenas.

Ações Afirmativas - Conjunto de ações políticas dirigidas à correção de desigualdades raciais e sociais, orientadas para oferta de tratamento diferenciado, com vistas a corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por estrutura social excludente e discriminatória.



Aculturação Processo de transformações/adaptações sofridas por manifestações culturais de uma ou mais culturas, quando em contato com outra.

Adolescência É um dos ciclos etários de vida que ocorre entre a infância e a fase adulta. Este período é marcado por diversas transformações corporais, hormonais e até mesmo comportamentais. Pela legislação brasileira, compreende o período entre doze e dezoito anos de idade. Na realidade brasileira, adolescentes e jovens são definidos por diferentes aspectos, emergindo opiniões diferenciadas quanto as formas de situá-los nos marcos referenciais que os caracterizam. O Ministério da Saúde segue como definição de adolescência a prescrita pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que caracteriza o período entre 10 e 19 anos e compreende como juventude, a população dos 15 aos 24 anos (BRASIL, 2010, p. 46). O Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013) define juventude a partir de faixas etárias. Dos 15 aos 17 anos são adolescentes-jovens; dos 18 aos 24 anos são jovens-jovens e entre os 25 e 29 anos são denominados jovens-adultos. Portanto, nessas definições há uma interseção entre a metade da adolescência e os primeiros anos da juventude. Essa população, entre 10 e 24 anos, representa um contingente expressivo de mais de 50 milhões de pessoas no Brasil (IBGE, 2010).

Africanidades brasileiras Expressão cunhada por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva que se refere às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Seriam os modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, as marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia a dia. Mais do que as manifestações em si, o conceito se refere aos processos de formação dessas manifestações. As africanidades, portanto, estão associadas ao modo de ver, de viver e de resistir, culturalmente, dos africanos e afrodescentes, presentes na cultura brasileira.

Alteridade Refere-se à natureza ou condição do outro. A alteridade se dá no reconhecimento do outro, a partir de nós mesmos. É possibilidade de se colocar no lugar de outro indivíduo ou grupo e, na medida do possível, viver a experiência alheia. Podemos dizer que as identidades são derivadas da diferença e da alteridade. A alteridade permite ampliar a realidade por meio do conhecimento e da experiência de outras formas de vida, baseadas em diferentes crenças, categorias classificatórias e entendimentos.

Ancestral Relativo ou próprio dos antepassados; linha de ascendência familiar; muito antigo, remoto.

Antirracismo - Opinião, movimento ou manifestação que se opõe ao racismo.

Assédio moral Atos cruéis e desumanos que caracterizam uma atitude violenta e sem ética nas relações de trabalho, praticada por um ou mais chefes contra seus subordinados. Trata-se da exposição de trabalhadoras e trabalhadores a situações vexatórias, constrangedoras e humilhantes durante o exercício de sua função, caracterizadas por serem repetitivas e prolongadas ou em períodos constantes, ou ainda, no desempenho de atividades temporárias ou periódicas.

Assimilação Processo de tornar-se semelhante por meio de práticas culturais. A assimilação é um processo complexo que deve levar em conta o contexto social e político em que se encontram os grupos em questão.

Aviso de gatilho ou Trigger warning O “aviso de gatilho” é colocado antes de algum texto ou vídeo para alertar que ali pode conter conteúdo relacionado a algum trauma, podendo desencadear nas pessoas memórias e sensações indesejadas e dolorosas. Por isso, se a pessoa lê “aviso de gatilho” ou TW ela pode pular aquele conteúdo.

Beleza Qualidade, propriedade, caráter ou virtude do que é belo. Corresponde a certas normas, definidas socialmente, de equilíbrio, plástica, proporções harmônicas e outras qualidades similares. Ou seja, a definição de belo é uma construção social, reverberada e potencializada pelos meios de comunicação.

Bifobia Discriminação contra bissexuais, em razão de sua identidade afetivo-sexual diversa do esperado pela sociedade. Por sentirem atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto.

Branqueamento Seria a negação da ancestralidade africana pelo negro; uma tentativa de superação de uma suposta inferioridade que sua cor e seus caracteres físicos representavam. Estudos mais recentes apontam uma dualidade nas ideias de branqueamento, na mesma medida em que há um complexo de inferioridade do negro, há um sentimento no branco de certa superioridade.

Branquitude A branquitude é uma função social comum em parte da população mundial, e que coloca o fenótipo europeu no topo da pirâmide social. “Fundamenta-se na herança da colonização e do escravagismo e presume um consenso em torno dessa herança, para reproduzir hierarquias internas. Faz parte de um discurso identitário pouco explícito e não por isso menos poderoso.”

(Liv Sovik, <http://projetos.unioeste.br/projetos/saberes/Diversidade_arquivos/artigos.pdf>)

Bullying Ato agressivo sistemático, envolvendo ameaça, intimidação ou coesão, praticado contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Ocorre geralmente em escolas, porém pode ser praticado em qualquer outro local. Trata-se de ação verbal que pode, em situações extremas, evoluir para agressão física.

Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bullying>

Chat bot são softwares que funcionam dentro de aplicativos de mensagens (como WhatsApp, SMS, Facebook, Messenger, Telegram) e são programados com regras ou inteligência artificial para interagir com o público.

Cidadania Expressa a igualdade de todas as pessoas perante a lei, o pertencimento a uma sociedade organizada. Qualidade do cidadão de poder exercer o conjunto de direitos e liberdades políticos, socioeconômicos do seu país, estando sujeitas a deveres que lhe são impostos. Cidadania pode ser entendida, ainda, como a participação consciente e responsável da cidadã e do cidadão na sociedade, zelando para que seus direitos não sejam violados.

Cidadão Pessoa que pertence a uma sociedade organizada, sendo titular de direitos e obrigações; quem participa da vida social e política através do voto e de outras formas; cidadã ou cidadão do mundo: pessoa que exerce sua participação social e política independentemente de fronteiras.

Cognição Todo processo pelo qual adquirimos ou utilizamos conhecimentos, o que engloba processos como pensar, raciocinar, reconhecer, analisar, categorizar, planejar. Processos pelos quais organizamos mentalmente o nosso meio para, então, compreendê-lo e nos adaptarmos a ele.

Coletividade Designa pessoas reunidas em categorias, classes, constituindo um conjunto, um todo. Nas mobilizações sociais de hoje, a figura de uma coletividade expressa um conjunto de pessoas movidas por um ideal comum. Juntas, pressionam e atuam para a obtenção de um bem coletivo, a exemplo da comunidade de um bairro que vai à prefeitura reivindicar escola, serviços médicos, segurança ou outros serviços e bens coletivos.

Colonialidade Refere-se à mentalidade colonial ainda presente no imaginário popular. Mentalidade que organiza o mundo ainda sob a perspectiva de grupos ou “raças” inferiores e superiores, colonizados e colonizadores. Mesmo que as nações tenham se tornado independentes, as construções mentais provenientes do período colonial são transmitidas de geração em geração. As mentes colonizadas formam a última e a mais duradoura herança colonial.

Compartilhamento não autorizado de nudez ou sexo É o ato de expor fotos ou vídeos de nudez e sexo de uma pessoa, tirados ou compartilhados na internet ou por aplicativos de celular, sem o consentimento dela. Normalmente feito com o objetivo de atacar a reputação da vítima.

Conferências É uma instância de participação social, geralmente convocada pelo poder público e que tem por objetivo institucionalizar a participação da sociedade nas atividades de planejamento, controle e gestão de uma determinada política ou de um conjunto de políticas públicas.

Conflito Situação de disputa de interesses divergentes.

Conselhos de Direitos São órgãos colegiados, permanentes, orientados pelo princípio da paridade, garantindo a representação de diferentes segmentos sociais e tendo por incumbência formular, supervisionar e avaliar as políticas públicas nas esferas federais, estaduais e municipais. Hoje, em praticamente todas as cidades do país existe algum conselho de direitos, sejam eles de educação, saúde, direitos da criança e do adolescente, entre outros. Os Conselhos Municipais, ou populares, são espaços compostos por representantes do poder executivo e da sociedade civil. Metade dos membros são provenientes de órgãos da sociedade civil, enquanto a outra metade são representantes do Estado.

Consenso Um acordo entre pessoas de um dado grupo ou comunidade, onde cada uma tem uma parcela de responsabilidade na tomada de decisão. Alcançar consenso requer a consideração da opinião de cada participante e que a decisão final, seja em um determinado grau, satisfatória a todas e todos.

Constituição É a lei maior do país, a lei fundamental, e nela estão definidas as formas de organização do poder e os direitos individuais, sociais e coletivos, bem como estão indicados os meios para a garantia desses direitos. Todas as demais normas jurídicas do país devem estar de acordo com a Constituição Federal.

Controle Social Conjunto de meios utilizados numa sociedade – positiva ou negativamente – para obter dos indivíduos o cumprimento das normas sociais, morais, religiosas e jurídicas vigentes. Os controles podem ser internos e externos, diretos e indiretos.

Corporeidade Para além das dimensões biológicas, fisiológicas, químicas e físicas que constituem o corpo, a corporeidade é a experiência corporal como realidade fenomenológica, relacional, histórica, cultural, levando em consideração aspectos étnico-raciais, de gênero, raça e classe.

Cotas Uma das muitas formas de ação afirmativa. Especificamente, as cotas têm o objetivo de reverter uma situação de desvantagem histórica, que atinge minorias ou grupos subalternizados, como negros e mulheres, frente à ocupação de cargos políticos, conquistas de vagas no mercado de trabalho ou ao ingresso no ensino superior.

Cota Racial - Cotas raciais são reservas de vagas em vestibulares, provas e concursos públicos, destinados a pessoas de origem negra, parda ou indígena.

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/sistema-cotas-racial.htm#:~:text=Cotas%20raciais%20s%C3%A3o%20reservas%20de,origem%20negra%2C%20parda%20ou%20ind%C3%ADgena.>

Cultura Desde a primeira definição de cultura, de Edward Tylor, em 1871, os antropólogos tentam chegar a um consenso para o conceito. De acordo com Roger Keesing, a cultura pode apresentar três diferentes abordagens: (1) como um sistema cognitivo, com uma análise dos modelos construídos pelos membros de um grupo para compreender o próprio universo. Sendo assim, a cultura é um sistema de conhecimentos e crenças que os indivíduos devem dominar para participar dentro da sociedade em questão; (2) como sistemas estruturais, uma criação acumulativa, produto da mente humana, que estabelece um sistema simbólico. O conceito de cultura também pode ser definido como sistemas simbólicos, um conjunto de mecanismos de controle, como valores, crenças, mitos, relações

que governam o comportamento humano. Clifford Geertz faz a analogia entre um programa de computador e cultura. Para ele, todo homem e mulher nascem geneticamente aptos a receber qualquer “programa”, isto é, toda criança está preparada para ser socializada em qualquer cultura. Será o contexto cultural que limitará essa miríade de possibilidades humanas. Nesse contexto, a cultura funciona como lentes através das quais enxergamos o mundo (Benedict, 1972). Portanto, culturas diferentes fornecem diferentes visões de mundo.

Cyberbullying Usar a internet (por meio de comunidades, redes sociais, e-mails, torpedos, blogs e fotologs) para humilhar e ofender alguém de forma constante. Palavra em inglês que se pronuncia “ssaiberbâliin”.

Deep web O que acessamos, diariamente, como e-mails e redes sociais é chamado de “surface web” ou internet de superfície, é apenas uma parte pequena do que existe na rede. A deep web ou internet profunda é a parte não visível de acesso mais restrito, que só pode ser acessada com softwares mais específicos.

Democracia Uma forma de governo onde o poder supremo é investido no povo e exercitado pelo povo diretamente, ou indiretamente, por meio de um sistema de representação, normalmente envolvendo eleições periódicas. Democracia racial - Essa expressão foi registrada pela primeira vez por Roger Bastide após encontros, no ano de 1944, com Bernanos, no Rio de Janeiro, Jorge Amado, em Salvador, e Gilberto Freyre, no Recife. O resultado foi uma série de artigos intitulada

“Itinerário da Democracia” e publicada no Diário de São Paulo, nos dias 17, 24 e 31 de março. Neste último, ao narrar uma viagem de bonde, durante a visita a Freyre, Bastide escreveu: “Perto de mim, um preto exausto pelo esforço do dia, deixava cair sua cabeça pesada, coberta de suor e adormecida, sobre o ombro de um empregado de escritório, um branco que ajeitava cuidadosamente suas espáduas de maneira a receber esta cabeça como num ninho, como uma carícia. E isso constituía uma bela imagem da democracia social e racial que Recife me oferecia no meu caminho de regresso, na passagem crepuscular do arrebalde pernambucano” (BASTIDE apud GUIMARÃES, 2002). Ainda que inspirador do termo, Freyre utilizou em textos e falas a expressão “democracia étnica”. Somente em 1962, em “O Brasil em face das Áfricas negras e mestiças”, o autor se rende a marcante expressão de Bastide.

Desigualdade Falta de equilíbrio entre duas ou mais partes. Normalmente o termo está relacionado com questões sociais e de acesso a direitos, ao mesmo estilo de vida, a serviços e a oportunidades. Fenômeno que tem a ver com o estabelecimento de hierarquias sociais, diferenças e distinções entre homens e mulheres, classes ou outros grupos sociais.

Desigualdade racial Toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica.

Diáspora Do grego dia, significa dispersão e difusão. Inicialmente utilizado para definir a traumática experiência de exílio dos judeus, o conceito também se refere à experiência de dispersão forçada ou não de armênios e africanos.

Diferenças e desigualdades Diferenças são modalidades do ser – como gênero, etnia, idade –, inerentes à diversidade humana e que não podem ser evitadas pela ação do homem. Ao contrário, as desigualdades – sociais, econômicas, políticas – não são modalidades do ser. Caracterizam-se como produtos históricos e sociais, ou seja, situações passíveis de serem revertidas.

Direitos Humanos Direitos e liberdades básicas a que todas as pessoas têm direito. Os direitos humanos não são privilégios, mas sim o que define a humanidade, independentemente de onde as pessoas moram, suas crenças, suas raças ou cultura. A “Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas” codifica direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais universais.

Discriminação Ação cujo objetivo é separar, apartar, discriminar, dificultando ou impedindo o acesso e a permanência de pessoas e/ou grupos; a discriminação é a dimensão visível do preconceito, seja ele étnico-racial, de gênero, sexualidade, idade, classe social, religiosidade.

Discriminação racial Toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada.

Doxxing É o ato de obter e divulgar, sem autorização, dados privados de mulheres com o objetivo de expor, intimidar e ameaçá-las. Normalmente, os alvos são as mulheres que têm alguma influência na internet.

Educação entre Pares Metodologia da educação de adolescentes e jovens para outros adolescentes e jovens. Um jeito de promover educação, que vem sendo utilizado em todo o mundo, nas ações realizadas entre adolescentes e jovens para pautar os direitos sexuais e reprodutivos e outros temas. Valoriza a troca entre pessoas com experiências semelhantes. Nada mais é do que o(a) adolescente e/ou jovem falar com outro(a) adolescente e/ou jovem do seu jeito, passando as informações e os conhecimentos de que ele(a) dispõem.

Empoderamento Aumento da capacidade de organização do grupo, que possibilita ganhos políticos e alteração das relações econômicas e sociais de hierarquia em que se encontram os indivíduos. Processo de tomada de consciência crítica, conquista e superação por parte de grupos ou pessoas que viviam situações de opressão. Neste sentido, empoderamento significa a conquista da condição e da capacidade de participação, inclusão social e exercício da cidadania.

Empoderamento das Mulheres e Meninas O empoderamento das mulheres e das meninas é superação dos obstáculos da desigualdade estrutural que as colocam em uma posição de desvantagem. O empoderamento social, jurídico e econômico das mulheres e meninas é tanto uma meta quanto um processo. Os meninos e homens, em todos os níveis, podem apoiar ativamente o empoderamento das mulheres e das meninas.

Episteme O conhecimento dito verdadeiro, de origem científica, acadêmico, que se opõe a opiniões sem fundamento ou mesmo a saberes populares.

Epistemicídio Processo de destruição de racionalidade, saberes e culturas que não são assimiladas pela cultura ocidental branca.

Epistemologia Conhecida como a teoria do conhecimento ou teoria da ciência. Estudo dos postulados, conclusões e métodos utilizados nas diferentes áreas do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história.

Equidade Reconhecimento e garantia à igualdade de direito e de oportunidades de cada indivíduo ou grupo na sociedade, que independe da lei propriamente dita, mas de um sentimento do que se considera justo, tendo em vista as causas e as intenções.

Equidade de gênero Igualdade entre homens e mulheres, meninos e meninas, através de medidas que compensem as desvantagens sociais e históricas, e considerem as diferentes necessidades, para que tenham acesso aos mesmos direitos.

Estatuto da Juventude É o marco legal e regulatório dos direitos de jovens no Brasil.

Estereótipo Pensamento ou representação de indivíduos e/ou grupos, produto de ideias preconcebidas, inadequadas e generalizantes, nutridas pela falta de conhecimento real sobre o grupo em questão.

Estética Conjunto de características comuns que se encontram na percepção de todos os objetos artísticos ou naturais e que despertam, universalmente, um sentimento de beleza ou sublimidade.

Estigma De origem grega, o termo significa marca, sinal, mancha. Erving Goffman conceitua estigma como atributos reconhecidos como negativos e utilizados para classificar e desqualificar indivíduos ou grupos. Sexo, sexualidade, cor da pele, deficiência física, religiosidade que diferem daquilo que determinadas sociedades classificam de “normal”, são estigmas sociais.

Estupro Qualquer contato físico ou ato libidinoso contra a vontade da vítima, diante de força ou ameaça, é estupro. Isso vale para sexo vaginal, anal ou oral. E inclui também beijos forçados ou passadas de mão no transporte público, por exemplo. Todos esses casos podem ser punidos por lei com até 10 anos de prisão. Se a vítima for menor de 14 anos, a pena pode ir para 15 anos.

Ética - Diz respeito às relações sociais e morais de determinado grupo social, em determinado espaço físico e temporal. Conjunto de prescrições admitidas numa época e numa sociedade determinadas.

Etnia No sentido contemporâneo, etnia se refere a um grupo ou nação, possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, cujos componentes têm consciência de uma origem e de interesses comuns. Etnia não se refere, meramente, a um agregado de pessoas ou a um segmento da população, mas a um coletivo autoconsciente, cujos indivíduos são aproximados por experiências compartilhadas.

Étnico-racial Conceito que associa aspectos da etnicidade com a ressignificação do termo raça. Etnicidade refere-se, nos dias atuais, à consciência de grupo gerada por uma experiência comum de adversidade econômica, política, cultural; raça enfatiza a necessidade de ressignificar um termo utilizado para hierarquizar grupos fenotipicamente diferentes.

Etnocêntrico Aquele cujas referências de uma cultura são tomadas como superiores. Aquele que interpreta o mundo a partir dos valores de determinada cultura, geralmente aquela em que o indivíduo foi socializado.

Etnomatemática Programa de ensino da Matemática que visa valorizar o saber-fazer de determinados grupos – sobretudo os subalternizados socioeconomicamente –, levando em consideração o contexto social, cultural e político.

Eugenia Movimento social, iniciado pelo inglês Francis Galton, com base em uma ciência aplicada ao melhoramento das potencialidades genéticas humanas. Para Galton, as capacidades mentais eram transmitidas hereditariamente e de forma diferentes em grupos e raças.

Eurocêntrica cujas referências são europeias; que interpreta o mundo a partir dos valores da cultura europeia.

Exploração sexual é caracterizada pela relação sexual de uma criança ou adolescente com adultos, mediada pelo pagamento em dinheiro ou qualquer outro benefício.

Falsa identidade É falsa identidade quando alguém mente sobre seu nome, idade, estado civil, sexo e outras características, para conseguir alguma vantagem ou prejudicar outra pessoa. Pode acontecer numa rede social, por exemplo, se um adulto mal-intencionado criar um perfil fingindo ser um adolescente para se relacionar com usuários jovens.

Família extensa Que congrega várias famílias nucleares, vários casais, ou um outro parente, além do casal e dos filhos, na mesma moradia. Também pode ser compreendida como constituída pela rede de parentes – avós, tios, primos, cunhados, padrinhos – cujos membros estão em contato próximo e contínuo.

Feminismo Pode ser compreendido como um movimento social e político, que tem como objetivo conquistar o acesso a direitos iguais entre homens e mulheres, ou seja sem hierarquias de gênero.

Feminismo negro É compreendido aqui como um movimento social, político intelectual- teórico de mulheres negras empenhado com a mudança social, sobretudo no que se refere à luta antirracismo contra o machismo, sexismo e outras formas de discriminação em um campo ideológico, no qual estão inseridas essas sujeitas.

Fenótipo Manifestação visível ou detectável da composição genética do indivíduo.

Funk Estilo musical oriundo de comunidades negras americanas e difundido internacionalmente, a partir do trabalho de músicos como James Brown e Sly and The Family Stone. Caracteriza-se pelo diálogo, num clima extremamente dançante, entre baixo e bateria, com uma dinâmica seção de metais pontuando, em contraponto, a melodia principal. No Brasil, particularmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o fenômeno funk, surgido na década de 1970 e ganhou grande importância. Mais tarde, por intermédio do hip-hop, transformou-se num dos principais veículos da cultura popular urbana, aglutinando a grande maioria dos jovens negros das cidades. A partir da década de 1990, popularizava-se a modalidade conhecida como “funk carioca”, desvinculada da cultura hip-hop.

Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (Locais do Kindle 2187-2193). Selo Negro Edições. Edição do Kindle.

Gênero Refere-se à forma como somos educadas(os), ou seja, como nossas atitudes, comportamentos e jeitos acabam sendo determinados pelas expectativas que a sociedade tem sobre o que é ser mulher ou homem.

Genética Ciência que estuda a estrutura, a função dos genes e a relação com a hereditariedade.

Gnose Conceito utilizado por alguns autores para distinguir e valorizar os saberes de outras civilizações, de outras formas de conhecimento da episteme ocidental, o dito saber acadêmico, verdadeiro.

Gordofobia Expressão bastante utilizada e que tem como definição informal a aversão e/ou preconceito contra pessoas gordas.

Hackear Hackear uma máquina significa manipular o funcionamento normal dela. Isso é feito usando, normalmente, scripts ou programas que manipulam os dados que passam pela conexão de redes para acessar informações do sistema.

Haters É uma palavra de origem inglesa e que significa "os que odeiam" ou "odiadores", na tradução literal para a língua portuguesa. O termo hater é bastante utilizado na internet para classificar algumas pessoas que praticam "bullying virtual" ou "cyber bullying".

Homofobia Discriminação contra gays em razão de sua identidade afetivo-sexual diversa do esperado pela sociedade, isto é, por sentirem atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo.

Identidade Refere-se ao pertencimento do indivíduo com relação a um determinado grupo social, a partir de afinidades culturais, históricas, linguísticas. Stuart Hall conceitua identidade como uma categoria discursiva que abarca formas de falar, práticas sociais, características físicas, etc., e como tal, é fortemente marcada por disputas de poder. Deve ser compreendida como um processo contínuo e dialético entre o indivíduo e a sociedade, quando o primeiro projeta-se em identidades culturais disponíveis, permitindo fortalecer, manter, modificar ou remodelar a própria identidade. Um indivíduo não apresenta uma única identidade, mas várias, por vezes até contraditórias ou mal definidas. As identidades não são essenciais, unificadas ou permanentes. São construídas por processos histórico-culturais, portanto, dinâmicas.

Identidades afetivo-sexuais Diz respeito à atração/desejo que se sente por outras pessoas, sendo elas: Heterossexual (quem possui afeto e/ou desejo sexual por pessoas do sexo biológico oposto); Homossexual (quem possui afeto e/ou desejo sexual por pessoas do mesmo sexo biológico) – a homossexualidade se subdivide em duas identidades: lésbicas (mulheres que se relacionam afetivo/sexualmente com outras mulheres) e gays (homens que se relacionam afetivo/sexualmente com outros homens); Bissexual (quem possui afeto e/ou desejo sexual por pessoas de ambos os sexos biológicos); Assexual (quem não tem interesse pela atividade sexual. Assexuados e assexuadas podem ter interesse na formação de laços amorosos, mas não sexuais).

Identidades de gênero É a forma da pessoa se perceber em relação ao gênero que possui. Divide-se em três categorias, sendo: cisgênero, quando a pessoa se identifica, em todos os aspectos, com a identidade de gênero atribuída, socialmente, ao sexo biológico de nascimento; transgênero, quando a pessoa possui uma identidade de gênero diferente do sexo biológico de nascimento – homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de submeterem-se as cirurgias para realizarem as adequações que julgam necessárias; e não binária, quando a pessoa não se identifica com nenhum gênero. Não se define nem como homem, nem como mulher.

Ideologia Um sistema de crenças e valores, que explica a sociedade, prescreve o papel do governo e guia indivíduos, movimentos sociais, instituições, classes ou grupos. Conjunto de ideias dominantes na sociedade.

Igualdade É um valor que se estabelece mediante a comparação entre situações e/ou pessoas, é, portanto, uma relação entre dois termos, entre duas ou mais ordens de grandeza. Igualdade está ligada à afirmação do princípio de não discriminação, reconhecendo que todos são iguais perante a lei. Não podendo, portanto, haver discriminações que excluam determinadas pessoas ou grupos do exercício de determinado direito por suas escolhas culturais, sexuais ou religiosas, ou por possuírem características intrínsecas como as de gênero e raça/etnia. Por isso se diz: direito à diferença na igualdade de direitos.

Igualdade de gênero A igualdade de gênero é um direito humano reconhecido, e reflete a ideia de que todos os seres humanos são livres para desenvolver suas capacidades pessoais e fazer escolhas sem limitações impostas por estereótipos, papéis de gênero ou preconceitos. Igualdade de gênero quer dizer que os diferentes comportamentos, aspirações e necessidades de todas as pessoas sejam igualmente considerados, valorizados e promovidos. Também significa a não existência de discriminação, por motivo de gênero, na alocação de recursos ou benefícios, ou no acesso a serviços. A igualdade de gênero pode ser mensurada em termos da existência de igualdade, de oportunidades ou de igualdade de resultados.

Injustiça cognitiva A ausência de elementos no sistema formal de educação, que reconheça, respeite e, efetivamente, incorpore ao imaginário nacional, aspectos intelectuais, morais, emocionais e culturais do universo afro-brasileiro.

Interculturalidade Pressupõe que duas ou mais culturas interajam entre si e se tornem híbridas. Diferencia-se da multiculturalidade, uma vez que, a primeira destaca a interação e modificação das manifestações culturais, enquanto a segunda guarda uma concepção de coexistência, muitas vezes hierarquizadas.

Interseccionalidade Perspectiva de análise que leva em consideração vários planos ou eixos de vulnerabilidade – violência, desigualdade, discriminação –, como gênero, raça, idade, sexualidade, classe, em que indivíduos e grupos se enquadram de forma simultânea. Corresponde, portanto, aos pontos de cruzamento desses planos, as intersecções desses diferentes fatores, que ao se sobreporem intensificam as desvantagens sociais. A interseccionalidade permite verificar a complexidade das situações vivenciadas por indivíduos e grupos, estabelecendo melhores possibilidades de reversão do quadro.

Intolerância Religiosa Toda a distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na religião ou nas convicções religiosas.

Invisibilização Processo de exclusão social que sofre determinados grupos, especialmente os negros. Muniz Sodré afirma que a invisibilidade social do indivíduo aumenta na razão inversa da visibilidade da sua cor. O racismo na mídia seria mantido pela negação, pelo recalcamento, pela estigmatização e pela indiferença profissional, cristalizando preconceitos e esteriótipos.

Juventude Pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Representa o período da vida que se dá entre a adolescência e a vida adulta.

Keyloggers São programas que gravam tudo o que é digitado no teclado de um computador, podendo capturar nomes de usuário e senhas, e até mesmo informações para acessar contas bancárias.

Leis São feitas e aprovadas pelo Poder Legislativo e sancionadas (ou seja, aprovadas) pelo Poder Executivo, podem ser federais, estaduais e municipais. Para que elas tenham coerência entre si, é preciso uma lei maior, que defina os princípios da nossa organização social, política e econômica. Essa lei maior, no Brasil, é a Constituição Federal de 1998, também conhecida como “Constituição Cidadã”. É na Constituição que estão garantidos os direitos humanos universais. Todos os nossos direitos começam na Constituição.

Lesbofobia Discriminação contra lésbicas, em razão de sua identidade afetivo-sexual diversa do esperado pela sociedade e por sentirem atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo.

Linguagem A análise de discursos entende a linguagem como instância mediadora entre o homem e sua realidade social e natural. A linguagem é uma forma de expressão que inclui a língua, música, dança. etc.

Mapa conceitual Conjunto de conceitos formados mentalmente e que funcionam como um sistema de representação mental, que classifica e organiza o mundo em categoria. Para compreender e pertencer a um sistema cultural é preciso compartilhar, aproximadamente, os mesmos universos conceituais e linguísticos. Compartilhar esses elementos é ver o mundo a partir do mesmo mapa conceitual.

Marco civil da internet É a Lei nº 12.965/2014 que regula o uso da internet no Brasil. Ela estabelece os direitos e os deveres dos usuários e das empresas provedoras de acesso e serviços online.

Masculinidade negra Movimento de reflexão política e social sobre ser homem negro, a partir da convocação dos movimentos de mulheres negras.

Fonte: Guia Negro Entrevista

Miscigenação Parte do princípio que existem raças humanas e que algumas são superiores perante outras. No Brasil, até os anos 30 do século XX, a miscigenação era explicada por alguns intelectuais como produtora de seres inúteis. Essa interpretação da condição social brasileira foi, paulatinamente, alterada. Depois da década de 1930, a mestiçagem das “raças” e o consequente embranquecimento da população seria saudada como um dos componentes positivos da identidade nacional.

Minoria Termo que define, dentro de um grupo social, cada um dos subgrupos considerados diferentes do majoritário e dominante, em razão de características étnicas, culturais, etc. No Brasil, pela pouca representatividade política – geradora de desvantagens e de exclusão –, os afrodescendentes são considerados “minoria”, embora constituam cerca de metade da população nacional.

Movimento Social Ação coordenada de um determinado grupo, unido por aspirações comuns, que tem como objetivo o enfrentamento das contradições sociais, mudando as formas ou instituições da sociedade existente.

Mulata Utilizada como elogio, se associa ao imaginário da mulher negra sensualizada. A ideia de pecado também é ainda mais negativa em uma sociedade pautada na religião, como a brasileira. O substantivo vem de “mula”, animal derivado do cruzamento de um burro com uma égua. Era como as filhas bastardas de homens brancos, geralmente Senhores do Engenho, com mulheres negras, geralmente escravas, eram chamadas. Sobretudo, é um termo racista.

Multiculturalismo Reconhecimento da diferença de grupos na esfera pública legal, política e no discurso democrático, em termos de cidadania e identidade nacional.

Multidisciplinaridade Abordagem de um mesmo tema por múltiplas disciplinas, que, apesar de cada uma recorrer à própria óptica, podem articular bibliografias, técnicas de ensino-aprendizagem e métodos de avaliação.

Necropolítica É um conceito desenvolvido pelo filósofo camaronês Achille Mbembe que designa a política de morte por parte do Estado, que possui “mecanismos técnicos para conduzir as pessoas à morte”. Esse processo pode ser através da degradação de territórios (que no Brasil são os territórios periféricos) e/ou com a desintegração social que tornam a morte como uma situação naturalizada. No Brasil, as vítimas dessa necropolítica são a população negra.

Negritude Segundo Nei Lopes negritude é a circunstância de se pertencer à grande coletividade dos africanos e afrodescendentes; o conjunto de valores civilizatórios africanos no continente de origem e na Diáspora.

Negro Denominação genérica do indivíduo de pele escura e cabelo encarapinhado e, em especial, dos habitantes da África profunda e seus descendentes; descendente de africano, em qualquer grau de mestiçagem, desde que essa origem possa ser identificada pela aparência ou assumida pelo próprio indivíduo.

Nude Basicamente significa “nu”, mas o termo em inglês se popularizou para se referir às imagens de nudez e outros tipos de conteúdo íntimos, produzidos, principalmente, com as câmeras dos celulares. Os nudes são contemporâneos das selfies.

Opressão Situações de subalternidade e subjugação vivenciadas por pessoas ou grupos sociais.

Oratura Termo forjado pelo linguista ugandense Pio Zirimu. Refere-se ao acervo de textos orais – poesias, canções, provérbios e narrativas –, que, atualmente, podem ser preservados em suportes literários. Porém, para além de uma vertente da literatura, a oratura apresenta sistema estético, metodológico e filosófico próprios.

Organização Mundial da Saúde É uma agência especializada em saúde, fundada em 7 de abril de 1948 e subordinada à Organização das Nações Unidas. Sua sede é em Genebra, na Suíça. Seu objetivo é construir um futuro melhor e mais saudável para pessoas em todo o mundo, através de escritórios em mais de 150 países, trabalhando em conjunto com governos e outros parceiros para que todas as pessoas desfrutem do mais alto nível de saúde, que pode ser alcançado. Luta contra doenças infecciosas, como a gripe e a infecção pelo HIV, ou doenças não transmissíveis, como câncer e doenças cardíacas.

Pan-africanismo Doutrina de origem norte-americana, no final do século XIX, que exprimia, originalmente, reivindicações dos negros norte-americanos e caribenhos, com foco na luta contra o colonialismo no continente africano. Com as independências, o foco da ideologia volta-se para a luta dos direitos civis.

Pedofilia É um distúrbio do comportamento classificado como uma parafilia. As parafilias representam diferentes formas de perversão sexual. A característica principal de uma parafilia é a recorrência de comportamentos, anseios e fantasias sexuais intensas, geralmente envolvendo objetos não humanos, sofrimento e humilhação de si mesmo ou do seu parceiro, crianças ou outras pessoas, sem o seu consentimento. A pedofilia é a atração sexual compulsiva por crianças e adolescentes. É classificada no DSM IV, livro que define os critérios de diagnóstico, no item F65.4 - 302.2. Pedofilia em si, não pode ser tida como crime, ela é um transtorno da personalidade. Já o abuso de crianças e adolescentes, praticado por pedófilos, é considerado prática criminosa. Portanto, a prática criminosa é a passagem ao ato: dos desejos impulsivos ao abuso sexual. O crime é o abuso de crianças ou produção de pornografia infantil.

Phishing É quando informações particulares ou sigilosas são capturadas por pessoas mal-intencionadas, para depois serem usadas em roubo ou fraude. Isso pode acontecer, por exemplo, se seu pai ou sua mãe recebe um e-mail pedindo para confirmar o número do CPF, ou o login e a senha de acesso ao banco na internet. Com essas informações, o criminoso pode roubar o dinheiro que estiver na conta. Em inglês, pronuncia-se “fíchín”

Poder Pode ser entendido como resultado de um contínuo processo de negociação, fruto de alianças políticas e ideológicas. Poder deve ser legitimado, consentido, negociado, não sendo resultado de uma simples submissão.

Poder Simbólico O Poder Simbólico, segundo Pierre Bourdieu, surge como todo o poder que consegue impor significações que são naturalizadas como legítimas. Assim, os símbolos afirmam-se como os instrumentos de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida.

Política Toda ação humana que busca influir na constituição e no exercício do poder. Forma de organizar, dirigir ou administrar a Nação e o Estado. Arte de governar, aplicando essa arte nos negócios internos e externos da nação.

Políticas Públicas Ações do Estado voltadas para o atendimento de interesses, necessidades e aspirações da cidadã e do cidadão e da coletividade. Referem-se à saúde, à educação, à segurança, ao emprego, à renda, à assistência social, etc. As políticas públicas devem ser formuladas e executadas de acordo com as necessidades e aspirações da população, admitindo-se que a sociedade organizada deva participar de sua formulação e execução.

Pornografia infantil Pornografia infantil é um tipo de violência sexual contra crianças e adolescentes que se refere a qualquer representação, por qualquer meio, de uma criança envolvida em atividades sexuais explícitas reais ou simuladas, ou qualquer representação dos órgãos sexuais de uma criança, para fins, primordialmente, sexuais (Decreto 5.007, de 08/03/2004). A Legislação Brasileira em vigor tipifica como crime as condutas de: "Apresentar, produzir, vender, fornecer, divulgar ou publicar, por qualquer meio de comunicação, inclusive rede mundial de computadores ou Internet, fotografias ou imagens com pornografia ou cenas de sexo explícito, envolvendo criança ou adolescente"

Fonte: Estatuto da Criança e do Adolescente (Art. 241).

Preconceito Atitude desfavorável para com um grupo ou indivíduos que nele se inserem, baseada não em seus atributos reais, mas em ideias preconcebidas. O preconceito racial é uma das molas propulsoras do racismo.

Fonte: LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro (posição 4366-4367). Selo Negro Edições. Edição do Kindle.

Preconceito Racial Significa antecipação, adiantamento, pensamento, ideia, julgamento. No contexto das relações étnico-raciais, o preconceito, produto de informações inadequadas ou incompletas, (re)produz uma visão hostil e generalizante de outros grupos.

Quilombo Aldeamento de escravos fugidos. Em 1740, o governo colonial português, definia como quilombo, todo núcleo reunindo mais de cinco escravos fugidos, mesmo sem nenhum tipo de edificação. A partir dessa definição, constatou-se que o Brasil colonial e imperial conheceu quilombos em praticamente todo o seu território. A existência desses núcleos comprova-se na Amazônia, inclusive em Macapá e na ilha de Marajó; em Mato Grosso, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. De variadas dimensões e estruturados em razão do número de seus habitantes, os quilombos se constituíam de simples agrupamentos armados, até verdadeiras cidades com população de 10 mil a 20 mil habitantes. Em princípio, organizados basicamente para defesa, em muitas ocasiões, entretanto, premidos por necessidades vitais, seus componentes organizavam expedições de ataque a vilas e povoados vizinhos. Os quilombos que constituíam a comunidade de Palmares recebiam, em geral, o nome de seus líderes, da mesma forma que as aldeias de Angola, à época da dominação portuguesa.

Raça Grupo ou categoria ligada a uma origem comum. Inicialmente, o conceito serviu para separar e hierarquizar indivíduos e grupos da espécie Homo sapiens, com base em diferenças biológicas. Atualmente, o conceito de raça é uma construção social. As regras sociais que estabelecem quem é negro ou branco diferem de sociedade para sociedade. Portanto, a raça é histórica e socialmente construída. Em 1935, Huxley e Hadon propuseram que o termo “raça” fosse banido do vocabulário acadêmico, sendo substituído pela expressão grupos étnicos. No entanto, ao empregar, politicamente, “raça”, em vez de etnicidade, recorre-se a força do termo, a fim de denunciar a discriminação racial vigente.

Racismo Conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças e/ou etnias. O termo passou a designar as ideias e práticas discriminatórias oriundas dessa pretensa superioridade.

Racismo Ambiental É a discriminação racial no direcionamento deliberado de comunidades étnicas e minoritárias, para exposição a locais e instalações de resíduos tóxicos e perigosos, juntamente com a exclusão sistemática de minorias na formulação, aplicação e remediação de políticas ambientais.

Racismo estrutural É a formalização de um conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais dentro de uma sociedade que frequentemente coloca um grupo social ou étnico em uma posição melhor para ter sucesso e ao mesmo tempo prejudica outros grupos de modo consistente e constante causando disparidades que se desenvolvem entre os grupos ao longo de um período de tempo.

Racismo sistêmico O racismo institucional, também denominado racismo sistêmico, como mecanismo estrutural que garante a exclusão seletiva dos grupos racialmente subordinados - negros(as), indígenas, ciganos(as), para citar a realidade latino-americana e brasileira da diáspora africana – atuando como alavanca importante da exclusão diferenciada de diferentes sujeitos nestes grupos. Trata-se da forma estratégica como o racismo garante a apropriação dos resultados positivos, da produção de riquezas pelos segmentos raciais privilegiados na sociedade, ao mesmo tempo em que ajuda a manter a fragmentação da distribuição destes resultados no seu interior.

Fonte: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf>

Racismo social Também foi chamado de racismo estrutural, porque, segundo Carl E. James, a sociedade é estruturada de maneira a excluir um número substancial de minorias da participação em instituições sociais.

Fonte: Wikipedia

Rap Gênero de música popular, essencialmente urbana, semelhante a um monólogo ritmado, declamado sobre uma base musical, com alturas aproximadas, geralmente contendo críticas à sociedade.

Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&-t=0&palavra=rap>

Redes sociais São as comunidades online que permitem a comunicação de muitas pessoas ao mesmo tempo, como acontece no Orkut, MySpace, Twitter, Facebook, Google+, Flickr e outros, com a publicação de textos, fotos e vídeos. As comunidades reúnem usuários com os mesmos interesses – futebol, música, jogos, etc. Mas também existem pessoas que utilizam as redes sociais para prejudicar os outros.

Relações Étnico-raciais Termo utilizado acadêmica e cotidianamente para descrever uma categoria particular de relações sociais. Apesar da confirmação genética de que a Humanidade constitui uma única espécie biológica, a espécie Homo sapiens, nas relações do dia a dia as diferenças fenotípicas são levadas em consideração. Portanto, as relações étnico-raciais não são compreendidas como relações entre dois grupos biologicamente distintos, mas sim, entre grupos que utilizam a ideia de “raça” para estruturarem ações e reações nas relações que estabelecem.

Relativismo Cultural É a postura metodológica empregada nas Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia, que consiste em se despir dos valores culturais em que o pesquisador foi socializado, a fim de analisar outras culturas. Pressupõe que costumes, valores e comportamentos sejam examinados no contexto específico do sistema cultural ao qual fazem parte. O relativismo cultural se opõe ao etnocentrismo.

Religião Do Latim, religare, que significa “o fato de se ligar com relação aos deuses”. É a crença na existência de uma ou mais divindades, cujas manifestações seguem dogmas e rituais específicos.

Religiosidade Conjunto de crenças, normas e práticas que estruturam a relação com os deuses de cada religião. Representação - Produção de significado por meio da linguagem, seja ela escrita, falada ou imagética. O significado não é constitutivo das coisas ou dos indivíduos. O significado é construído por uma prática de significância.

Saúde Reprodutiva É um estado de completo bem-estar físico, mental e social, em todos os aspectos relacionados com o sistema reprodutivo e as suas funções e processos, e não de mera ausência de doença ou enfermidade. A saúde reprodutiva implica, por conseguinte, que mulheres e homens possam ter uma vida sexual segura e satisfatória, tendo autonomia para a reprodução, além da liberdade de decidir sobre quando e quantas vezes, ou se deseja fazê-lo.

Saúde Sexual É a habilidade de mulheres e homens para desfrutarem e expressarem sua sexualidade, sem riscos de doenças sexualmente transmissíveis, gestações não desejadas, coerção, violência e discriminação. A saúde sexual possibilita experimentar uma vida sexual informada, agradável e segura, baseada na autoestima, que implica abordagem positiva da sexualidade humana e respeito mútuo nas relações sexuais. A saúde sexual valoriza a vida, as relações pessoais e a expressão da identidade própria da pessoa. Ela é enriquecedora, inclui o prazer e estimula a determinação pessoal, a comunicação e as relações.

Selfie É um tipo de foto onde a própria pessoa se fotografa por uma câmera, ou dispositivo móvel, para ser compartilhada pela web. Geralmente os nudes são selfies tiradas de partes íntimas do corpo.

Senso Comum O senso comum é uma forma ‘rudimentar’ de conhecimento do mundo; são pressuposições que estão implícitas nas conversações e sobre as quais as pessoas, em geral, não questionam.

Sexo Refere-se às características biológicas que identificam uma pessoa como mulher (vagina), homem (pênis) ou intersex (os dois sexos biológicos).

Sexting É fruto da junção das palavras sex (sexo) + texting (torpedo), tem origem inglesa e surgiu para descrever a troca de mensagens de texto por SMS (Short Message Service) de caráter erótico e sexual. O termo é um dos exemplos de uso da Internet para expressão da sexualidade na adolescência. É uma prática na qual as pessoas, incluindo adolescentes e jovens, usam redes sociais, aplicativos e dispositivos móveis para produzir e compartilhar imagens de nudez e sexo. Envolve também mensagens de texto eróticas com convites e insinuações sexuais para namorado(a), pretendentes e/ou amigos(as).

Sextorsão É o ato de ameaçar divulgar imagens íntimas para obrigar alguém a fazer algo, por vingança, humilhação ou chantagem.

Sexualidade Está ligada aos nossos sentimentos, emoções, sensações e desejos. Cada pessoa explora e vivencia sua sexualidade de um jeito diferente.

Sociedade É o conjunto de pessoas que vivem em um país: crianças, adolescentes, jovens e pessoas adultas e idosas que trabalham, estudam, produzem e se reproduzem. Essas pessoas podem se reunir em coletivos, grupos e associações. Também chamada de Sociedade Civil, ela pode controlar e demandar o Estado.

Sororidade A palavra “sororidade” ainda não existe no dicionário. Na prática, ela pode significar também “fraternidade”, que é a solidariedade entre irmãos e irmãs. O significado dessa, ainda nova, expressão no português dos brasileiros, carrega mais que o entendimento sobre ser solícita e estar atenta ao bem-estar de toda e qualquer menina e mulher. São questões que passam pelo que as pensadoras feministas definem como dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Ela pode ser definida como o sentimento que une as mulheres em uma rede de solidariedade, empatia e companheirismo

Stalking É o ato de perseguir, importunar e vigiar alguém de forma persistente pela internet, para incomodar, intimidar e amedrontar a pessoa, fazendo com que ela seja obrigada a mudar sua rotina. Em alguns casos graves, a perseguição vai além da rede e passa para a rua.

Tecnologia Técnica ou conjunto de técnicas para realizar alguma atividade, seja ela cotidiana, artística ou científica.

Territorialidade O conceito de territorialidade está estritamente relacionado a identidade, uma vez que o processo de identificação presume tempo – história, ancestralidade, memória –, e espaço – lugar, recursos, relações sociais, contexto cultural. A territorialidade pode ser compreendida com um sentimento de pertença ao grupo e à área geográfica a que este pertence. A partir da territorialidade, compreende-se o processo de desterritorialização, que envolve indivíduos e grupos, nas mais diversas dimensões: política, econômica, religiosa, familiar. Processo pelo qual as noções indispensáveis para o indivíduo, como origem e pertencimento, esvaziam-se de sentido, perdem significado.

Transfobia Discriminação contra travestis e transexuais em razão de sua identidade de gênero diferente do que a sociedade impõe como padrão. Ou seja, por se comportarem e definirem seu corpo, de maneira oposta ao esperado pela sociedade, para uma pessoa nascida com aquele sexo.

Violação Pode ser entendida como uma ofensa ao direito alheio ou ainda como uma infração da norma legal ou contratual. Em Direito, a violação corresponde a uma quebra, ruptura, rompimento, infração, transgressão, desrespeito, não cumprimento do dever ou obrigação que é imposta por lei.

Violência contra mulher e meninas É qualquer conduta – ação ou omissão – de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher ou menina e que cause danos, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico, bem como perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.

Violência de gênero Violência que sofrem as mulheres e as meninas, sem distinção de raça, classe social, religião, idade ou qualquer outra condição, produto de um sistema social que subordina o sexo feminino.

Violência doméstica Ocorre em casa, no ambiente doméstico, ou em uma relação de familiaridade, afetividade ou coabitação.

Visão de mundo Perspectiva cognitiva, influenciada pelos contextos históricos e culturais.

Vulnerabilidade Se refere a oportunidades desiguais, exclusão social e outros fatores sociais, culturais, políticos e econômicos que tornam uma pessoa mais suscetível.

REFERÊNCIAS

LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro (Locais do Kindle 968-977). Selo Negro Edições. Edição do Kindle.

CASHMORE, Ellis. Dicionário de Relações Étnicas e Raciais. São Paulo: Selo Negro, 2000.

BARROS, José D'Assunção. A Construção Social da Cor: Diferença e Desigualdade na Formação da Sociedade Brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BENEDICT, Ruth. O Crisântemo e a Espada: Padrões da Cultura Japonesa. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERRY, John W.; DANSEN, Pierre R.; SARASWATHI, T. S. Handbook of Cross-cultural Psychology: Basic Process and Human Development. 2nd ed. Allyn & Bacon, 1996.

BOAS, Franz. Antropologia Cultural. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASHMORE, Ellis. Dicionário de Relações Étnicas e Raciais. São Paulo: Selo Negro, 2000.

DUARTE, Daniele Almeida. (Des)territorialidade: Caminhos Percorridos por Trabalhadores Sujeitos ao Processo Migratório Interno e sua Relação Subjetiva com o Trabalho. Disponível em <<http://www.estudosdotrabalho.org/>

anais6seminariodotrabalho/danielealmeidaduarteecristi-naamelialuzio.pdf>. Acesso em 29/10/2010.

DE TAVARES, Julio Cesar. Deconstructing Invisibility: Race and Politics of Visual Culture in Brazil. 2010. GIDDENS, Anthony. Sociologia. 4ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1975.

GOLDMAN, Márcio. Alteridade e Experiência: Antropologia e Teoria Etnográfica. Disponível em <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v10n1/v10n1a08.pdf>>. Acesso em 21/10/2010.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e Anti-racismo no Brasil. São Paulo: Ed.34, 1999.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Democracia Racial in Cadernos PENESB 4: Relações Raciais e Educação. Temas Contemporâneos. Org. Iolanda Oliveira. Niterói: EduUFF, 2002.

HALL, Stuart. Representation Cultural Representations and Signifying Practices (Culture, Media and Identities Series). Glasgow: Sage Publication, 1997.

_____. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

(HERA-Health, Empowerment, Rights and Accountability - Saúde, Empoderamento1, Direitos e Responsabilidade -1999

apud CORRÊA; ALVES; JANUZZI, 2006, p. 45). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf

HOUAISS, Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, 2002.

LARAIA. Roque de Barros. Cultura: Um Conceito Antropológico. 19ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2006.

LIMA, José Júlio Ferreira. O Conceito de Equidade Social como Referencial para Avaliação de Políticas Urbanas. III Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico Balanço das Experiências de Implementação do Estatuto da Cidade. Disponível em <<http://www.ibdu.org.br/imagens/0conceitodeequidadesocial.pdf>>. Acesso em 28/10/2001.

MACÊDO, Tania; CHAVES, Rita. Literatura de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas - Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MELLO, Luiz Gonzaga. Antropologia Cultural. Iniciação, Teoria e Temas. 4ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde sexual e saúde reprodutiva / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. - 1. ed., reimpressão - Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 300 p.: il. (Cadernos de Atenção Básica, n. 26) ISBN 978-85-334-1698-7 1. Saúde sexual e saúde reprodutiva. 2. Educação sexual. 3. Políticas públicas em saúde. Título. Disponível em: [\[es/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf\]\(#\)
MODOOD, Taraq. Multiculturalism. Malden, USA, Polity Press, 2007.](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicaco-</p></div><div data-bbox=)

MUNANGA, K. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. Disponível: < <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Umaabordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>> Acesso em: 20 Out 2018.

PEIRANO, Mariza G.S. A Alteridade em Contexto: A Antropologia como Ciência Social no Brasil. Disponível em< <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie255empdf.pdf>> Acesso em 21/20/2010.

PEREIRA, William Cesar Castilho. Corporeidade, Afetividade e Novas Tecnologias. Disponível em <http://www.pucminas.br/documentos/william_cesar_corporeidade.pdf>. Acesso em 28/10/10.

PINHO, Patrícia Santana. Descentrando os Estados Unidos nos Estudos sobre Negritude no Brasil. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000300003>. Acesso em 19/10/2010.

PIRES, Marília Freitas de Campos. Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade no ensino. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v2n2/10.pdf>>. Acesso em 19/10/2010.

SANTOS, S. Boaventura. Pela Mão de Alice. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

LOPES, Nei. Dicionário Escolar Afro-brasileiro (Locais do Kindle 968-977). Selo Negro Edições. Edição do Kindle.

CASHMORE, Ellis. Dicionário de Relações Étnicas e Raciais. São Paulo: Selo Negro, 2000.

BARROS, José D'Assunção. A Construção Social da Cor: Diferença e Desigualdade na Formação da Sociedade Brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BENEDICT, Ruth. O Crisântemo e a Espada: Padrões da Cultura Japonesa. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERRY, John W.; DANSEN, Pierre R.; SARASWATHI, T. S. Handbook of Cross-cultural Psychology: Basic Process and Human Development. 2nd ed. Allyn & Bacon, 1996.

BOAS, Franz. Antropologia Cultural. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASHMORE, Ellis. Dicionário de Relações Étnicas e Ra-



PROMUNDO

**COMIC
RELIEF**

**kinder
not
hilfe**



Alegria  *ahoi!*